

O SÉCULO

# ilustrado

Nº 1648 • 2-8-69 • preço 5\$00



**OS POBRES  
MORREM  
MAIS CEDO**

**CONCURSO S.L. TRÊS DADOS PARA VOCE!**

*no dinâmico mundo de hoje...*

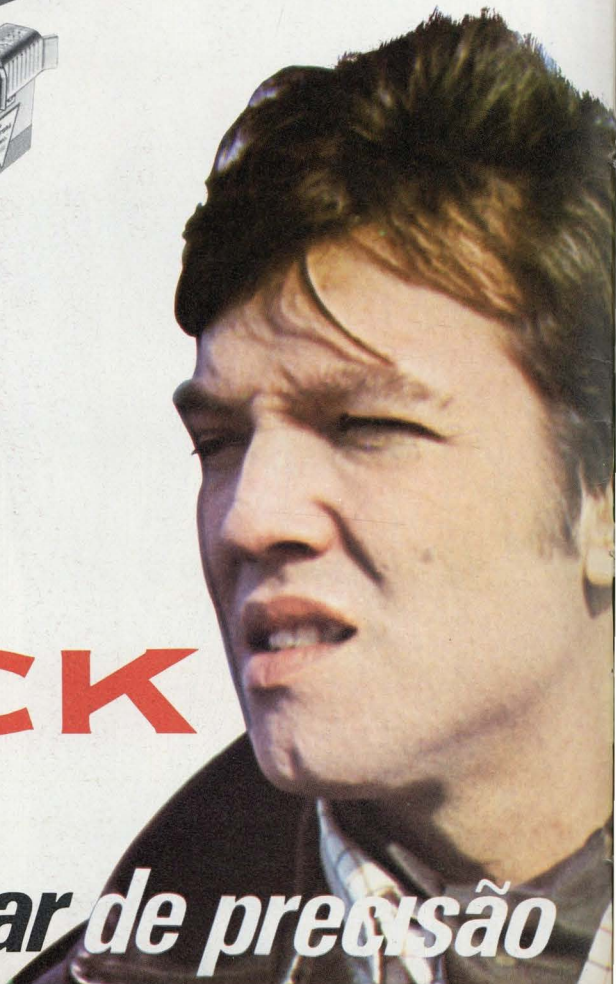


*Schick injector é a solução ideal para um barbear rápido e prático. Uma lâmina especial de aço inoxidável, um só gume, encaixa instantaneamente no ângulo exacto de corte—o ângulo que permite rapidez no barbear sem prejuízo da suavidade característica do aço especialmente tratado das lâminas Schick.*

# SCHICK

## Injector

*para um barbear de precisão*



## NESTE NÚMERO:

### «S. I.» ACTUALIDADES

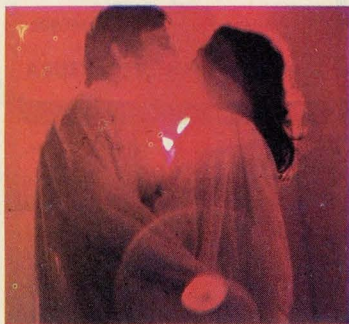
A viagem à Lua .....	Pág.	38
D. Juan Carlos: reacções à investidura do novo príncipe de Espanha .....	Pág.	40
Ted Kennedy .....	Pág.	42

### REPORTAGEM «S. I.» DA SEMANA

Os pobres morrem mais cedo .....	Pág.	18
----------------------------------	------	----

### «S. I.» REPORTAGENS

Os grandes criminosos portugueses: «Pêra de Satanás» .....	Pág.	25
Os excêntricos ingleses (segunda parte) .....	Pág.	34



«CEREBRUM» É UMA CURIOSA SOCIEDADE SECRETA: OS SEUS MEMBROS REÚNEM-SE NUMA GRANDE SALA, ENVERGAM LONGAS TÚNICAS BRANCAS TRANSPARENTES E ABANDONAM-SE «À LIBERDADE». SE QUER MAIS PORMENORES, VEJA NA PÁG. 32.



KIM IL SUNG, «O MAO TSÉ TUNG DA COREIA DO NORTE», É UM PERSONAGEM POUCO CONHECIDO FORA DO SEU PAÍS. POR ESSA RAZÃO, TEM GRANDE INTERESSE A REPORTAGEM QUE, SOBRE ELE, PUBLICAMOS NESTE NÚMERO. É UM MUNDO NOVO QUE LHE DESVENDAMOS NA PÁG. 29.



MIREILLE DARÇ, É INCONTESTÁVEL, TORNOU-SE UM NOVO FENÓMENO DO CINEMA FRANCÊS. A ELEGANTÍSSIMA MIREILLE, PARA QUEM O AMOR É UMA DAS BELAS-ARTES, SIMBOLIZA PERFEITAMENTE A NOVA VAGA DAS ACTRIZES EM VOGA. PODE VER O SEU CORPO ESBELTO NAS PÁGINAS CENTRAIS.

## ... E AINDA

Há 30 anos .....	Pág.	4
TV .....	Pág.	6
Humor .....	Pág.	8
«S. I.» da próxima semana .....	Pág.	10
Extra .....	Pág.	11, 13, 15 e 17
Policitestes .....	Pág.	47
Palavras cruzadas .....	Pág.	48
Horóscopos .....	Pág.	50
Pop .....	Pág.	52, 53 e 54
Os nossos comentaristas .....	Pág.	55, 57, 59 e 61
Teatro e cinema .....	Pág.	62
Sábado a sábado .....	Pág.	63, 65, 67 e 69
Strippy .....	Pág.	70

# si HÁ 30 ANOS

## O PADRE CRUZ GRANDE FIGURA DO CLERO PORTUGUÊS

No dia 5 de Agosto de 1939, «S. I.» publicou uma página dedicada ao padre Cruz que, naquela altura, completou 80 anos. Eis uma passagem do texto que acompanhava diversas fotografias: «Padre Cruz corre as cadeias, os hospitais, as vielas, os pântanos de todos os vícios, para ressuscitar vidas, para salvar almas. As suas mãos, na sua larga existência de sacerdote têm saciado todas as sedes. Quem o vê passar, quem recebe as suas falas, ajoelha, pelo menos em pensamento, convencido de que Deus anda pelo Mundo em figuras como a do padre Cruz, esse velhinho de 80 anos, que tem sempre um pão e uma prece para todos os desventurados.»



DIRECTOR: FRANCISCO MATA

**CHEFE DA REDACÇÃO:** Botelho Tomé. **REDACÇÃO:** Guedes de Amorim, Manuel de Lima, João Corregedor, Carlos Plantier, Conceição Gomes da Silva, Joaquim Gaio, Paulo Figueira, Duarte Figueiredo. **SECRETÁRIAS DA REDACÇÃO:** Maria dos Anjos Mendes, Lucília Duarte. **REPORTAGEM FOTOGRAFICA:** Eduardo Gageiro, António Xavier, Augusto Cabrita, Beatriz Ferreira, Fernando Baião, Abel Fonseca. **ARRANJO GRÁFICO:** Baltazar Ortega, Luís Filipe da Conceição, José Araújo. **COLABORADORES PERMANENTES:** Carlos Ferrão, Leopoldo Nunes, Luís Alves, Pedro Alvim, Roby Amorim, Manuel Figueira, Manuel Alves Matias, Etevínia Lopes de Almeida, Edmundo Nery Motrena, Álvaro Duarte de Almeida, Lauro António, Carlos Pinhão, Ruben Tristão de Carvalho, Mário do Amaral, Mário do Rosário. **COLABORADORES:** Maria Helena de Freitas, Maria Antónia Palla, Manuela Martins, Olga Serra Cruz, José Mensurado, Artur Varatojo, Aníbal Mendonça, Óscar Alves, Francisco Santos. **PUBLICIDADE:** Mário Vidreiro. **ASSINATURAS E AGÊNCIAS:** António da Silva Neto, Eugénio Costa. **EDITOR:** Fernando Castro. **Edição semanal de «O Seculo».** Redacção e Administração: R. de «O Seculo», 41-63 — Lisboa-2. Tel. P. B. X. 36 27 51 — Oficinas: R. de «O Seculo», 59. Sucursal no Porto: R. Sá da Bandeira, 5. **PROPRIEDADE:** Sociedade Nacional de Tipografia.

ilustrado

Ano XXXII-N.º 1648-Preço 5\$00  
2 DE AGOSTO DE 1969  
SAI AOS SÁBADOS  
PREÇO DE ASSINATURAS

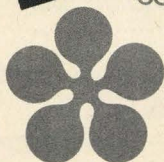
Continente e ilhas:  
trimestral, 65\$00; semestral,  
120\$00; anual, 230\$00  
Províncias Ultramarinas, Espanha  
e Brasil: semestral, 130\$00;  
anual, 240\$00  
Estrangeiro: semestral, 160\$00;  
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA

camisas  
pijamas  
blusas  
saias

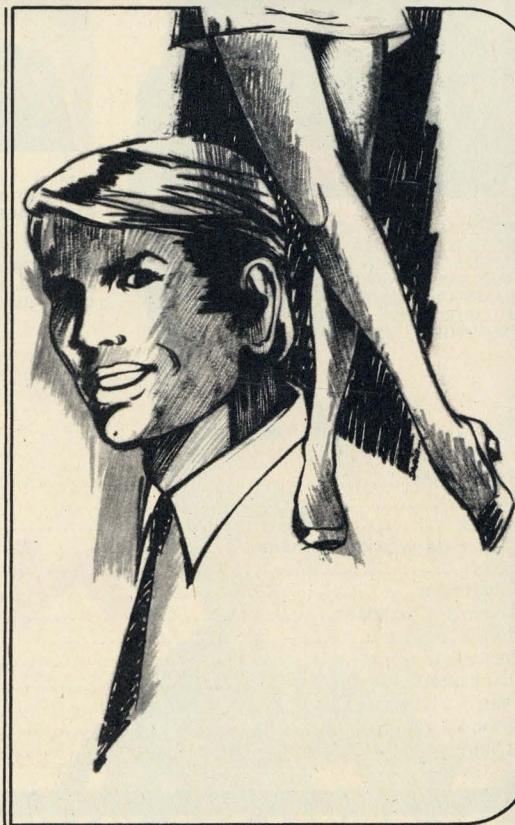
# CORTEL

CONFECCOES TEXTEIS  
SANTO TIRSO



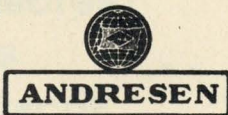
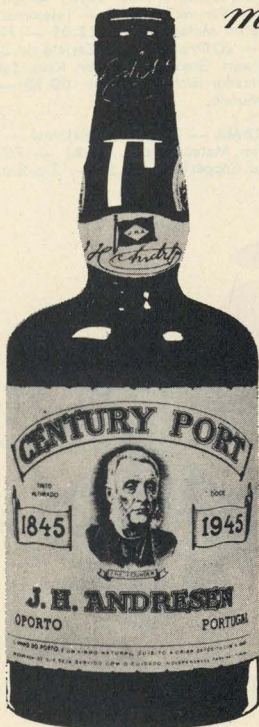
## um brinde da moda

CANAL 1



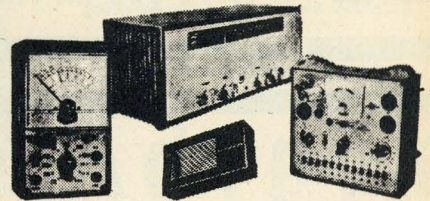
EST. 1845

*Mais de  
um século.  
de reputação  
mundial*



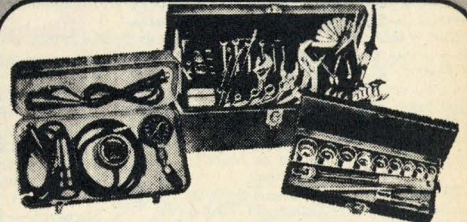
# GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE O SEU FUTURO!

Melhore seu emprego e aumente sua renda!  
Aprenda em seu lar — Nas horas livres



## TELEVISÃO, RÁDIO E ELECTRÓNICA

Torne-se técnico em Rádio, TV, Electrónica Industrial, FM, Difusão, Sistemas de Alta Fidelidade, Registro de Som, Etc.  
Receberá DOIS RÁDIOS um de válvulas e outro de TRANSISTORES, SOLDADOR e DOIS PROVADORES um de VÁLVULAS, outro de CIRCUITOS.



## MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL

Prepare-se em Reparação, Conservação e Ajustagem de Motores, Transmissões Automáticas, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Receberá ANALISADOR, INDICADOR DE PRESSÃO, LÂMPADA DE SINCRONIZAÇÃO, FERRAMENTAS E CHAVES.



## INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS

Aprenda a LER, ESCREVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente com DISCOS e LIÇÕES. Assegure-se um posto importante e bem remunerado. Receberá LIÇÕES, EXERCÍCIOS, AUDIÇÕES FONOGRAFICAS, DICCIONÁRIO BILÍNGUE, ETC.



**V. S. PODE PAGAR EM  
MOEDA DE SEU PAÍS**

**NATIONAL SCHOOLS**  
4000 South Figueroa Street  
Los Angeles, Calif., U.S.A.

**NATIONAL SCHOOLS**  
MUNDALMENTE RECONHECIDA DESDE 1905

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

4000 So. Figueroa St. Depto. P.J.X.3.P.91-A  
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90037

Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

Rádio,  Mecânica  Inglês  
Televisão Automotriz Prático

Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

MANDE ESTE CUPAO  
HOJE MESMO

Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

# D

15.00 — Eurovisão — Grande Prêmio de Automóvel da Alemanha. 19.00 — Abertura e Desenhos Animados. 19.45 — Barreira de Sombra — Programa de Actualidades Tauromáquicas. 20.00 — TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso. 20.35 — Notícias do Espectáculo. Magazine do Teatro, Música e Bailado. 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.35 — TV Mundo. 22.30 — «O Chefe Ironside» — Série policial, com Raymond Burr, James Gregory, Don Galloway, Janet McLaughan, Barbara Anderson e Don Mitchell. 23.30 — Domingo Desportivo — Reportagem dos principais acontecimentos do dia. 23.40 — Marcha do Mundo.

**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.30 — TV 7. 21.55 — Noite de Cinema — «Doído com Juízo», com os intérpretes principais Gary Cooper e Jean Arthur. Realização de Frank Capra.

# 2

19.02 — Série Juvenil — «O Bom Gigante». 19.45 — Relatório da Ciência e da Técnica. 20.10 — Entrevistas e comentários aos principais acontecimentos da actualidade desportiva. 20.30 — Tempo Internacional. 21.00 — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.35 — Imagens da Poesia Europeia, por David Mourão Ferreira. 21.55 — Zip-Zip. 23.30 — A Marcha do Mundo.



**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.30 — Folhetim — David Copperfield. 21.55 — Fados, com Nu-

# 3

no Aguiar e Adriana Franco. 22.15 — Série Policial — «Porta 77», com Efreim Zimbalist Jr., Roger Smith, Edward Burns e Kathleen Crowley. 23.00 — Grande Plano.

19.02 — TV Educativa — Educação Musical — Música em Férias. 19.50 — Expedição. 21.00 — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.35 — TV Clube, com Valério Silva, Natércia Maria e Lenita Gentil. 22.05 — «O Último Comboio para Sacramento», com Richard Long, Peter Brock, Lee Majors, Linda Evans, Barbara Stanwyck — Realização de Arnold Laven. 23.05 — Cinema sem Estrelas. 23.35 — A Marcha do Mundo.

**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.30 — Viagens sem Passaporte. 21.55 — Concerto para Jovens. 22.50 — Crónica. 23.05 — Hollywood Playhouse — Força de Vontade.

# 4

19.02 — Desenhos Animados. 19.45 — Quer Saber?... Então Pergunte! 20.15 — Programa Feminino 20.30 — Portugal de Hoje. 21.00 — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.35 — Fados e Guitarradas, por Herminia Silva. 21.55 — Noite de Teatro — «A Madame Alegria», de Luis Fernandez e Rafael Sepúlveda. 00.10 — A Marcha do Mundo.

**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.30 — Folhetim — David Copperfield. 21.55 — Se Bem me Lembro. 22.10 — «A Nossa Agente Especial». 23.05 — TV Clube.

# 5

19.02 — TV Educativa — Ginástica. 20.05 — Concerto pelo Quarteto do Porto, constituído por Carlos Fontes e A. da Cunha e Silva (violinistas), José Luís Duarte (violista) e Carlos

de Figueiredo (violoncelista). 21.00 — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 22.00 — Reportagem do Exterior. 23.45 — Marcha do Mundo.

**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.30 — Notícia do Espectáculo — Magazine do Teatro, Cinema, Música e Bailado. 21.50 — Série Dramática — «O Mundo Paralelo». 22.50 — Em Foco. 23.15 — Imagens da Poesia Europeia.

# 6

19.02 — Nos Bastidores da Aventura. 19.45 — A Criança Perante a Vida. 20.05 — Cartaz TV. 20.35 — Turismo. 21.00 — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 22.05 — Noite de Cinema — «O Prisioneiro do Castelo de Zenda», com Stuart Granger, Deborah Kerr, James Mason. Realizador Richard Thorpe. 00.10 — A Marcha do Mundo.

**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.31 — Folhetim — David Copperfield. 21.55 — Zip-Zip.

# S

19.00 — Juventude no Mundo. 20.00 — Teledesporto. 20.30 — Série Juvenil — «A Última Viagem». 21.35 — TV Clube. 22.05 — TV 7. 22.35 — «O Fugitivo». 23.35 — A Marcha do Mundo.

**II PROGRAMA — 21.00** — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. 21.30 — Os Campeões. 22.20 — Tempo Internacional. 22.50 — TV Mundo.



televisores  
rádios  
gira-discos

TELEFUNKEN

EMAGRECER já não é problema de  
fome, de fadiga, nem de dinheiro.



O Produto Dietético mais activo,  
prático e revolucionário do século XX

Aprovado pelo ROYAL DIETETIC INSTITUTE

Um dos mais famosos Institutos de Dietas do mundo

# Adypok

**Emagrece sem choque**

**Perdas de peso de 1 a 3 quilos por semana.**

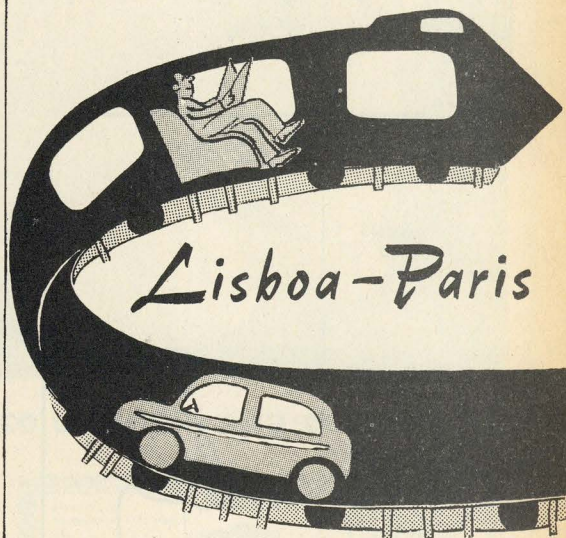
**Embalagem (tipo ensaio) de 10 refeições 27\$50**

**Embalagem normal de 25 refeições 62\$50**

Peça em postal literaturas grátis à *FAL* - Apartado 2.142 - LISBOA

SERVIÇO

*Auto-Expresso*



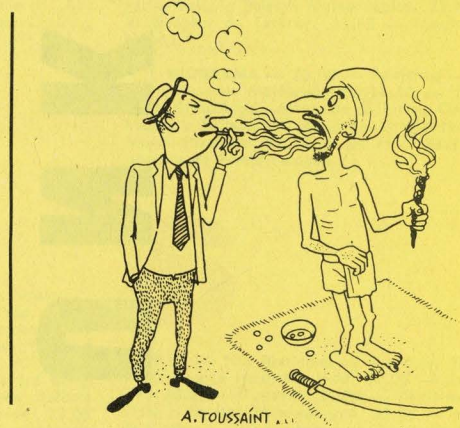
AGORA TAMBÉM O SEU AUTOMÓVEL  
PODE VIAJAR DE COMBOIO

ENTRE

**LISBOA E PARIS**

PRESTAM-SE INFORMAÇÕES NO  
SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA







LATINA

com **Bio-tex**  
 não perde tempo  
 com a roupa



## Dê ao seu filho todo o conforto e toda a sua companhia

O sorriso dele quer dizer alegria. Quer dizer conforto. Conforto com a roupa que veste. Nada como Bio-Tex para tratar da sua roupa. Bastam apenas 20 minutos para que o Bio-Tex, sozinho, a torne macia, aveludada e imaculadamente limpa.

Ponha uma chávena de Bio-Tex no tanque ou meia chávena na máquina, ou uma colher de sopa se for num alguidar, com água quente. Ponha a roupa. Bio-Tex tem enzimas, substâncias biológicas que dissolvem na água toda a sujidade e mesmo as manchas mais difíceis: de ovo, leite, gorduras, suor, chocolate, molhos, óleo, etc.

Não esfregue. Na maioria dos casos basta passar a roupa por água limpa. Assim dura muito mais.

**Bio-tex**  
 torna a lavagem quase desnecessária

Na compra de qualquer embalagem de



**Vale**  
**2\$00**

Troque-o no seu fornecedor habitual

(Carimbo)

Senhor Comerciante este vale será remido pelo nosso representante na próxima visita.



NO **si** DA PRÓXIMA SEMANA



fale  
mais  
perto...  
com  
halazon  
*spray oral*

Um hálito fresco aumenta o seu encanto pessoal e permite-lhe sentir-se à vontade em todas as situações. Halazon, depois de comer, beber ou fumar, oferece-lhe a vantagem de falar, sorrir e... continuar a agradecer!

HALAZON aplica-se facilmente (basta um gesto discreto) e cabe na mais pequena das suas algibeiras.



**halazon**<sup>®</sup>  
SPRAY ORAL



Mais de 200  
pulverizações

**UM HÁLITO FRESCO...  
MESMO TÃO PERTO!**



No mundo das falsificações, tudo pode ser falsificado... incluindo um certificado de autenticidade, para os que gostam de defender-se dos falsificadores... O «S. I.», em artigo exclusivo para Portugal, revela aos seus leitores, no próximo número, os segredos desse mundo fascinante, através do testemunho do falsificador de obras de arte David Stein, que até ser desmascarado pintou «obras-primas dos grandes mestres» que renderam cerca de 30 mil contos

O americano Alex anos em prisões Dinces passou 5 russas. Porquê? Aproveitando a sua passagem por Portugal, «S. I.» conversou com ele. A entrevista, com uma dramática narrativa do próprio sobre a sua aventura na U. R. S. S., será publicada na próxima semana



Sabe quem é «Papa Doc»? No Haiti não há quem o ignore. Se quer saber tudo sobre este «presidente vitalício» e os seus curiosos métodos, leia o «S. I.» da próxima semana

## RODRIGUES JÚNIOR recebeu o prémio «Ricardo Malheiros»



Cavadores de papel do jornalismo e da novelística, o relógio da justiça e da celebridade marcou hora exacta para um dos vossos! Rodrigues Júnior veio de Lourenço Marques a Lisboa para receber o «Ricardo Malheiros» de 1968. O mais reputado prémio para o jornalista-escritor mais modesto de Portugal; o maior galardão literário para um dos maiores escritores portugueses do nosso tempo. Bem merecidamente. «Consciente da sua missão de alto escritor e jornalista, no tempo e espaço em que lhe é dado viver, Rodrigues Júnior continua a trabalhar com talento e tenacidade, alma e elevado espírito de justiça, sempre conscientemente desmistificador, como se prova pelos dois recentes

livros publicados.» (Palavras do comentador literário deste semanário, em 17-5-69, a propósito dos volumes «O Homem Negro das Regiões ao Sul do Save» e «Era o Terceira Dia de Vento Sul»). Pois «Era o Terceiro Dia de Vento Sul» foi a obra que o douto júri da Academia das Ciências de Lisboa distinguiu com o sempre reputado «Ricardo Malheiros». Dizia ainda o nosso comentarista: «Breves narrativas e pequenos contos, fundamentam-se em experiências, se se quiser em vivências do romancista de «Muende», datados de há muito ou de há pouco, mas todos na unidade de um estilo depurado e de um conteúdo sério e convincente.» O livro escorre África, do princípio ao fim, acrescenta-se agora. Com inteira verdade. Se há uma constante medida do esforço português, com raízes históricas e expressões actuais, rumo ao futuro, bem integrada nos largos avanços da Humanidade, aceite-se sem qualquer reserva que esse ingente esforço tanto se concretiza no nosso espaço metropolitano como no nosso espaço ultramarino. Na frente de todos, fiel, integralmente fiel ao seu destino de obreiro da palavra, encontra-se em verdade Rodrigues Júnior.

A Academia, que favores nunca dispensa com os prémios que confere, não foi chamá-lo da obscura retaguarda para o colocar em relevo entre os mais salientes escritores. Encontrou-o no lugar que desde há muito ocupa, na dianteira. Premiou, por consequente, num livro de excepção, igualmente uma longa e variada obra. Todos felicitamos, pois, calorosa e merecidamente, Rodrigues Júnior. Provou a Academia, uma vez mais, que não é preciso residir em Lisboa para alcançar o almejado «Ricardo Malheiros». Lisboa não tem quaisquer exclusivos, a não ser o da mediocridade, porque até o Chiado, afinal, está desacreditado. Rodrigues Júnior recebeu das mãos do prof. Mosés Amzalak o prémio dos prémios. Recebeu-o de pé e agradeceu-o de pé, também. Homem simples e humilde, por isso homem digno como sempre. Acompanharam este solene momento de consagração, pelo menos em espírito, todos os escritores não despeitados de Portugal. Faltaram só os vegos e os amargos, como de costume. Porém, estes são dos que sempre faltam quando se exalta, num homem em frente, as nobres contribuições da Pátria para mais largos e humanos horizontes do Mundo.

## MORREU WALTER GROPIUS O PAI DA ARQUITECTURA MODERNA

Walter Gropius, um dos mais brilhantes preconizadores da arquitectura moderna, morreu no dia 5 de Julho, no hospital de Boston. Tinha 86 anos e desde 1933 que residia na América. A opção por este país como sua segunda pátria foi motivada pelo advento do nazismo na Alemanha que, nessa ocasião, forçou muitos homens ilustres a seguir o destino do exílio.

Walter Gropius foi o fundador da célebre escola a Bauhaus, cuja influência se tem feito sentir em todo o Mundo durante 50 anos.

Podem mesmo dizer-se que é raro alguém não ter em casa um produto Bauhaus ainda que desconheça a sua origem. Uma mesa, uma cadeira, um candeeiro Bauhaus, são hoje objectos muito divulgados.

Fundada em 1919, a escola Bauhaus encontrou o pior clima que pode imaginar-se, por motivos políticos que foram tão graves para a escola de Gropius como o foram depois para a própria Alemanha.

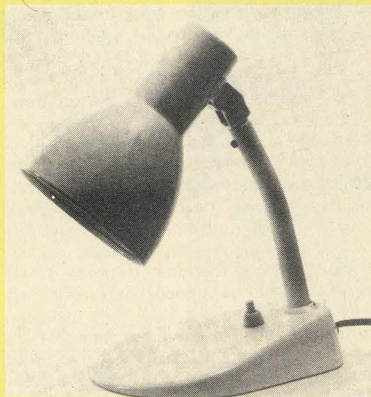


A Bauhaus vinha numa linha de modernidade que deveria continuar uma trajetória admirável se, entretanto, os homens do nacional-socialismo chefiado por Hitler não tivessem feito a sua devastadora intervenção. O primeiro passo foi dar às manifestações da arte moderna a etiqueta de arte degenerada. «Ateliers» foram fechados por ordem da polícia e, escusado será dizer que o mais revolucionário centro de actividade criadora, a Bauhaus, seria aquele que deveria receber o golpe mais decisivo. Goering, ministro de Hitler, tornou-se inimigo fidalgo da escola.

### Resumo histórico

Na Primavera de 1919, Gropius foi chamado a Weimar para aí fundar a Staatliches Bauhaus (casa da construção). No dia 10 de Abril de 1933, 200 polícias invadiram a Bauhaus. Depois de meses instalada provisoriamente numa velha fábrica de Berlim, a polícia investiu de novo. Foram presos 32 estudantes e selado o local.

O começo e o fim da Bauhaus coincidem com o início da primeira Re-



CANDIEIRO PRODUZIDO EM SÉRIE A PARTIR DE 1931, SEGUNDO UM DESENHO DOS ARQUIVOS DA BAUHAUS

pública alemã. Viveu catorze anos, tendo que mudar de residência por duas vezes. Pode parecer paradoxal que esta instituição, moderna entre todas, se tenha instalado em duas velhas residências, em cidades pequenas, quando o que seria de esperar era encontrá-la numa grande cidade. De todas as vezes, foi uma maioria republicana que fez apelo à Bauhaus, e de todas as vezes foram os nazis que a escorraçaram. Mas na sua cega hostilidade, os nazis fizeram com que a Bauhaus saísse sempre vitoriosa nas eleições.

Porém, a confusa ideia que os nazis faziam de tão extraordinária instituição havia de levá-los a destruir, não os princípios, que eram indestrutíveis, mas a sua vida civil. Para os nazis, a Bauhaus era uma fonte de arte degenerada, um viveiro de cultura bolchevista.

Meio século passou depois deste período de obscurantismo, e essa arte, outrora perseguida, foi tão assimilada como tinham sido os estilos históricos. Essa arte conquistou o mundo, e mesmo os países mais hostis acabaram por sofrer a sua influência.

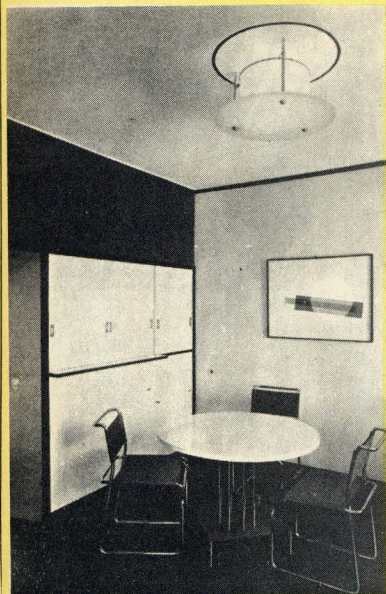
A lista das obras em todas as línguas, consagradas a Bauhaus, aumenta de dia para dia. A Bauhaus tornou-se um conceito internacional, o seu nome nem sequer é traduzido. Mau grado a breve existência, é considerado hoje um acontecimento excepcional na história da cultura e está envolta numa aura de lenda.

O que distingue a Bauhaus de todas as outras academias e escolas de arte

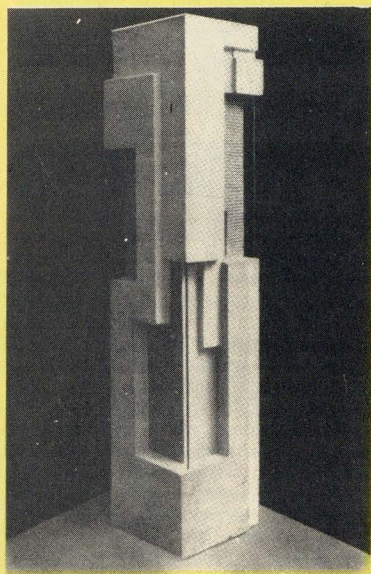
é definido por um grande artista dessa escola, Oskar Schlemmer, que disse: A verdadeira estrutura da Bauhaus exprime-se na pessoa do seu chefe. E essa expressão resumia-se nisto: nenhuma submissão a qualquer dogma; permanente abertura a tudo que fosse novo, a tudo que agitasse o mundo, e reduzir tudo isso a um denominador comum para criar um código.

### A luta pela sobrevivência

Desde o primeiro dia, a Bauhaus teve que lutar para sobreviver e foi sempre Gropius quem sustentou essa luta. A última foi quando teve de partir para Dessau, mais uma vez perseguida pelos nazis, e Gropius foi seguido pelos estudantes. De facto, a Bauhaus tinha-se transformado numa comunidade de combate. Na inauguração das novas instalações, Gropius declarou: Graças à firmeza dos mestres e dos estudantes, a Bauhaus prossegue o seu caminho e hoje podemos verificar com satisfação que as ideias da Bauhaus têm engendrado um movimento que se estende para além das nossas fronteiras e que se reflecte nas estruturas da vida moderna.



SALA DE JANTAR CHAMADA «MOHOLY». CONCEPÇÃO DE MARCEL BREUER



ESCULTURA ARQUITECTURAL FEITA EM 1922 POR KURT SCHWITTERS

Mas Walter Gropius acaba este discurso fazendo apelo à sua grande convicção das equipas: «Um homem só nunca poderia criar este movimento!»

Gropius preconizou sempre o espírito de equipa. Mas também é preciso não esquecer que dificilmente se encontra uma equipa como a que se reuniu na Bauhaus: Klee, Kandinsky, Schlemer, Moholy-Nagy, Breuer, Mies von der Hoher, para falar apenas nos nomes mais divulgados.

A emigração, embora tenha sido dura para os homens, ajudou no entanto numa parte essencial à difusão das ideias da Bauhaus. Hoje, em mais de 30 países, exercem a sua actividade antigos alunos da Bauhaus.

### As voltas que uma ideia dá

É curioso verificar esta ironia do destino que fez com que uma ideia, que está na base da construção das novas cidades, tenha partido da Europa para atravessar o Atlântico e só depois disso regressar ao ponto de origem, vitoriosa. As novas cidades alemãs, depois da derrocada do nazismo, que tanta hostilidade levantou, têm um cunho Bauhaus, como têm, na generalidade, quase todas as que não fugiram à influência dos Estados Unidos. Por uma necessidade que se compreende, se remontarmos ao clima da Alemanha de Hitler, a maior parte dos mestres e alunos da Bauhaus encontraram na América o campo que possibilitava a expansão das suas ideias e da sua actividade profissional. Por outro lado, as mais recentes manifestações artísticas da América acusam uma influência dos princípios defendidos pela gente da Bauhaus.

Walter Gropius manteve sempre a opinião de que a arquitectura, numa idade industrial, deve tirar vantagens dos métodos de indústria e de produção. A sua arquitectura é a arquitectura da máquina com o aproveitamento das formas mecânicas: esferas, cones, cilindros e cubos. Para Gropius, a solução dos problemas levantados na arquitectura contemporânea pela explosão das populações está na standartização das partes componentes, reunidas e combinadas de diferentes maneiras.

Para comemorar o 50.º aniversário da fundação da Bauhaus, os alemães organizaram uma grande exposição itinerante que já foi apresentada em Londres e em Paris. Parece que, infeliz-

mente, essa exposição, que tanto tem de artístico como de didáctico, não nos dá as honras da sua visita. Quais os motivos, não sabemos. De qualquer modo, a exposição obteve um êxito extraordinário. Teve a vantagem de informar das ramificações que se notam em todos os sectores da vida urbana do nosso tempo. A exposição foi dedicada a Walter Gropius.

### O arquitecto frente à sociedade

É Walter Gropius quem define a situação do arquitecto na sociedade actual: «Eu tinha já encarado a minha situação como arquitecto antes da primeira guerra mundial. A prova está na fábrica Fagus, de 1911, e na exposição Werkbund de Colónia, em 1914. Mas eu só tomei verdadeiramente consciência das minhas responsabilidades como arquitecto a seguir a reflexões suscitadas em mim por ocasião da primeira guerra mundial, durante a qual as minhas ideias teóricas tomaram corpo pela primeira vez. Depois deste sobressalto, tudo o que eu pensava levou-me à necessidade de me dirigir para um novo front intelectual. Cada um no seu próprio domínio se esforçou, à sua maneira, para preencher o abismo que separava realidade e ideal. Foi então que com-

preendi a grandeza da missão que incumbia aos arquitectos da minha geração. Eis a ideia que me veio à mente: era preciso abrir novas perspectivas à arquitectura e isso eu não podia esperar que fosse empreendido por mim só, unicamente pelas minhas realizações arquitectónicas. Essa missão só poderia ser cumprida por uma nova geração de arquitectos, com as técnicas modernas de produção, numa escola piloto.»

Assim nasceu a Bauhaus.

### Um programa audacioso

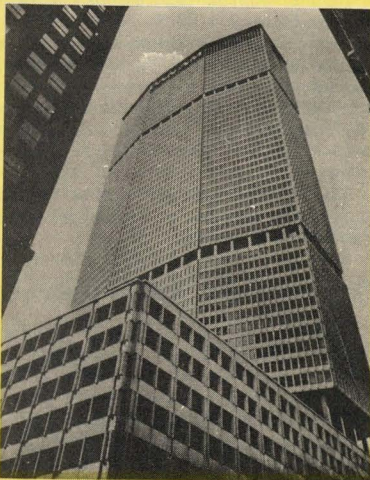
A intenção deste estabelecimento era suprimir as barreiras que existiam entre artesãos e artistas, e chamar os engenheiros, os técnicos, e os arquitectos para um trabalho de conjunto. Este programa seduziu numerosos artistas e vários criadores de grande prestígio da primeira vanguarda que existiu. Todos esses homens reunidos à volta de Gropius ensinaram na mais revolucionária escola dese tempo.

A formação dos estudantes era oficial. Cada estudante da Bauhaus, no decorrer dos seus estudos, deveria trabalhar numa oficina de sua preferência depois de ter passado por cursos preliminares. Era dirigido simultaneamente por dois mestres, um mestre artesão e um mestre artístico.

A formação manual não era um fim em si, mas um instrumento pedagógico insubstituível. Este ensino tinha por objectivo formar criadores susceptíveis, devido ao seu conhecimento dos materiais e dos processos de fabrico, de exercer uma influência sobre a futura produção industrial.

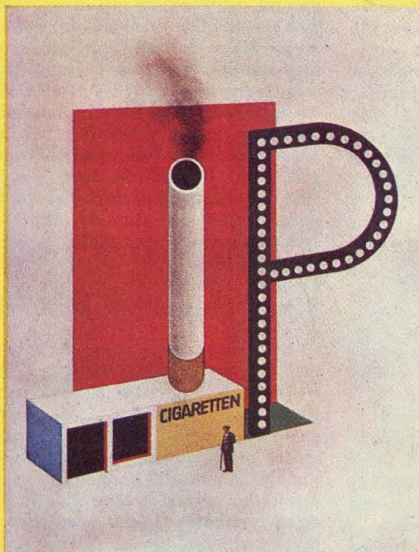
Na escola Bauhaus foram estudados todos os problemas da arte e do artesanato, para se chegar à meta que era a construção da nova cidade. Desde a casa ao próprio mobiliário e à decoração, tudo foi passado à fieira do vasto programa da Bauhaus.

Walter Gropius dava primordial importância à pedagogia. São suas estas palavras: «O êxito de uma ideia depende do homem encarregado de a realizar. Da escolha de um bom professor depende, em grande parte, a eficiência de um estabelecimento de ensino. As suas qualidades humanas têm por vezes mais importância do que os seus conhecimentos técnicos e os seus dotes. A sua personalidade determinará, com efeito,

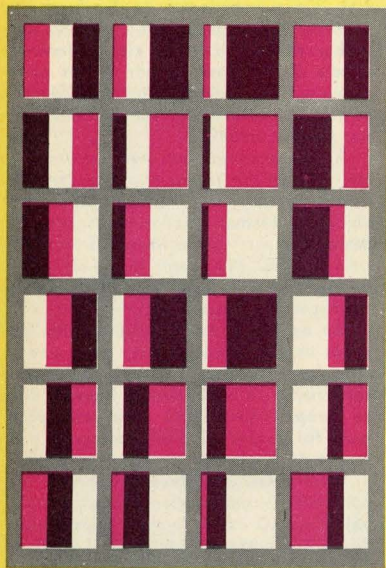


ARRANHA-CÉUS DE 59 ANDARES. 218 315 METROS QUADRADOS COM ELEMENTOS PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO E QUARTZO BRANCO. ARQUITECTO, WALTER GROPIUS

QUIOSQUE PARA VENDA DE CIGARROS «P»,  
 COM LETRAS LUMINOSAS, FEITO EM 1924



CAPA DA REVISTA «OFFSET», DESENHADA  
 POR JOOST SCHMIDT



TRABALHOS ESCOLARES NA BAUHAUS EM  
 1922. QUADRO DE EXERCÍCIO SOBRE COMBI-  
 NAÇÃO DE PRETO, BRANCO E VERMELHO  
 EM QUATRO TIPOS DE COMPOSIÇÃO: 1) DI-  
 VISÃO EM TRÊS; 2) PROGRESSÃO ARITME-  
 TICA; 3) PROGRESSÃO GEOMETRICA; 4) RE-  
 LAÇÃO PERFEITA

a fecundidade da sua colaboração com os estudantes.»

Gropius podia falar assim, porque a equipa de professores da sua escola foi excepcional. Mas ele pensava também que «o novo património cultural não podia desenvolver-se tão depressa como a nova sociedade que ele pretendia servir.»

Afinal, foi o contrário que se deu na nova sociedade que se formou por essa ocasião na Alemanha...

### ● símbolo da catedral

Podia-se ligar o conceito de catedral — diz Ludwig Grote, a propósito da Bauhaus — à história das ideias. A importância que esse conceito teve depois do romantismo em todo o século XIX, adquire nova actualidade no século XX. Gropius colocou a imagem de uma catedral (gravura em madeira, de Feininger) no frontispício do manifesto de Abril de 1919, como símbolo da comunidade das três artes maiores. Começou-se então a

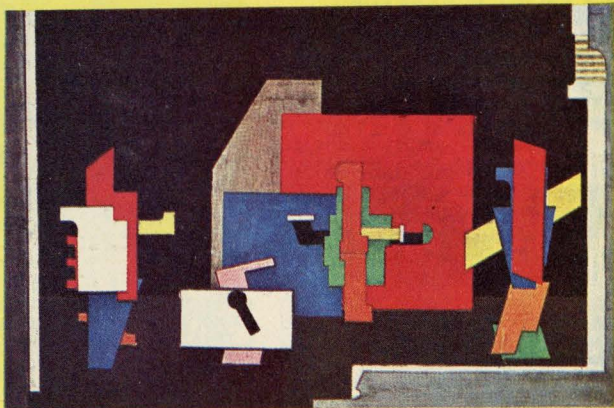
estudar o gótico de uma maneira nova, caracterizando-o pela sua abstracção. Franz Marc que definia o cubismo como uma construção mística interior, definia quase assim a natureza do gótico tal como o interpretavam os historiadores de arte. Pintores cubistas e construtivistas, Delaunay, Mondrian, Kupka, Schwitters, entre outros, tomavam então a catedral como tema. A concepção da catedral como símbolo de uma arquitectura do futuro não era de modo algum historicizante mas de preferência uma formação artesanal. Os dois conceitos iniciavam a oposição às academias, consideradas bastiões do «espírito retrógrado», e responsáveis da «esclerose progressiva de toda a vida artística», portanto, do isolamento do artista e da mediocridade da época, em geral.

Esse espírito retrógrado, afinal, ia sublimar-se depois, a seguir à total vitória dos nazis, na Alemanha, enquanto que o novo espírito que animava os homens da Bauhaus ia modificar as perspectivas do resto do Mundo.

«NOSSA SENHORA DA LUAR». CENÁRIO PARA  
 O BALLET «MONDSPIEL», REPRESENTADO NO  
 TEATRO DA BAUHAUS EM 1921



PROJECTO PARA O «BALLET» MECÂNICO, EM  
 1933



A catedral de Gropius era uma catedral profana que deu o edifício protótipo da arquitectura urbana actual. O que ele criou através do símbolo da catedral, foi o espírito de equipa dos construtores de catedrais. Desta vez, não era para servir um deus, mas o homem. Em lugar de catedrais, máquinas de habitar. Por isso tiveram que voltar as costas à Idade Média e mesmo à concepção medieval do artesanato que não era mais do que uma aprendizagem e um instrumento ao serviço da criação. Havia que banir a ornamentação onde se exprime necessariamente um artesanato irracional ou estético, regido por conceitos medievais, e encarar a construção de objectos concretos, correspondendo a exigências precisas.

Assim, o funcionalismo foi o princípio dominante na Bauhaus. Mas o funcionalismo tornou-se um princípio criador depois da sua aliança com o construtivismo: «Para realizar um objecto que funcione bem — recipiente, cadeira ou casa — é preciso começar por estudá-lo com cuidado, a fim de que ele corresponda plenamente à sua aplicação, para que ele cumpra a sua função prática. Para isso, tem que ser bom, barato e belo». Esta beleza implica a posse plena de todos os dados científicos, técnicos e formais necessários à formação de um organismo. Gropius resume deste modo a nova actividade implicada no funcionalismo: aceitar plenamente as forças vivas do mundo que nos rodeiam, a máquina e os veículos.

A simplicidade na multiplicidade, economias de espaço, de matéria, de tempo e de dinheiro.

### Actualidade da Bauhaus

As ideias e as experiências da Bauhaus parecem ser hoje a fonte de muitas formas de expressão artística. Esta «actualidade» adquirida pela Bauhaus — diz Dieter Honisch — vem menos das obras de arte livre do que do curso preliminar, do ensino, da formação e da produção das oficinas.

É difícil encontrar hoje uma forma que não tenha sido objecto de experiência na Bauhaus. O teatro também foi analisado de uma maneira inteiramente nova. A receita seguida pelo teatro da Bauhaus era muito simples: «os menos preconceitos possíveis; abordar o mundo como se ele acabasse de ser criado.»

As artes gráficas tiveram um grande desenvolvimento no programa Bauhaus. A tipografia, a publicidade e montagem de exposições eram disciplinas importantes. Na tipografia, foi excluída a letra maiúscula e optado um carácter único.

### O término de uma gloriosa carreira

Walter Adolf Gropius nasceu em Berlim, em 1883. Aí estudou, transitando mais tarde para Munique. Começou a

sua carreira de arquitecto em 1911. A sua importância começou a partir da fundação da escola Bauhaus. Ao contrário do célebre arquitecto americano, Frank Lloyd Wright, que era individualista, Walter Gropius preconizou sempre a necessidade de uma equipa. Essa sua obstinação pela equipa valeu-lhe um dia uma «piada» de Frank Lloyd Wright: «Gropius, tenho a impressão de que se você um dia fizesse o projecto de ter um filho, pediria a colaboração de um vizinho.» Gropius não se atrapalhou e respondeu: «De certo que sim... se o meu vizinho fosse uma mulher.»

Gropius tinha um grande sentido do humor que manteve até à sua morte. Podia mesmo dizer-se que, para além da morte, se pensarmos no seu testamento. Deixou escrito que não queria qualquer sinal de luto quando se desse a sua morte. Nenhuma manifestação de pesar estava autorizada, nem qualquer discurso fúnebre. Ao contrário, pediu aos seus amigos que se juntassem para celebrar a sua morte, bebendo à saúde da Bauhaus, rindo, cantando e divertindo-se como quisessem. Deste modo, Gropius deu uma prova, a última, da coerência das suas ideias. Tendo sempre procurado estabelecer os meios de se viver mais feliz, não se esqueceu de pensar num enterro também feliz. Seguindo o seu conselho, 70 amigos reuniram-se a semana passada para festejar a vida e a morte do grande arquitecto.

## NO SOLAR DE «TORMES» ONDE VIVEU E ESCREVEU EÇA DE QUEIROZ

por Oliveira e Silva

Um dos sonhos mais belos de minha vida fora o de conhecer o solar de «Tormes» (na realidade, Quinta de Vila Nova, a quase 80 kms. do centro da cidade do Porto), cenário principal do livro «A Cidade e as Serras», de Eça de Queiroz. Sonho adiado em face de acidente sofrido, em Vila do Conde, na penúltima viagem a Portugal.

A gentileza da grande dama D. Maria D'Eça de Queiroz, filha única do grande artista da «A Ilustre Casa de Ramires», e que reúne à fidalguia a doçura, já me acenara com um convite, como autor de um discurso pronunciado junto ao monumento do pai, em Lisboa, quando se completaram 60 anos de sua morte.

Agora, o sonho se realiza. Nunca se misturaram tanto a realidade e a ficção. Recebe-nos D. Manuel de Resende, presidente da Câmara Municipal de Baião, neto do romancista dos «Maiais», que nos informa, de começo: o procurador actual da casa é um neto do Silvério, personagem de «A Cidade e as Serras». Quem prepara a canja famosa, que tanto delícia Jacinto e Zé Fernandes, na primeira noite, no solar mal pintado, em reforma, é a bisneta de Ana Vaqueira, também personagem naquele livro. Eles repetem o prato, sem esquecer o extravio dos caixotes do conforto de Jacinto, para Alba Tormes; na Espanha, vindos do 202 dos Campos Elísios, em Paris, residência do príncipe da Grã Ventura.

### A serra e o solar de «Tormes»

Com a palavra Eça de Queiroz, ao descrever a subida à serra de suas personagens Jacinto e Zé Fernandes:

«Com que brilho e inspiração copiosa, compusera o divino artista que faz as serras e que tanto as cuidou e tão ricamente as dotou, neste seu Portu-



EXTERIOR DO SOLAR DE «TORMES». LÁ EM BAIXO, PASSA O DOURO, LARGO, BARRENTO E TENAZ, COM RUMO AO PORTO, MARCA SOBERANA DA REGIÃO. TALVEZ A FACHADA DO EDIFÍCIO SUGIRA UMA CASA ESCOCESA, MAS É CARACTERISTICAMENTE PORTUGUESA

gal bem amado! A grandeza igualava a graça.»

Continua e estilista mágico:

«Nos centros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam as ermidas. O ar, fino e agudo, entrava na alma e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas.»

Finalmente:

«E ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da Quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia.»

A casa enorme, de um só pavimento, com uma capelinha ao lado e uma cruz no topo, tem belos salões, onde se respira a vida e os hábitos do renovador da prosa portuguesa.

Aqui, se vê a escrivanhinha alta, de madeira castanha, onde trabalha, de pé, com a letra miúda e, às vezes, indecifrável. Ainda o quarto em que dorme. A fotografia nítida em que o vemos entre o filho José Maria, morto prematuramente, e a filha graciosa aos 12 anos de idade.

A sala de entrada e a cozinha continuam intactas, como no tempo de Eça de Queiroz. Onde andam os fantasmas de Jacinto, «homem de trinta e nove escovas», e de Zé Fernandes? E o preto Grilo, o escudeiro Grilo, reminiscência, decerto, do escravo Mateus que, na casa da madrinha de Eça, contava histórias brasileiras ao futuro

romancista? E a prima Joanhinha, mãe honorária das crianças da serra, com quem Jacinto se casa, vencido por sua graça? Onde estão essas criaturas de livro de reconciliação com Portugal, tão vivas como nós?

Depois do almoço, na companhia de D. Manuel Resende, sua senhora D. Maria da Graça e Ruy Cayola, fomos admirar a pedra, inaugurada pela Câmara de Baião, sugestiva na sua simplicidade, com um trecho de «A Cidade e as Seras».

### Relíquias de Eça de Queiroz

Avulta, em primeiro lugar, o pequeno baú de ferro que conservara até 23 anos depois da morte do escritor, originais de livros que esquecerá ou desejará retocar, para uma galeria contemporânea da sociedade portuguesa: «Alves & Companhia», «O Conde de Abrahão», «O Egipto», «A Capital», «Correspondência» e «Cartas Inéditas de Fradique Mendes», incompleta a «Trágédia da Rua das Flores».

Justifica-se esse abandono, porque, na época, Eça de Queiroz fora absorvido, inteiramente, pelo grande mural lisboeta do romance «Os Maiais», em dois volumes, que lhe custa dez anos de trabalho extenuante.

Como explicar o achado estranho? É simples. Morrerá o escritor Ramalho Ortigão, amigo fraterno, e o seu espólio fora remetido ao filho Vasco, residente no Rio de Janeiro e proprietário da casa de modas Parque Royal. José Maria, um dos filhos de Eça de Queiroz, na Granja, ordena os originais, decifra aquela letra rápida, e não raro ilegível, prefaciando, lucidamente, os volumes.

Porque o artista luminoso não escolhe lugar para o trabalho: com os seus cadernos de bolso, passeando, muitas vezes, a cavalo, procura uma sombra de árvore e, aí, tudo anota. Depois, com uma probidade exemplar, como no caso do livro «O Egipto», aos 23 anos de idade, desenha mapas e plantas do Cairo e Jerusalém.

Ainda relíquias: a famosa cabaia de seda, de mandárim, presente de um amigo, com a qual, certa vez, se deixa fotografar. As alianças do casamento com D. Emília de Resende. Os monóculos com que, cheio de desdém, avista



o mundo e suas miudezas. O relógio de bolso e as condecorações.

Sabe-se que Eça de Queiroz produziu mais de 10 mil páginas, e a sua criação quotidiana, metódicamente, vai das quatro às sete da noite, tanto em Paris como em Portugal.

Em pastas de papelão, cuidadosamente amarradas, o decreto que o nomeia, com a chancela do rei D. Luís, administrador do concelho de Leiria, em 13 de Dezembro de 1870. O de cônsul, aos 28 anos, classificado em Havana, e o passaporte do governo de Cuba, para a viagem aos Estados Unidos, onde espantou os conferentes aduaneiros com a multidão de suas gravatas.

É um mundo excitante de recordações que nos revela D. Maria D'Eça de Queiroz, com uma surpreendente lucidez. Que maravilha de memória! A figura do pai, jovem ou amadurecido, ressurge, à nossa vista, na tarde ensolarada de «Tormes».

No pequeno baú de ferro estão os originais da «A Cidade e as Serras» que ele escreve, nos seus últimos anos, apesar de gravemente enfermo, à procura inútil de melhoras, com uma espontaneidade, uma frescura, na prosa rutilante que continua a ser o encanto das novas gerações.

## Anos terríveis

Há 50 anos, D. Maria ocupa o solar de «Tormes», situado entre vales imensos, cobertos de vinhedos, pinheirais, milhairais, sobreiros e salgueiros, nesta época de Verão, de um verde vivo e luminoso. Logo depois da revolta, em 1919, no Porto, quando proclamada a monarquia, e preso seu marido D. José de Castro, membro do governo provisório e conspirador havido, pelos republicanos, como elemento perigoso. Os três irmãos partem para o Brasil. A filha única fica em companhia da viúva de Eça.

Os primeiros anos tumultuosos da República em Portugal, com vários movimentos revolucionários, foram mortificantes para a família de Eça de Queiroz. Esta se conservando monarquista, o governo corta a pensão concedida aos filhos menores do grande romancista.

Em 1913, é apedrejada, pela patulália, a estátua de Eça de Queiroz, em Lisboa, criação de Teixeira Lopes, onde a figura do artista defronta outra com a ins-



VEIO EXPRESSAMENTE DO BRASIL, O ILUSTRE ESCRITOR OLIVEIRA E SILVA, EMINENTE QUEIROZIANO, EM ROMAGEM DE ADMIRACAO E SAUDADE A «TORMES». (RESERVOU PARA O NOSSO SEMANÁRIO A HONRA DE UMA CRÔNICA DAS IMPRESSÕES COLHIDAS NESTA VISITA, QUE NESTE NÚMERO PUBLICAMOS.) NA GRAVURA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: SR.<sup>ª</sup> RUY CAYOLA, OLIVEIRA E SILVA E ESPOSA, E O CASAL MANUEL DE RESENDE, NETOS DE EÇA DE QUEIROZ

crição: «Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.»

Mas, o monumento se restaura, tão belo quanto o erguido, em Póvoa de Varzim, terra natal do artista que se declarava «um pobre homem de Póvoa de Varzim.» E inicia-se, para se consolidar, o processo histórico da glorificação da obra que é uma grandeza. Partindo, como o diz D. Maria, da juventude, com os livros vingadores: «O Crime do Padre Amaro», «O Primo Basílio» e a «Relíquia», com que vergasta a sociedade do seu tempo, para os de enternecimento e emoção como «A Ilustre Casa de Ramires», «A Cidade e as Serras» e as «Vidas de S. Cristóvão e Santo Onofre». Continua resistindo a todos os modismos, porque contém com a crítica aos ridículos humanos, uma soma considerável de beleza e ternura.

## Casamento de raciocínio?

Há um livro delicioso, organizado pelos filhos do escritor, com o título: «Eça de Queiroz Entre os Seus», desmentindo a perfídia de haver feito um casamento de raciocínio. Basta a leitura das numerosas cartas trocadas pelos noivos, um no consulado de Bristol, na Inglaterra, e outro na quinta materna do Porto.

Aos 40 anos de idade, cansado das mesas solitárias dos hotéis, o demônio iluminado que tanto vira e observara nos costumes e mentalidades da sua época e tanto a dissecara, resolve amar. Por uma inconfiância de um futuro cunhado, conhece que D. Emília, filha da condessa de Resende, não o admira apenas. E começa uma correspondência enternecedora em que os noivos, não raro, para esconder o coração e dissimular as ansiedades recíprocas, se ocultam em locuções francesas ou inglesas. Eça, licenciado, vem a Portugal, para a grande mudança de sua vida.

Mas, a correspondência não termina com o matrimônio. No lar feliz, desabrocham, em poucos anos, quatro crianças. Para o inventário de bens da condessa de Resende, a demora do escritor, em Portugal, é de três meses, em face das dificuldades nas partilhas, e as cartas, então trocadas com rapidez, nos convencem de que realizaram um casamento de amor, consolidado na ternura pela prole.

Casamento de raciocínio? Não esqueçamos a carta que o grande artista dirigira a um amigo, em Paris, já divulgada, pedindo-lhe o endereço de alguém que lhe possa emprestar alguns francos...

## Despedidas

A bondade de D. Maria de Eça de Queiroz não se contenta em nos oferecer uma almoço excelente, com companhia, porém se prolonga num chá em família, onde a distinção da grande dama encanta, mais uma vez, minha Mulher e eu. Ainda requinta com o presente de um volume do «Folhas Soltas», editado em 1966, para o qual reunira cadernos esparsos do pai, cheia de uma paciência infinita, durante anos, com uma lente, decifrando textos difíceis, para completar as páginas do livro «O Egípto».

Nos grandes vales verdes que margeiam o solar de «Tormes», a tarde luminosa não quer se extinguir. Oito horas e custa a anoitecer. O neto D. Manuel de Resende e sua amável senhora D. Maria da Graça nos trazem, para o regresso, até à estrada. De pé, à porta do solar, com a sua bela cabeça branca, a figura sugestiva de D. Maria de Eça de Queiroz, gentilmente, nos acena com um adeus.

# OS POBRES MORREM MAIS CEDO

reportagem de Maria Antónia Palla

fotos de Eduardo Gageiro

Prolongar a vida, na impossibilidade de conquistar a imortalidade, é o velho sonho do Homem.

Dádiva dos deuses, consentimento dos poderosos, que em qualquer momento os podiam retirar, dispondo de seus fiéis ou de seus súditos como de propriedade própria, a vida faz parte, cada vez mais, dos direitos inalienáveis do indivíduo.

Há dois ou três séculos apenas a média de vida não ultrapassava os 30 anos. Actualmente, nos países mais desenvolvidos, anda pelos 70. A ciência confere hoje os meios de evitar, remediar e curar um grande número de doenças que ainda há bem poucos anos constituíam autênticos flagelos da Humanidade. Quantos heróis anónimos, quantos homens importantes não pereceram, vítimas de males, que pouco tempo depois, teriam cura? No século passado e no nosso século, as descobertas em todos os domínios científicos, reflectindo-se directa ou indirectamente na medicina, permitiram deslocar a barreira da morte para além de limites insuspeitados. Novo processos de despistagem, novos métodos terapêuticos, novos conhecimentos no campo instrumental possibilitam, todos os dias, prolongar a vida a milhares de pessoas. As vacinas, os antibióticos, as hormonas, a radoterapia, os enxertos, os respiradores, os corações e rins artificiais, os estimuladores cardíacos, as transplantações, desconhecidos há pouco, constituem erário da comunidade e ao seu serviço. A extensão dos actuais recursos e a descoberta, em ritmo acelerado, de outros prolongarão ainda mais a vida humana em todos os pontos habitáveis do Globo.

Um grande, terrível obstáculo condiciona, porém, o pleno usufruto dos benefícios da ciência: o dinheiro. A saúde custa dinheiro. Os particulares ou os Estados têm de despender muito dinheiro para tratar os males tratáveis e evitar os evitáveis. O custo elevado dos tratamentos, a raridade de certos processos terapêuticos, limitam a sua acção a um campo restrito de utentes. Quem são estes?

Num grande número de casos, os que têm meios próprios (económicos, sociais, educacionais). Num grande número de circunstâncias, os que são tão pobres que se sujeitam mais facilmente aos riscos da novidade. Muitas vezes, os que, simplesmente, tiveram a sorte de chegar mais cedo.

A morte não vê caras, nem corações. Mas pode esperar à porta. De quem? De quem tiver melhores condições para lhe resistir. Estas condições traduzem uma cifra. Daí formularmos a pergunta: os ricos morrem mais tarde?

Morre-se hoje menos em Portugal, como em quase todos os países do Mundo, a menos que um cataclismo natural ou humano faça suair assustadoramente, numa determinada época, o número de falecidos. 107 576 portugueses fale-

ceram em 1948. Em 67, apenas 95 816, dos quais 90 314 por doença e 5502 por acidente. A tuberculose, as lesões vasculares, as doenças do coração, o cancro e as doenças infecto-contagiosas são as doenças responsáveis pelo maior número de mortes, mas a sua distribuição no quadro geral da morbilidade sofreu profunda alteração. Assim, *morre-se hoje menos de tuberculose (2474 casos em 1967 contra 12 423 em 1948) e de gastrite (3688 em 1967 contra 12 729 em 1948), bem como de doenças da primeira infância (5150 em 1967 contra 7221 em 1948). Em contrapartida, aumentam os tumores malignos (4300 em 1948, 10 632, em 1967), as lesões vasculares (8714 em 1948, 16 218 em 1967), as doenças de coração (12 484 em 1948, 14 799 em 1967).* Estabilizaram-se os casos de morte por afecções nas vias respiratórias (pneumonias, bronquites, influenzas). Desapareceu, praticamente, a morte por peste e varíola. A sífilis, a meningite, as diabetes, a febre tifóide, o tifo, a difteria continuam a ser responsáveis por boa parte dos óbitos verificados do nosso País.

Quem são estes homens e estas mulheres? Nos anuários estatísticos, um número apenas. Nenhuma informação nos permite determinar quais as suas ocupações, o seu nível económico e social. O seu tipo de vida, em suma. Se o quisermos avaliar, teremos de recorrer aos médicos. Foi o que fizemos. Interrogámos diversos especialistas, todos eles ligados a serviços hospitalares. Existe uma relação entre a condição económica do doente e a presença de determinadas doenças? Em que medida as modernas possibilidades de prolongamento da vida podem ser generalizadas ao grande número? Os indivíduos economicamente débeis têm menores possibilidades de sobrevivência?

## Doenças dos pobres

Afirma o dr. Artur Céu Coutinho, primeiro assistente de neurocirurgia do Hospital Júlio de Matos:

— Quase todos ou mesmo todos os especialistas e clínicos gerais, cada um no seu sector, lhe fornecerão exemplos de doenças que predominam nos indivíduos economicamente débeis. E dir-lhe-ão ainda que nos países onde existem grandes desníveis económicos as oportunidades terapêuticas, e mesmo as técnicas de tratamento, variam consoante o estado de vida do doente. No meu campo, poderei dizer-lhe que um sem número de afecções neurológicas ou afecções de expressão neurogénica — de causa parasitária, infecciosa, carência alimentar, tóxica etc. — predominam entre as classes economicamente desfavorecidas e são muito menos frequentes entre os ricos. A título de exemplo, citar-lhe-ei sómen-

te algumas cujos nomes o público não médico, provavelmente conhece: doenças provocadas por vermes (cisticercoses, e outras), doenças parasitárias, paludismo, ou malária, doença do sono, etc.), perturbações neurológicas da sífilis, da febre tifóide, do tétano, da raiva, da varíola, da lepra, as meningites, o beribéri (carência alimentar de vitamina B), a peçagra (por défice de vitamina PP), o Kwashiorkor das crianças negras subalimentadas, que grassa agora particularmente no Biafra. Todas estas doenças, quase desconhecidas entre a população de razoável nível económico, são frequentes entre as populações dos países subdesenvolvidos, entre o quais, Portugal se inclui. Para precisar o que digo vou dar-lhe alguns números, contidos no Anuário das Estatísticas Sanitárias Mundiais da O. M. S. e referentes a dois países da Europa, cujas diferenças de nível (político, económico, sanitário e escolar) são bem patentes. Refiro-me a Portugal e à Suíça

### TAXA DE MORTALIDADE POR 100 000 HABITANTES:

	Portugal	Suíça
Tuberculose das meninges e do sistema nervoso central .....	0,1	1,5
Paralisia geral .....	0,2	0,6
Infeções meningocócicas .....	0,4	1,8
Paralisia infantil .....	0	0,3
Encefalite infecciosa e aguda .....	0	1,1
Avitaminoses e outros estados carenciais .....	0,2	4,1
Epilepsia .....	1,1	4,4

Quer isto dizer que em Portugal morrem quinze vezes mais pessoas com tuberculose das meninges e do sistema nervoso do que na Suíça, três vezes mais com paralisia geral, quatro vezes e meia mais com infeções meningocócicas, etc., sendo de destacar a diferença espetacular no quadro das avitaminoses e das epilepsias. Se nos lembrarmos de que quase todos os órgãos do corpo humano são providos de estruturas nervosas, controladas fundamentalmente pelo encefalo e espinal medula, o sistema nervoso, como regente dessa grande orquestra que é o organismo dos animais superiores, comanda e regula as funções essenciais à vida — circulação e respiração.

Se o sistema nervoso cede por doença, acidente, intoxicação, etc., ao nível dos centros que comandam essas funções vitais, estas últimas são gravemente comprometidas. E nesta altura que se aplicam as modernas técnicas de reanimação. Estas técnicas substituem provisoriamente (e em alguns casos definitivamente, se quisermos) aqueles centros nervosos doentes até que se dêm condições



de evolução favorável das doenças e o sistema nervoso possa retomar as suas funções. Não vou, dado o teor desta intervenção, descer a pormenores que não interessam, imediatamente, a um público não médico. Direi apenas que tais técnicas permitem salvar muitas vidas que anteriormente se perdiam, pois com o seu auxílio o organismo humano ultrapassa barreiras até aqui intransponíveis. Ora, grande número das técnicas médicas

e cirúrgicas mais modernas são absolutamente inoportáveis, monetariamente falando, para as grandes massas populacionais. Tais técnicas — neurocirúrgicas, cirurgia cardiovascular, cirurgia torácica, reanimação, rim artificial, etc. — exigem equipas de médicos e pessoal para — médico, complexo, dispendioso, material e drogas, que a maior parte das pessoas não pode pagar em regime de clínica particular.

### Um exemplo flagrante

— Um exemplo flagrante é o caso vivido pelo País, no Verão passado, com a doença do prof. Sa'azar. Estavam as muitas centenas, para não dizer alguns milhares de contos, em que se cifra um tal tipo de assistência em regime de C.ªsa de Saúde, no bolso do comum dos



mortais portugueses? Uma escassa meia dúzia de abastados portugueses poderá tratar assim uma doença sem que a sua situação financeira fique comprometida. E já agora direi: já mais o nível económico dos povos será tal que possa toda a gente pagar, individualmente, tais tipos de assistência. Terão de ser os Estados, com receitas arrecadadas indirectamente, a colocar à disposição dos seus povos instalações hospitalares providas de tais técnicas e do pessoal e material indispensáveis ao seu funcionamento. A medicina artesanal do passado (que, em muitos casos, é a do nosso País) não consegue pôr à disposição das populações técnicas tão evoluídas. Têm, pois os povos, conscientes do seu direito à saúde e à usufruição de todos os progressos da medicina, de lutar pela obtenção de tal desiderato. De outro modo, entregando a solução do problema a uma minoria mais ou menos interessada nessa resolução, os povos verão com grande atraso satisfeitos os seus direitos. E, entre tanto, os pobres e remedidos continuarão a morrer sem adiamento, enquanto os ricos podem, com muitas probabilidades, adiar a sua morte. Veja-se, por exemplo, uma estatística da mortalidade em França, por profissões, publicada no Anuário Demográfico da O. N. U. de 1963 e referente ao ano de 1955. Nesse ano morreram 950 franceses de profissão liberal e de quadros superiores, 1260 agricultores exploradores, 1630 assalariados agrícolas, 2280 operários não classificados. Significativa parece a tremenda diferença entre as classes mais favorecidas e as menos protegidas. Pelo que se refere ao nosso País, os médicos vêm desde há anos chamando de balde a atenção dos governantes e propondo soluções para o problema da assistência médica. A Ordem dos Médicos, por exemplo, luta desde há dez anos para a consecução dos princípios fundamentais donde se prevê que poderia arranjar uma assistência moderna ao País.

## Quanto custa viver?

Fora da cabina envidraçada um indicativo luminoso assinala: «Silêncio». Estendido numa cama, o corpo nu, ligeiramente coberto por um lenço, paralisado, inconsciente, lubos a saírem-lhe pelo nariz, pela boca, pela traqueia, um homem luta com a morte. Um respirador «Engstrom» respira por ele. O peito do homem move-se ao ritmo certo da máquina. Um monitor transmite o registo automático do pulso, temperatura, e electrocardiograma. Trata-se de um dos muitos casos agudos que acorrem ao Centro de Reanimação do Hospital Curry Cabral. «Quem é?» — perguntámos ao médico que nos acompanha. «Não sei. Um caso de tétano». Para o médico, uma vida a salvar. Apenas lhe importa um factor: a possibilidade de o fazer. A decisão de ligar um doente a um respirador ou a um rim artificial, sobretudo em casos agudos, é sempre de ordem clínica, afirmam sem hesitações os médicos que consultámos. Desde que as máquinas estejam disponíveis...

Num hospital central de Paris existem actualmente 30 respiradores «Engstrom». Em Lisboa, existem apenas 3 no serviço de doenças pulmonares do Hospital de Santa Maria, 4 no Serviço de Reanimação do Hospital Curry Cabral e outros 3 ainda em clínicas privadas. O Porto conta com um destes aparelhos e Coimbra, com outro.

Hoje, praticamente abandonado o pulmão de aço, os «Engstrom» são, actualmente, as máquinas mais perfeitas, capazes de trabalhar anos seguidos sem uma avaria. Os outros respiradores a que muitas vezes se recorre são de maneio delicado e de funcionamento irregular. Ora, uma pequena avaria num aparelho ligado a um doente em estado agudo pode ocasionar a morte imediata.

— Quando um doente em estado grave nos chega às mãos e temos os aparelhos ocupados é sempre uma decisão angustiante a de man-

ter na máquina o doente de recuperação problemática e deixar morrer cá fora aquele que, com esse auxílio, teria, muitas vezes, todas as probabilidades de viver normalmente. Não é raro acontecer fazermos respiração boca a boca durante 48 horas até termos um aparelho disponível — conta-nos um médico de Santa Maria.

Quanto custa um «Engstrom»? Cerca de 300 contos. Mas neste preço não entra o custo da sua manutenção, nem o pessoal necessário à vigilância do doente: 3 enfermeiras e 1 médico, pelo menos, assegurando um «controle» nas 24 horas do dia.

— Um doente que tive há tempos ligado a um «Engstrom», numa clínica particular, gastou num mês, só em vigilância médica, 70 contos — informou-nos o prof. Tomé Vilar, catedrático da Faculdade de Medicina e director do serviço de doenças pulmonares do Hospital Santa Maria. — Aqui, atendemos, sobretudo, indigentes. Salvámos, por este processo, cerca de 60 a 70 pessoas por ano. Neste caso, os ricos que recorrem a clínicas particulares estão em desvantagem porque, ou estas não dispõem de aparelhagem, ou em escala ainda mais reduzida.

Poderá o doente, se for milionário ou detiver uma posição excepcional, comprar um aparelho para uso pessoal e manter o seu próprio quadro de assistência. Isto já aconteceu. Neste caso, o doente despende algumas centenas de contos por mês.

Os respiradores servem para atender aos casos agudos. Um doente crónico, isto é, a pessoa que não possa mais respirar por si mesma, acaba por ter a sua sobrevivência limitada por circunstâncias diversas: fenómenos de rejeição, escasseamento da traqueia, etc. Em qualquer caso, nenhum estabelecimento hospitalar em Portugal poderia assegurar a manutenção de um doente nestas condições para lá de um certo período de tempo, sob pena de deixar morrer muitos doentes perfeitamente recuperáveis.

Mais complexas, porventura, são as circunstâncias que determinam a possibilidade de sobrevivência de um indivíduo necessitado de recorrer a um rim artificial.

Utilizado inicialmente, nos casos agudos, em que, por qualquer razão, o rim deixou de funcionar, podendo vir a recuperar a sua função, a partir de 1960 nos Estados Unidos, começou-se a fazer o tratamento regular, por diálise, dos doentes cuja função renal, por lesão profunda ou ablação dos rins, se encontrava anulada, ou reduzida ao mínimo. Estes casos obrigam, geralmente, a uma ou duas sessões por semana e os resultados são satisfatórios: há doentes com cinco e seis anos de sobrevivência.

Em Portugal, estes tratamentos começaram a fazer-se, a partir de 1966, no Centro de Reanimação do Hospital Curry Cabral.

## Rim artificial: Dez contos por mês

— A primeira sessão que realizámos aqui no hospital custou cerca de 6 contos. — declarámos um médico do serviço. — Actualmente, embaratecido o material pela concorrência comercial, distribuído o custo geral do tratamento, por dois ou três doentes que podemos atender ao mesmo tempo, com uma mesma unidade, o custo de cada sessão desceu para 1200\$00.

Mil e duzentos escudos corresponde ao ordenado de muitas pessoas no nosso País. Mas um doente nestas condições precisará dispor, só para este efeito, de cerca de 10 000\$00 por mês.

Ricos e pobres podem ser afectados por doenças renais, embora a dificuldade de acesso aos recursos profiláticos e ao tratamento das doenças estreptocócicas (amigdalites, etc.) as torne mais frequentes em indivíduos de

classes menos favorecidas. Quatro rins artificiais existem actualmente no Hospital Curry Cabral, um no Hospital de Santo António, no Porto, e outros nos Hospitais da Universidade, em Coimbra. Uma sessão de diálise leva cerca de 6 a 12 horas a realizar. Como as possibilidades de atender doentes são muito limitadas (apenas oito pacientes), a situação económica do paciente não tem sido tomada em linha de conta. Quando o doente não tem meios, a Fundação Gulbenkian tem assegurado o tratamento dos doentes susceptíveis de resolverem definitivamente a sua situação com uma transplantação renal, a efectuar, normalmente, em Londres. Dentro de pouco tempo, também o Centro de Reanimação graças ao auxílio daquela Fundação, disporá de um número de unidades que lhe permitirão tratar 24 doentes. Quantos ficarão de fora, por falta de vaga? Homens e mulheres, chefes de família, que, assistidos regularmente, poderiam ainda, durante alguns anos, assegurar o sustento dos seus, e gozar a sua própria vida. O rim, como o coração, é um órgão vital. A sua paragem não tem o efeito espectacular da do coração. O doente resiste, alguns dias, mas o processo é irreversível: a morte vem, por intoxicação. Quanto custa um rim artificial? Trinta e cinco contos apenas, embora o equipamento necessário ao seu funcionamento orce pelos 300. Neste valor não se inclui a assistência médica e de enfermagem. Poderemos esperar que o orçamento do Estado, de qualquer Estado, preveja a extensão das possibilidades de tratamento a todos os indivíduos necessitados, no estado actual da distribuição da riqueza colectiva?

## Cancro: doença da civilização

O cancro é a segunda causa de mortalidade em todo o Mundo. Portugal não foge à regra. Porque se vive mais tempo, porque se verificam melhor as causas de morte, por muitos outros factores, os casos de cancro declarados aumentaram consideravelmente nos últimos anos. Há vinte anos que o dr. José Conde é médico-cirurgião no Instituto Português de Oncologia perfeitamente habilitado, portanto, a esclarecer-nos sobre o tema deste inquérito. Naturalmente, não estando as causas da doença determinadas, difícil é responder conclusivamente a uma das nossas interrogações: as condições económicas influem no aparecimento do cancro? Em qualquer caso, há no depoimento do dr. José Conde matéria suficiente para meditarmos sobre este problema.

— A ocorrência das doenças vulgarmente designadas por cancro não tem relação com a situação económica das populações. O cancro é universal e de todas as eras; não resolve nas es, raças ou religiões. Atinge ricos, pobres, remedidos. Não podemos considerar, seguramente, que o grau de sanidade ou nutrição dos povos tenha influência significativa. A profissão num número reduzido de casos, pode colocar o indivíduo em contacto permanente com agentes ou factores cancerígenos desencadeando o que se designa por cancro profissional; nesta medida apenas e de forma mediana se podem invocar condições económicas com responsabilidade no aparecimento do cancro. O cancro aumenta de frequência em todo o Mundo, por razões diversas: maior longevidade, melhor conhecimento da doença, meios de diagnóstico mais aperfeiçoados e maior contacto com factores causadores de cancro: poluição da atmosfera, tabaco, alimentação, etc. Por isso, é lugar-comum dizer-se que a doença da civilização. Quanto a saber-se se o indivíduo economicamente forte se defende melhor do cancro, gostaria de fazer algumas considerações prévias. O cancro diagnosticado pelos meios de que actualmente a Medicina dispõe corresponde à fase final de

um longo e dramático processo de formação: cancerígena. A emergência clínica do tumor é precedida por uma longa fase de perturbação de ordem bioquímica ocorrida na intimidade das células marcadas por um vício ou desvio do metabolismo da responsabilidade do agente causal. Nesta fase que pode durar anos, a Medicina laboratorial não dispõe de meios que permitam suspeitar sequer do cataclismo biológico que está a decorrer. Pelo menos até agora, não se teve conhecimento de uma prova laboratorial segura. A seguir, começam a surgir modificações das características morfológicas das células e tecidos, que se traduzem sob a forma das chamadas lesões pré-cancerosas, ou podem ser detectadas pela Citologia, isto é, o estudo das células em suspensão nas secreções fisiológicas. Nesta fase, o processo patológico pode ainda ser reversível desde que se eliminem os factores responsáveis (lesões pré-cancerosas da boca, por exemplo) ou pode ser definitivamente neutralizado, removendo os tecidos já com estigmas de cancerização. Finalmente, o cancro aparece bem definido como doença com sinais e sintomas muito diversos, conforme a localização: língua, esófago, pulmão, etc. *Há uma verdade, por enquanto, fundamental: em cancro, diagnóstico precoce significa tratamento precoce. E tratamento precoce é o melhor tratamento.* Ora, feitas estas considerações já podemos tentar uma resposta. Se o indivíduo economicamente forte tem mais fácil acesso à cultura e à educação sanitária focada especialmente no conhecimento da doença cancerosa, e informações quanto à forma do seu diagnóstico e tratamento; se o indivíduo economicamente forte tem mais possibilidades e oportunidades de se sujeitar a um exame médico cuidadoso, mesmo não tendo sintomas, e se este exame inclui estudo radiográfico do tórax, aparelho digestivo e exame citológico, especialmente dos exsudatos genitais da mulher; se o indivíduo economicamente forte, por ter um diagnóstico precoce, pode ser sujeito ao tratamento das lesões pré-cancerosas (boca, pele, colo do útero) ou afastar-se dos factores cancerígenos evidentes ou ainda sujeitar-se a um tratamento eficaz — cirurgia e/ou radioterapia — quando a doença está na fase inicial, localizada; nestas circunstâncias, o indivíduo economicamente forte defende-se melhor na medida em que trata mais cedo a doença neoplásica de que é portador, e, por isso mesmo, tem maiores possibilidades de cura definitiva. *A propósito, é conveniente referir que já se encontra em plena actividade o Centro de Diagnóstico de Alcântara, por meio do qual o Instituto Português de Oncologia proporciona ao público daquela zona da cidade consultas para o sexo feminino que são destinadas ao diagnóstico precoce e a promover uma campanha de elucidação sobre a natureza da doença e dos seus primeiros sintomas.* O que mais importa ainda é acentuar que o acesso àquele Centro é independente das condições económicas, pois as consultas são gratuitas.

## Descobrir o mal a tempo

Convém ressaltar que, em Portugal, os cânceros do «seio» e «útero» vêm em terceiro lugar nos tipos de cancro assinalados estatisticamente.

Em todos os países desenvolvidos (Suécia, Estados Unidos, União Soviética) os rastreios regulares permitem detectar muito cedo qualquer afeição, e, sobretudo, evitar, através de uma educação sanitária e sexual na qual se insere o conhecimento e utilização dos processos anticoncepcionais mais evoluídos, lesões e perturbações várias que afectam gravemente a saúde da mulher. O aborto clandestino, todas as mulheres o deveriam saber, é uma das fontes principais das doenças do colo do útero, e, por decorrência, dos tumores dessa zona.

Pelo que se refere a este assunto, tem o

maior interesse o depoimento do dr.<sup>a</sup> Maria da Purificação Araújo, ginecologista do Hospital de Santa Maria e médica assistente do Instituto Maternal de Lisboa.

— Todas as mulheres deviam consultar um ginecologista, duas vezes por ano, tivessem ou não qualquer sintoma de anormalidade. Nos países onde este hábito existe a detecção de tumores malignos feita a tempo permite tratar cerca de 75% dos casos. *Em Portugal, infelizmente, a grande maioria dos doentes que nos aparecem chegam em estado tão adiantado que constituem, normalmente, casos perdidos.* Naturalmente, nas classes economicamente mais defendidas, sobretudo se vivem na cidade, há já uma educação que torna mais frequentes os exames ginecológicos. Nas classes economicamente débeis estes não se realizam, se não em casos extremos, por falta de posses e, sobretudo, por falta de uso. Todas as mulheres que recorrem aos hospitais encontram aí possibilidades de tratamento. Nem sempre existem, facilidades de internamento, é certo, mas, pobres ou ricos, todos têm acesso às radiações ou às drogas.

Por outro lado, no que toca ainda à relação entre o aparecimento do cancro e o nível económico do doente, parece-nos interessante citar uma informação do dr. António Catita, director do serviço de G.-stro-Enterologia do Instituto Português de Oncologia. Nos últimos anos, tem-se verificado, naquele Instituto, uma percentagem elevada de cancro de esófago em indivíduos provenientes da ilha da Madeira, todos eles pertencentes a classes economicamente débeis, estando em estudo a eventualidade de àquele ilha se desocor uma equipa médica para estudo do problema. O uso das carnes fumadas na alimentação, parece ser um factor do aparecimento do cancro do estômago. Por sua vez, nos países com melhores condições alimentares, a percentagem deste tipo de cancro diminui. *Em Portugal, precisamente, a percentagem de cancro de estômago, de acordo com as estatísticas oficiais, é a mais alta: 33,49 nos homens e 24,51 por cento nas mulheres, seguida imediatamente pelo cancro da traqueia, brônquios, pulmão e próstata.* O tabaco parece ser, de facto, um factor determinante do cancro do pulmão. O prof. Tomé Viar, encontra-o, sobretudo, nos doentes de clínica privada. «Os pobres que vejo no hospital — diz — não têm dinheiro para fumar dois ou três maços de cigarros por dia.»

O dr. António Catita, pelo contrário, considera as classes pobres mais sujeitas a este tipo de cancro e, sobretudo, ao do lábio: «O pobre fuma cigarro sem filtro e fuma até à ponta. Ora, é aí que se acumulam dois terços dos hidro-carbonetos, os quais têm, como se sabe, um acção cancerígena.»

## Para quem chegue ao hospital...

O canceroso pobre tem as mesmas facilidades de tratamento que o canceroso rico?

De acordo com as informações colhidas junto dos médicos das diversas instituições hospitalares, tudo parece levar a crer que, se o doente chega ao hospital, é atendido em conformidade com os recursos existentes e em situação de igualdade, de que respecta a tratamentos que lhe devem ser dispensados. Só a comodidade, consoante o doente fique instalado em enfermaria ou em quarto particular, não é, evidentemente, a mesma.

Eis como ao assunto se refere o dr. José Conde:

— No nosso País, o Instituto Português de Oncologia está dotado dos meios humanos e materiais actualizados no que se refere à Oncologia Clínica. Dispomos de uma cirurgia que se avizinha dos limites máximos da radicalidade e que podemos comparar à de qualquer país economicamente mais forte. Qualquer que seja a localização do tumor, e independentemente

das condições económicas do seu portador, executam-se as técnicas operatórias mais evoluídas com fins curativos ou paliativos. Nenhum doente em condições economicamente débeis deixa de ter a oportunidade de ser operado nas melhores condições e de ser assistido com os cuidados do mais elevado padrão. *Na fase pós-operatória tardia as condições económicas podem, contudo, interferir minimizando os resultados da cirurgia:* dificuldade do acesso de prótese de indutíveis benéficos não só fisiológicos como psicológicos; dificuldades na realimentação adequada ou deficiente integração social e profissional mais apropriada. Outras vezes, a impossibilidade de assegurar uma terapêutica substitutiva (hormonas), muito dispendiosa, pode restringir o acesso a certa cirurgia paliativa.

No que se refere à radioterapia, também no Instituto Português de Oncologia todos os doentes de todas as camadas sociais e económicas têm acesso aos meios técnicos mais aperfeiçoados da radioterapia: roentgenoterapia, curiaterapia, cobalto-terapia, cesioterapia. Por sua vez, os benefícios da quimioterapia, pelo contrário, não são tão acessíveis como a cirurgia ou a radioterapia. A quimioterapia tem uma história relativamente recente, sendo um meio terapêutico de grandes promessas. Todavia, não é fácil dispor de algumas drogas recentemente estudadas e ensaiadas em centros de investigação no estrangeiro, ou porque não existem em quantidade suficiente, ou porque o seu preço é elevado. Outras, porém começam a ser de uso comum e economicamente acessíveis. No momento presente, penso que só o hospital reúne condições de segurança para aplicação da quimioterapia, pelos perigos que comporta e pela necessidade de um apoio laboratorial intenso e oneroso. *É fundamental que o público saiba que as substâncias químicas que podem destruir as células cancerosas têm o mesmo efeito em relação aos tecidos normais.* Simplesmente, este efeito é selectivo para as células cancerosas, isto é, para cada droga há uma dose que já destrói a célula cancerosa, mas não a célula normal. O ajustamento das doses da substância química tem de se fazer com o recurso a certas análises de sangue, repetidas em certos intervalos de tempo. Se doses excessivas se mantêm muito tempo, o seu efeito sobre os tecidos sãos, especialmente a medula dos ossos pode acarretar sérios efeitos secundários, inclusive a morte. Por isso é pura insensatez a quimioterapia indiscriminada sem um apoio sério de laboratório. A quimioterapia está numa fase de ensaio e investigação e deve ser praticada na justa medida e em condições de segurança.

Este ponto do depoimento do dr. José Conde parece-nos particularmente importante. Em quase todos os países a obrigatoriedade de cursos periódicos de actualização e aperfeiçoamento nos grandes centros hospitalares mantém os médicos, de clínica privada ou de província, a par das modernas técnicas de tratamento e dos cuidados de que estas se revestem. Infelizmente, tal não acontece em Portugal. E esta é, por consequência, uma das causas dos diagnósticos errados e tardios, responsáveis por tantas mortes.

## Cardiopatias

As mortes, por acidentes cardíacos aumentaram nos últimos anos. Em matéria de coração, como se comportam ricos e pobres?

Cardiologista, com larga experiência nos hospitais de Lisboa e de clínica privada no mesmo instituto.

— É difícil, por ausência de dados estatísticos, dizer que as doenças cardíacas são mais frequentes nos ricos ou nos pobres. Verdade seja que, nos países mais adiantados, os indivíduos a partir dos 40 anos apertam um certo número de doenças que têm como

causa a arteriosclerose muito mais frequente nas classes abastadas. Porquê? Porque se pensa que um dos factores que pode precipitar o aparecimento da arteriosclerose seja uma alimentação excessivamente rica em gorduras. Ora, como em Portugal as classes pobres comem muitas gorduras — além de consumirem tabaco e vinho — estes dados ficam um pouco alterados. Uma das causas frequentes de morte é a hipertensão arterial. Uma das causas são as infecções renais, mais frequentes nas classes pobres. Por sua vez, as cardiopatias congénitas são mais frequentes entre os menos abastados, pois muitas delas resultam de doenças das mães nos primeiros tempos de gestação ou de doenças sociais, como a sífilis e o alcoolismo. Quanto ao «stress», próprio dos indivíduos de vida agitada, «tormenta», hoje em dia, tanto os pobres como os ricos. Por razões diferentes, nem uns nem outros têm vida fácil.

## O rico até pode emagrecer...

— São idênticas as possibilidades de um rico ou de um pobre prolongarem a vida? Neste campo, penso que não. Uma das condições essenciais do tratamento cardíaco é o repouso, que pode não ser total, mas que implica, em qualquer caso, a instauração de um tipo de actividade de acordo com as possibilidades do coração. Ora isto é muito mais fácil para um rico do que para um pobre. O rico pode deixar de trabalhar. O pobre não pode sequer, na maior parte dos casos, mudar de profissão. Um marceneiro não pode deixar de ser o que é. Um cavador não pode passar a empregado de escritório. Outro aspecto do tratamento é a dieta. O rico pode fazer uma alimentação rica em vitaminas, o pobre não. Por paradoxal que pareça, é mais fácil ao abastado fazer uma dieta de emagrecimento do que ao desfavorecido. A razão é simples: a base da alimentação dos pobres são os hidratos de carbono: — o pão, o arroz, as batatas, o feijão. Por outro lado, muitos medicamentos são caros e exigem uma vigilância médica assídua, de que o pobre não tem possibilidades de usufruir. Quanto aos mais modernos meios de tratamento, só em regime hospitalar o pobre tem acesso a eles. Ora os hospitais não podem albergar todos os cardíacos, nem têm apetrechamento disponível para cada caso. Seja, por exemplo, um monitor para cardíacos. É um aparelho a que o doente está ligado e dá permanentemente o registo do funcionamento dos órgãos principais: pulso, registo electrocardiográfico, número de respirações por minuto, tensão arterial e venosa, etc. É um aparelho que não existe em clínica privada. Se um doente abastado não encontra um destes aparelhos disponíveis num hospital, recorrerá a uma Casa de Saúde. O pobre é evidente que não o pode fazer. Todo o doente do coração deve fazer periodicamente um electrocardiograma (cujo preço vai de 200 a 1000 escudos) a análises de sangue. Ora, em muitos locais da província não existem possibilidades de fazer nem uma coisa nem outra. Não tendo meios para se desloca, as possibilidades de sobrevivência do cardíaco pobre ficam deste modo muito reduzidas, não acha? Quanto ao emprego dos estimuladores cardíacos («pace-makers») convém dizer que o custo dos mais baratos é de 18 mil escudos sendo os melhores cerca de 30. Trata-se de um pequeno aparelho, acionado por pilhas eléctricas, que colocado, por meio de uma operação, sob a pele, um pouco abaixo do mamilo, ligado ao coração por uns fios, mantém o coração do doente a trabalhar ritmicamente. Mesmo que o coração pare, por si só, o aparelho mantém-o a funcionar. Ao fim de 4 a 5 anos, é necessário renovar as pilhas, mas, por vezes, acidentes imprevisíveis obrigam a uma nova operação num espaço de tempo muito menor. Há situações de

urgência, por avaria do estimulador, que não se resolvem na província. E chegar ao hospital quando não se dispõe de transporte próprio, torna tudo altamente complicado.

Quanto a operações, em Portugal, nenhum doente cardíaco que necessite efectivamente de ser operado, desde que compareça no hospital e a operação de que necessita seja realizável no País, deixa de ser operado pelos serviços respectivos. Afirma-o o dr. Orlando Ramos, afirmando no todos os médicos com quem falámos. Mas, se não foi indigente, o custo de uma operação, consoante os casos, orçará entre 20 e 50 contos. Isto sem contar com as despesas resultantes da hospitalização.

Ora, em Inglaterra, onde o nível de vida da população é muito superior ao nosso, um jovem português que aí foi operado gastou exactamente a segunda quantia indicada, incluindo-se nesta verba não só a operação, mas o internamento — sendo este feito em quarto particular num dos principais hospitais de Londres, com acompanhante, coisa que só os ingleses milionários costumam permitir-se... Se o português rico tiver expedientes que normalmente o remediado não tem, e puder empatar um capital que o pobre nem pode aspirar a possuir, ir operar-se ao estrangeiro, em certas circunstâncias, pode até ser uma medida económica recomendável...

## A tuberculose diminui

Neste panorama triste das doenças que nos afligem, é consolador saber-se que a tuberculose diminuiu sensivelmente.

Diz-nos o prof. Tomé Viar, da Faculdade de Medicina:

— Naturalmente, temos ainda que contar com o peso do passado, os doentes que ainda não morreram graças aos tratamentos. Mas novos casos são cada vez menos frequentes e os que vão surgindo são apanhados nos rastros, através dos testes da tuberculina, etc. Neste aspecto, os pobres defendem-se melhor do que os ricos. Como têm menos preconceitos sujeitam-se às normas. São os meninos-familias das classes ricas que mais frequentemente, porque se furtam aos exames periódicos e aos rastros, contraem a tuberculose e alimentam-na muito tempo sem o sabem. O consumo do tabaco em larga escala também afecta as classes mais abastadas. Porque razão existem em Portugal, com o nosso belo clima, tantos casos de bronquite crónica como na brumosa Inglaterra? O tabaco e a má alimentação, à base de hidratos de carbono, são quanto a mim, os principais responsáveis. Quanto às chamadas doenças das poeiras, a condição essencial para as contrair é trabalhar com esse agentes. Os trabalhadores das minas e das fábricas de cerâmica são as primeiras vítimas. Eram até há pouco, as únicas. Hoje em dia, vamos encontrá-las num grupo de pessoas com certos meios, os colúmbios. Entre nós, todos os doentes estão mal. E, em certo sentido, o rico pior que o pobre. Porque o pobre, se chega ao hospital encontra aí, pelo menos, as melhores condições de tratamento de que dispomos. Um rico, se recorre a uma clínica, não tem em muitos casos, as condições mínimas para se salvar, em caso de emergência. Basta lembrarmos-nos que existem três Casas de Saúde em Lisboa a disporem cada uma de um respirador «Engstrom». Quanto às operações, não existe nenhuma intervenção que se realize em clínica que não se faça num hospital. E com todas as suas deficiências, o hospital oferece uma segurança maior. Quando a Medicina era individual, o doente particular estava mais vigiado. Hoje, a Medicina exige uma equipa. Por isso, o médico trabalha melhor onde tem a sua equipa. O resto, aquilo que depende da parte administrativa, melhor mesa ou melhores roupas, e pelo qual o rico foge do hospital, é, frequentemente, secundário. Por sua vez,

os sanatórios, actualmente, recebem só os doentes economicamente débeis. A razão é simples: a descoberta dos antibióticos aplicada ao tratamento da tuberculose permite ao rico tratar-se em casa. O pobre tem de ser hospitalizado por, em via de regra, não ter quem cuide dele. Por outro lado, o antibiótico é caro. Não tão caro como dantes, quando a estreptomomicina estava a 70\$00 o grama e o pobre trocava a que recebia da Assistência por um ou dois copos de vinho... O embaçamento da droga (hoje um grama de estreptomomicina custa apenas \$700) facilitou o regime ambulatório. Mas como não existe uma educação base que leve o doente tuberculoso a desejar traçar-se, nem existe, por outro lado, uma legislação que o obrigue a isso, o médico acaba por reter o doente no hospital, se pretende uma cura definitiva — o que não seria necessário e o que fica muito mais caro ao Estado.

## O álcool também mata

Em todos os países onde o consumo de álcool é grande e a alimentação pobre, o número de mortes por cirrose do fígado é, naturalmente, elevado. Esta, como a úlcera do estômago e do duodeno (não falando já no cancro) são principais doenças do aparelho digestivo. Diz-nos o dr. António Catita:

— Como a base do tratamento destas afecções assenta no repouso e na dieta, o pobre está em desvantagem evidente em relação ao rico. Por outro lado, como sofre, geralmente, de síndromas carenciais, em virtude da alimentação deficiente, resiste menos à doença, a qual, por sua vez, por falta de educação e meios de diagnóstico, só descobre tarde demais.

A educação é um factor essencial na defesa contra a doença. Ela joga, também, um grande papel no caso das doenças infecto-contagiosas. A fim de de nos esclarecermos sobre o que se passa neste sector, pedimos ao dr. Cravinho Araújo, director do serviço respectivo do Hospital Santa Maria, que traçasse, em breve palavras, um panorama da actual evolução destas doenças, em Portugal.

— Referindo-me apenas às doenças infecto-contagiosas ou transmissíveis de pessoa a pessoa, de características endémicas, considero como mais frequentes em Portugal, além da tuberculose pulmonar, a hepatite infecciosa, a febre tifóide a hienorragia e a sífilis. Estas duas últimas doenças têm mostrado um recrudescimento acentuado nos últimos anos; tal fenómeno verifica-se, igualmente, em muitos outros países, até mesmo naqueles mais evoluídos em matéria de Saúde Pública. Realmente, o nível económico-social dos indivíduos desempenha um papel de certo relevo na grandeza das taxas de endemicidade de algumas doenças infecto-contagiosas. A explicação do fenómeno deve ser a que vamos resumir. O facto de um agente infeccioso (microbio) penetrar no organismo humano, não é, ao contrário do que poderia supor-se, condição suficiente para nele surgir uma doença infecciosa transmissível. Na realidade o aparecimento ou não de uma doença deste tipo está sempre subordinada à interacção de duas ordens principais de factores — uns relacionados com o próprio microorganismo causal (infectioso (o hóspede) que penetra no organismo, outros dependentes do próprio «terreno» invadido (o hospedeiro humano)). Da parte do «hospede» tem importância, sobretudo, a virulência de estirpe infectante (isto é, a maior ou menor potencialidade agressiva da espécie microbiana, em causa), e o volume das unidades microbianas que, num dado momento, penetram no indivíduo. Da parte do hospedeiro invadido tem importância, principalmente, a predisposição constitucional para esta ou aquela doença infecciosa e os chamados dispositivos defensivos anti-infectiosos, que fazem parte do complexo sistema da



imunidade natural, específica de cada indivíduo. Uma e outras transmitem-se hereditariamente (nascem com o indivíduo—são congênitas). A predisposição constitucional é uma propriedade biológica própria de cada espécie animal. E dentro de cada espécie animal (também humana), portanto, há, por sua vez, uma predisposição racial. A predisposição individual é, como vimos, congênita. O conjunto de factores herdados e transmitidos geneticamente condiciona, em grande parte, o grau da invasão (que pode até ser nulo), o grau de multiplicação e o grau de difusão dos agentes infecciosos que penetram num organismo. Todavia, a esses factores herdados associa-se, por vezes, o conjunto dos factores exógenos adquiridos após o nascimento, os quais podem influenciar desfavoravelmente, em qualquer indivíduo, uma ausência de receptividade ou, pelo contrário, potenciar uma predisposição já existente. Destes factores mencionaremos a fadiga prolongada (resultante, por exemplo, de um desequilíbrio na balança trabalho-reposo), os traumatismos psíquicos repetidos (conduzindo a depressões nervosas persistentes), as exposições demoradas e repetidas a condições climatéricas inadequadas à vida humana, subalimentação, etc., factores que deprimem a resistência natural do indivíduo. Juntamente agora a fadiga prolongada, a higiene precária, pensemos na promiscuidade habitacional, em que certos indivíduos são forçados a viver, na falta de saneamento de certos ambientes, na falta de vestuário apropriado, na falta de luz, na falta de «tudo»... Tais «requisitos» existem, predominantemente, nas classes mais débeis do ponto de vista económico-social. Ora estes factores abrem brechas mesmo nos melhores sistemas defensivos anti-infecciosos naturais dos indivíduos não predispostos a certas doenças.

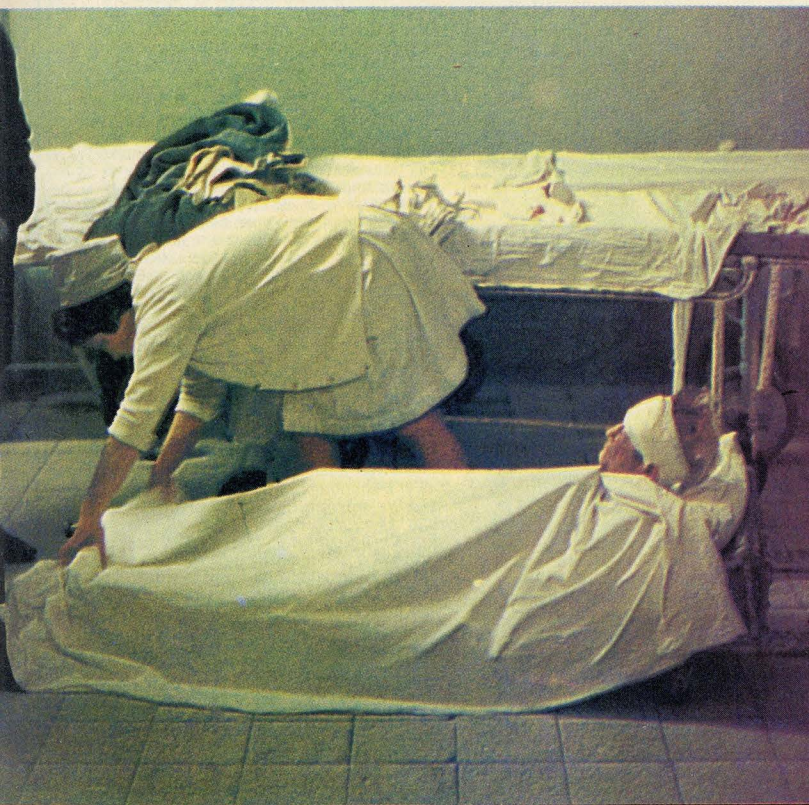
## O micróbio ataca a todos, mas...

—Se tiverem receptividade para a doença, pior. Isto não significa que um indivíduo economicamente forte ou de posição social mais elevada não possa adquirir uma doença infecto-contagiosa. Todos conhecemos ministros, reis, generais, médicos, engenheiros e industriais bem instalados na vida que adoeeceram ou, até, morreram de tuberculose! E que, por vezes, o fenotipo (caracteres adquiridos) não intervêm no aparecimento da doença... Todavia, ele intervém, seguramente, na discrepância enorme que se observa nas percentagens de certas doenças infecto-contagiosas que afligem os economicamente débeis e os economicamente fortes. Numa epígrafe de poucas palavras: muitas doenças infecto-contagiosas são doenças de carácter social! As doenças desse tipo mais frequentes nas classes economicamente débeis são a tuberculose pulmonar—em primeiro lugar—, as doenças venéreas «maiores» (blenorragia e sífilis) e febre tifóide— em segundo lugar—, mas a grande distância da doença citada inicialmente.

Segundo o dr. Carvalho de Araújo nos informou, no caso do tratamento específico das doenças deste tipo, quase todos os hospitais centrais do País dispõem de processos técnicos e científicos indispensáveis ao seu tratamento.

—O pessoal médico e de enfermagem é competentíssimo. Reconheço, todavia, que ele é, insuficiente em número, sobretudo o pessoal de enfermagem que, pela força das circunstâncias, é obrigado a um trabalho estóico. Assim com reconhecimento que nem todos os serviços hospitalares de doenças infecto-contagiosas possuem o apetrechamento necessário ao fim a que esses serviços se destinam.

Tomando em linha de conta o que atrás se expôs, quais são as reais possibilidades de tratamento de um indivíduo economicamente débil, quando atingido por uma doença infecto-



-contagiosa? Pelo que nos foi dado apurar, e não considerando já o caso da tuberculose, em relação à qual há já todo um sistema assistencial próprio (sanatórios, postos do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos, etc.) todo o doente portador de uma doença infecto-contagiosa que se dirija a um hospital central encontra aí todos os cuidados de que necessita. Por razões diversas, porém, muitos doentes não chegam a procurar o hospital ou fazem-no em última instância. Foi o caso de um homem, natural de Trás-os-Montes, que durante um mês teve febres de quarenta graus, sem qualquer tratamento, pois não possuía sequer os 3800 necessários para se desloca de camioneta à vila mais próxima. Quando, finalmente, o conseguiu, o seu estado era tão grave que foi enviado para Lisboa onde, felizmente, ainda foi possível salvá-lo de um febre tifóide. Mas estes são aspectos de um problema que transcende a responsabilidade hospitalar.

—Todos os doentes internados num Serviço de Doenças Infecto-Contagiosas — afirma o dr. Carvalho de Araújo — (como aliás, em qualquer outro serviço seja qual for a sua especialidade) recebem sempre tratamento igual, de acordo com a doença que apresentam. No Serviço que dirijo, o quarto de onde teve alta um doente da mais elevada posição social receberá no dia seguinte, após a desinfecção habitual, um desprotegido, da favela ou um cigano das barracas. Os cuidados médicos e de enfermagem são precisamente os mesmos, em igualdade de circunstâncias clínicas, quer o doente seja rico ou pobre. Ambos usufruem de idênticos recursos da técnica e da ciência moderna.

## Em Oleiros,

### 80% de atrasados mentais

A diabetes é uma das grandes responsáveis das causas de morte no nosso País. Um grande número de pessoas, por falta de vigilância médica, só num estado muito adiantado da doença se dão conta desta perturbação do pâncreas, que tanto pode verificar-se em indivíduos novos ou velhos. O tratamento da diabetes consiste, sobretudo, na ingerência diária, e para toda a vida, de uma certa dosagem de insulina e seus substitutos, acompanhada quase sempre de uma dieta à base de carne, peixe, leite, fruta e hortaliças. Naturalmente, todo o indivíduo pobre tem a maior dificuldade em segui-la, pois, como se sabe, os farináceos são a base alimentar das classes menos favorecidas. Quanto aos medicamentos, embora a insulina tenha embaratecido nos últimos anos, os comprimidos antidiabéticos orais custam 3800 cada unidade. Ora, como o seu consumo vai de dois a seis por dia, o doente precisará, mensalmente, de cerca de seiscentos escudos para se manter em vida.

Ora, fora do hospital, o doente não tem possibilidades de os obter. Em Lisboa, a Associação dos Diabéticos Pobres, fundada por um dos percursores universais da assistência social aos diabéticos, dr. Ernesto Roma, fornece medicamentos gratuitos a todos os necessitados. Mas fora da cidade a situação é precária. Daí, ao que nos informaram no Serviço de Doenças das Glândulas do Hospital de Santa Maria, serem frequentes os casos dos doentes que caem em coma por não terem dinheiro para comprar insulina.

No campo das doenças glandulares, a diabetes não é a única em que o estado económico-social pesa não só no aparecimento da doença, mas no seu tratamento. Uma outra glândula, muito importante no organismo humano, é a tireoideia. Ora, como a hormona da tireoideia é constituída, entre outros elementos, por iodo, há certas zonas do Mundo em que a ausência daquele elemento na água e nos alimentos proporciona um hipotireoidismo congénito e endémico, responsável pelo atraso mental dos indivíduos. Buñuel, o grande realiza-

dor espanhol, localizou, justamente numa dessas regiões, Las Urdes, em Espanha, a acção do seu conhecido filme «Terra sem Pão». Em Portugal, recentes investigações permitiram detectar na zona de Oleiros, vizinha a Castelo Branco, uma área típica. O conhecimento do fenómeno e a junção de uma certa porção de iodo à alimentação (processo, de resto, muito barato) evitaria que em muitas aldeias se verificasse uma realidade assustadora: 80 por cento de atrasados mentais.

A concorrência comercial apenas fez embaatear, as hormonas femininas. Assim, sem um comprimido de *prednisolona*, utilizada no tratamento da hipofunção da supra-renal, custa 4\$50, a recente difusão dos anticoncepcionais femininos fez baixar o custo de um comprimido para 1\$00. A este benefício, porém, não é por uma questão económica que o pobre não tem acesso. O problema aqui é fundamentalmente de ordem educacional.

## Nunca o parto em casa

Finalmente, neste longo inventário das principais causas da morte, em Portugal, terminaremos por referir um dos casos em que o nível económico e educacional mais influi na percentagem dos óbitos: o parto. Quantas mulheres morrem de parto em Portugal?

Porquê?

A razão parece simples de encontrar: 90 por cento dos acidentes mortais verificados nestas circunstâncias deve-se ao facto de a parturiente não ter tido uma gravidez assistida e o parto efectuar-se sem as necessárias condições de segurança.

A este respeito, diz-nos a dr. Maria da Purificação Araújo:

— O parto em domicílio nunca devia ser aconselhado. Só um hospital ou uma Casa de Saúde dispõem de condições apropriadas para assegurar um parto com um mínimo de risco de vida para a parturiente. Todos os acidentes do parto (hemorragias, toxemia, hipertensão, etc.) carecem de uma assistência imediata, impossível de praticar em casa, sobretudo quando nem sequer existe a presença do médico. Enquanto uma parteira tenta encontrar os meios de se realizar uma transfusão de sangue, a parturiente morre. Ora, que se passa, neste campo, em Portugal? De acordo com os dados estatísticos oficiais, dos 189.167 partos ocorridos em 1967, 54.281 verificaram-se em hospitais, 134.598, em casa, dos quais 11.613 foram assistidos por médico e 49.801 por parteira, e ainda 72.790 sem qualquer espécie de assistência qualificada; 228 ainda ocorreram em lugares incertos. Ora, não parece difícil compreender a razão porque, por complicações do parto, gravidez ou puerpério, nesse mesmo ano, se verificaram 74 óbitos em mulheres casadas e 70 em solteiras.

— A nossa população — explica a dr.ª Maria da Purificação Araújo — não faz ainda as análises de rotina durante a gravidez; determinação do grupo sanguíneo Rh, contagem hemoglobina (góbulos vermelhos), VDRL e Khan (para determinação da sífilis), urina tipo 2 (doseamento de açúcar, infecções urinárias frequentes durante a gravidez), etc., só as classes mais abastadas e evoluídas culturalmente as fazem. Por outro lado, a falta de uma preparação psicológica — que, praticamente, só em clínica privada se realiza — origina também complicações perfeitamente evitáveis. Sabemos hoje que um parto demorado pode originar anoxias fetais (falta de oxigénio na criança), causadoras de lesões cerebrais, por vezes muito graves e irreversíveis. As infecções por falta de assepsia, são frequentes. Por outro lado, tudo isto explica que a mortalidade infantil em Portugal seja das mais elevadas: 0,8 a 1 por mil, quando a mortalidade infantil internacional é de 0,2. *Muitas crianças morrem à nascença porque não existe*

no local um pediatra que resolveria facilmente qualquer das muitas possíveis complicações do recém-nascido. Quantas vezes um simples sugador de secreções salvaria uma vida que não chega a ser vivida...

## Ciência: bem da comunidade

Chegámos ao fim do nosso inquérito. Partimos de uma pergunta: os ricos morrem mais tarde? Ouvimos diversas autoridades, de formações e especialidades diferentes. Supomos poder chegar a uma conclusão: os pobres morrem mais cedo. Morrem por falta de dinheiro, mas, mais ainda, por falta de conhecimentos de educação.

A ciência é bem da comunidade. Nenhum médico a furta ao mais necessitado. Simplesmente, o pobre não chega muitas vezes a exigí-la. Mesmo que os grandes centros hospitalares estivessem apetrechados para assistirem todos os necessitados com os últimos processos terapêuticos, é de crer que muitos homens, mulheres e crianças continuassem a morrer à mingua de recursos, por simples ignorância. Empreender uma viagem do campo à cidade ultrapassa, por vezes, não só as capacidades económicas, como os quadros mentais dos indivíduos. O rico acorre ao especialista se o médico assistente não atina com o diagnóstico e a cura se apresenta problemática. O pobre espera a decisão do «doutor», não lhe ocorrendo sequer que este possa enganar-se ou não estar suficientemente actualizado, o que, infelizmente, acontece. Como todos os especialistas assinalaram, o diagnóstico tardio, em qualquer sector da medicina, não só atrasa as possibilidades de tratamento, como impossibilita, muitas vezes, o salvamento do doente.

O decreto 45.266, de 23 de Setembro de 1963, e o Acordo celebrado entre a Federação das Cajas de Previdência e Abono de Família e a Direcção-Geral dos Hospitais Civis, publicado no «Diário do Governo» de 13 de Setembro de 1965 são os dois principais documentos que regulam a prestação da assistência aos trabalhadores por conta de outrem, clínica e hospitalar, fornecimento de medicamentos e tratamentos, subsídios, etc. Não cabe no âmbito deste trabalho fazer-se a análise desses documentos e sua aplicação. Em qualquer caso, se considerarmos que a nossa população activa é de 3.315.639, e que os empregados por conta de outrem constituem apenas cerca de um terço desse número (1.537.286, dos quais 1.505.241 são assalariados e os restantes assoldados ao ano — 9283, e 22.762 tarefeiros) os trabalhadores agrícolas não dispõem ainda de Assistência Social e 205.701 não sendo, sequer, remunerados, podemos concluir que o número de portugueses abrangidos pela Assistência Social, por mais deficiente ou evoluída que ela seja, é muito reduzido.

Para o português comum, morrer, como viver, é uma aventura. Na altura em que o homem se lança na conquista de outros mundos, passeando, pela primeira vez, num outro planeta, arrastando atrás de si o sonho de milhões de outros homens, não será de perguntarmos se a expansão no espaço não significa a final, evasão da Terra — esta Terra soffredora na qual os homens, de uma maneira ou de outra, continuam prisioneiros da sua condição? Todos, sem excepção, morreremos e se é cedo para reivindicarmos a congelação, praticada já pelos milionários americanos, que aguardam no sono supergelado dos seus jazigos o momento em que a ciência descubra o meio de os reanimar, uma coisa, desde já, nos é devida: a facultade de viver bem e prolongar a vida aos limites do possível. No dia em que, sem hesitação, pudermos responder negativamente à pergunta que determinou este inquérito — «Os ricos morrem mais tarde?» — cremos ter avançado neste sentido.



# PÊRA DE SATANÁS

## O FALSÁRIO

por A. Varatojo

A NOTICIA

2 DE FEVEREIRO DE 1869

### FABRICO DE MOEDA FALSA EM LISBOA

Hontem pelas 8 horas da manhã, participaram ao sr. regedor de Santa Catharina que na Travessa do Cabral n.º 30, 2.º andar, estava Alfredo Alves Mendes o qual era acusado de passador de moeda falsa, tendo já pesado sobre elle outras accusações.

Comparecendo ali os srs. regedor e juiz eleito se procedeu à busca de diferentes objectos do dito individuo, havendo contra elle algumas suspeitas de fabrico de moeda falsa e juntamente se procedeu a busca na rua dos Poyaes a qual foi feita pelo sr. juiz eleito da freguesia de Santos, por constar que fóra ali a residencia do acusado, onde se encontraram massos de papeis e um sinete, sendo os objectos apprehendidos em ambas as casas e lacrados para serem enviados à autoridade competente.

O accusado foi custodiado na 2.ª Companhia da Guarda Municipal.

«DIARIO DE NOTICIAS, DE 2/2/1869»

A noticia espicacou a nossa curiosidade. Queriamos saber mais. Seria este Alfredo Alves Mendes o mesmo individuo conhecido por o «Pêra de Satanás» que gerara a teimosia de dois juizes no caso das cautelas falsificadas?

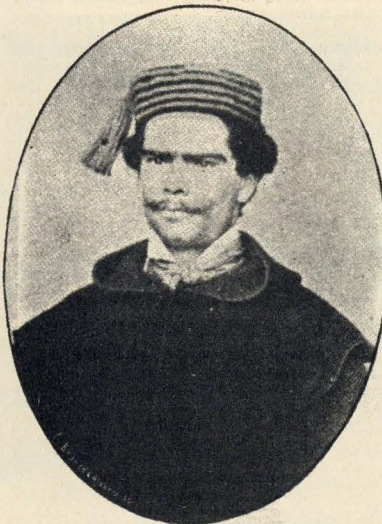
O despique juridico de comarcas verificava-se porque o juiz de Azambuja dizia ter sido a burla feita na Azambuja, mas a falsificação levada a cabo em Lisboa.

O magistrado lisboeta argumentava que o julgamento devia realizar-se na terra em que a burla fora levada a cabo.

Empurra daqui, empurra dali, Alfredo Mendes acabou por responder na comarca de Azambuja.

Condenado, entra na casa de reclusão em 25 de Maio.

Dias depois, talvez preocupado com a insistência com que o juiz o repudiara de



Azambuja, decide abandonar a terra pelos seus próprios recursos e foge da prisão, depois de arrombar as grades duma janela.

No entanto, o azar que o «Pêra de Satanás» tinha às capicuas confirmou-se quando o policia n.º 22 o reconheceu e lhe deltou a mão.

Muito embora lhe pesasse voltar para a vila de Azambuja ali passou cerca de um ano.

E agora ali o tinhamos no novo julgamento do 3.º distrito criminal.

O juiz mirou o processo com particular atenção:

Alfredo Alves Mendes, de 29 anos, natural da cidade do Porto, é acusado de fabricar e passar moeda falsa.

Vários furtos no Porto e em terras do Norte.

Em Lisboa, condenado por furtar barretes da fábrica de lanificios de Oelras, que pretendeu vender mais tarde, sendo apahnhado em flagrante.

Em Maio de 1868, nova condenação por falsificação de cautelas de lotaria de Lisboa e Madrid.

Fuga da prisão, recapturado, cumpre um ano de pena.

«E aqui está o senhor de novo, por falsificar, agora, moeda. Não há dúvida! Tem subido depressa!»

«Val condenado a 5 anos de degredo no Ultramar.»

O Ministério Público apelou da sentença e o processo subiu à Relação. Entretanto o preso recolhia ao Limoeiro, a aguardar.

Mas o «Pêra de Satanás» não era de molde a esperar por decisões supremas.

### Fuga espectacular

31 de Dezembro de 1869. O guarda da prisão n.º 2 veio contar os presos antes da recolha à cela.

Um, dois, três...

Contagem monótona, rítmica e de rotina: 67, 68, 69.

Estão todos! Mais uma contagem de garantia, mais rápida, menos cautelosa, feita na semiobscuridade de massa pardacenta das fardas: 67, 68, 69!

Longa fila de reclusos entrou na cela conjunta e a volta da pesada chave enclausurou-os para a última noite do ano.

Falhar uma conta de somar na instrução primária pouca importância teria para aquele guarda, mas ali, quando as parcelas podem mover-se imperceptivelmente de cumplicidade com uma delas que se escapa, o risco é maior.

A parcela que faltava chama-se «Pêra de Satanás», e desde a tarde desse dia que se encontrava oculto na câmara escura do fotógrafo, desde o suspender do trabalho.

Munido de uma corda de fio de vela, Alfredo Mendes esperou, cosido nas sombras, que a ausência de ruído na cadeia lhe desse a garantia de um recolhimento absoluto.

Alapado à parede do corredor do lado norte, aproximou-se do sitio onde as sentinelas do regimento 16 de Infantaria deviam montar guarda.

O fim do ano ou a proximidade dum ano novo amoleceram a vigilância, e «Pêra de Satanás», num salto felino, transpôs o muro para o telhado inferior.

Ali, a chaminé serviu de cúmplice para segurar a corda extensa por onde desceira para os telhados inferiores, a cerca de 10 metros.

Um novo pulo para o Pátio das Mercceelras e daí para a rua deserta.

A madrugada do novo ano de 1870 tinha a partir dessa altura outro habitante disposto a aspirar a longos haustos a neblina húmida da manhã do seu primeiro dia.

Estas e outras madrugadas receberam no seu seio o falsário que passava a gozar de reputação perigosa entre os polícias e os carcereiros.

Os sistemas de comunicação e de identificação, por improficuos, facilitavam-lhe a vida de perseguido cauteloso.

Mal lhe assinalavam o paradeiro num sitio, ele escapula-se sem deixar rasto.

Tal como a pequena partícula que procuramos tirar de um copo de líquido e telma em escarpar-se no último momento do bico da colher, «Pêra de Satanás» ia mergulhando mais e mais nas águas turvas da canalha miúda, emergindo aqui e ali, à tona, para dar um golpe.

Foi assim que, finalmente, uma «colherada» oportuna o apanhou ao de cima, em Viseu.

Confirmando as suspeitas, urgia transferi-lo para Lisboa, embora a morosidade e a insegurança dos transportes aconselhassem a usar etapas de garantia.

Coimbra foi a primeira e, por um triz, a sendo, de novo, a última.

De noite, uma janela e um salto quase o libertaram.

Se não fora a queda mal calculada, que lhe causou uma entorse, e lá teria a policia de procurar buscá-lo de novo.

Desta vez a sorte não o protegeu e conseguiram trazê-lo a Lisboa.

O julgamento foi rápido e o degredo cumprido.

Mas África não oferecia condições para o «tipo de trabalho» do «Pêra de Satanás» e regressou a Lisboa em fins de 1881.

## Moedeiro falso

Quem nasceu para fabricante de moeda falsa não acredita em fontes de rendimento pelo trabalho.

Por isso, quando surgiram «novas moedas de 500 reis», o commissário-geral, dr. Cristóvão Pedro de Moraes Sarmento, palpitou a origem da fábrica clandestina.

A 15 de Abril de 1882 foram súbitamente presos no Rato três elementos da quadrilha: José Maria da Silva, «O Caramelo», José Maria dos Santos, «O Cadeireiro», e o policia n.º 95 da 2.ª divisão, já extinta, que hábilmente «Pêra de Satanás» alicia-va com propostas enredantes.

Capturados estes, tornou-se fácil a prisão do cabeçilha.

O interrogatório processou-se na casa onde residia o «Pêra de Satanás», e na sua presença o commissário-geral principiou uma busca minuciosa.

Aparentemente, não se encontravam provas. Os recantos todos tinham sido observados com as cautelas e a pericia convenientes, mas Alfredo Mendes persistia em tornar-se vítima de uma denúncia malévola.

Até que o dr. Moraes Sarmento se lembrou de mandar desfortar o tecto e procurar entre os alizares a prova que faltava.

Ao soltar-se a primeira tábuca, esven-

trou-se o esconderijo do tesouro das moedas de 500 réis de chumbo.

O commissário teve finalmente o sorriso de triunfo que há muito tardava em expandir.

— Então? Ainda nega?

— Digo que não fui eu que meti aí esse dinheiro!

— Ah, sim?

Julgando que a pergunta era um principio de crédito na veracidade das suas afirmações, «Pêra de Satanás» prossegue animado:

— Provavelmente isto é obra duns espanhóis que moraram na casa antes de eu vir habitá-la.

Troquista, o commissário-geral comentou:

— Vejam lá como estas coisas acontecem... que coincidência! É uma habitação com destino de casa de moeda falsa. Vou pedir ao Governo que a exproprie por utilidade pública.

O falsário ainda aventou:

— Se V. Ex.ª me der 24 horas, eu mesmo lhe trago um desses espanhóis.

O commissário-geral, dr. Moraes Sarmento, riu. Uma boa e sonora gargalhada a premiar a ingenuidade ou a audácia do «Pêra de Satanás».

E até 17 de Maio de 1886, o moedeiro de chumbo ficou a remoer na cadeia a resposta adequada.

## A última falsificação

ABRIL DE 1886

«Pêra de Satanás» volta ao Limoeiro, desta vez como visita. Cumprida a sua última pena, obtém autorização para ir «ver um amigo». Um jovem de 17 anos que era empregado na casa da moeda e está preso em cumprimento de uma pena leve, por delicto ligeiro.

É o principio de um contrato que o «Pêra de Satanás» espera venha a tornar-se frutuoso.

É na cadeia e no hospital que se conhecem os amigos, e Alfredo Mendes, o «Pêra de Satanás», sabe tecer a teia onde enreda as suas vítimas.

Escolhe os seus colaboradores com o cuidado do artista que selecciona modelos.

Este jovem está indigitado para figura central dum quadro que o criminoso considera a sua obra-prima, e quando sai do Limoeiro encontra o «mestre» à sua espera.

E preciso comemorar, urge brindar numa pândega rija, com uma «brezundella», como se dizia na época, entre os bairristas da Mouraria.

O café do Refilão serve de pano de fundo, e as primeiras pinceladas do quadro são dadas pelos canjifões de tinto que regam o prato da «desfeita», com o bachelau e grão-de-bico salpicados de colorau picante.

«Pêra de Satanás» faz o esboço, e os retoques são dados muito depois, quando a ingenuidade do seu jovem cúmplice lhe prova ter as bases suficientes para «exportar» a obra terminada.

Obtém clandestinamente os «clichés» das estampilhas de 25 e de 500 réis.

O papel obtém-no da mesma origem e a «Mnerva» para a impressão adquire-a «legalmente» por 20\$000 réis num estabelecimento da Praça Luis de Camões.

É o investimento necessário para a produção em série que irá inundar o mercado, em concorrência com os correios.

Falta instalar um sistema de venda seguro que não alerte as autoridades.

E encarregado da venda «O Abade», de nome Caetano Simões, que, de moço de padeiro, fora promovido a criminoso.

As estampilhas surgem timidamente nos arredores de Lisboa e a pouco e pouco começam a sentir-se, a «pesar».

O artigo da venda é simples. Trata-se de uma quantidade de selos recebidos de Africa dum amigo que pagou uma conta em selos, e ele, «Abade», não tem correspondência que lhe consuma tudo.

Está disposto a perder algum, mas pretende realizar dinheiro depressa.

E, coniventes na fraude, na esperança de um lucro ilícito, os comerciantes compram «mais barato».

E a onda do minuscúlo papel, impresso com as chapas dos selos autênticos, vai invadindo o mercado.

Até à conferência periódica dos «clichés» na Casa da Moeda. A falta de dois alerta os correios e consequentemente as autoridades.

Cautelosamente, monta-se a rede. O «Pêra de Satanás» é vigiado, os seus cúmplices seguidos.

A sua ostensiva abastança de momento, verificada.

O primeiro «peixe» a cair é o «Abade». É o cabo Jacob quem estica a linha do interrogatório.

Versátil em esquivas, o «Abade» resiste. Paciente mas firme, o velho e matreiro Jacob deixa-o espadagnar na aldrabice um bocadinho para lhe dar um estirão de repente.

É uma luta tenaz, entre um pescador experimentado e um «peixe» já graúdo. Aos poucos, Jacob sente-o enfraquecer e vai puxando, puxando.

O «Abade» já percebeu que não consegue soltar-se, está bem fígado, e abandona.

— Sr. Jacob, a mim pouco se me dá ser preso. O que me preocupa é uma sobrinha de 7 anos que tenho a meu cargo e fica ao desamparo. Se a internarem num asilo, eu confesso.

A luta suspendeu-se. O cabo Jacob vai verificar a veracidade do pedido.

Realmente, a garota existe.

Ela será a grande vítima se não atenderem o pedido do «Abade». É sincera a preocupação do cúmplice do falsário. Há ainda nele algo de humano que não será bom destruir.

O commissário-geral, ao ter conhecimento do caso, leva-o ao governador civil — o marquês de Pomares — que prontamente se interessa pela criança, e simpatizantemente lhe quebra toda a inicial resistência. Confessa. Confessa tudo. Em pormenores saborosos e ricos que permitem a captura de toda a quadrilha.

Nova e última condenação do «Pêra de Satanás», que estrebucha numa negativa inútil. De nada lhe serve. Até 1890, cumpre na cadeia Penitenciária a pena que lhe é imposta.

O organismo vai cedendo na insalubridade da cela, enquanto a esperança de novas falsificações se esfuma num horizonte cortado pelas barras de ferro.

Quando sai da cadeia, já mal se segura nas pernas. Troca o catre e a enxovia por uma cama do Hospital de S. José, onde definha os últimos momentos.

As faces esqueladas mal seguram a pêra descuidada.

Mantém-na até à morte.

Por ela será reconhecido, decerto, por Satanás!

\* — A garota, sobrinha do «Abade» e protegida pelo marquês de Pomares, foi mais tarde uma senhora digna e respeitada, que chegou a professora.



Pelo barrar deste  
pãozinho vê-se  
quem o vai comer.

É pessoa de bom gosto quem sabe escolher Planta. Um paladar requintado satisfaz-se com Planta. Só Planta barra o pão com a frescura delicada que o bom paladar exige. E a pureza de sabor que só Planta lhe oferece faz dela a sempre preferida pelas pessoas de bom gosto.



Planta, para as pessoas de bom gosto

# EIS O DATSUN 1300!



ESTE MAGNÍFICO AUTOMÓVEL

( ENTRE OUTROS )

**PODE SER SEU !!**

---

BASTA COMPRAR <sup>O SÉCULO</sup> **ilustrado**

---

PARTICIPE JÁ NO SENSACIONAL CONCURSO

**3** DATSUN PARA VOCÊ!

# MEIO MILHÃO DE AUTOMÓVEIS ACORRERAM A CABO KENNEDY

reportagem de Jacques e Michel Tiziu

Os que pensaram em vir a Cape Kennedy para assistir à partida para a Lua dos primeiros homens que tinham por missão aí pousar, deveriam ter trazido um helicóptero! Não existia um único disponível em toda a região... Ora foi este o único meio de comunicação possível no dia 16 de Julho, antes e depois do lançamento do Apolo-11. Durante os últimos preparativos e até ao desaparecimento do foguetão no céu da Florida, a circulação aérea não oficial foi interrompida por óbvias razões de segurança. Foi inútil tentar alugar uma viatura ou encontrar acomodações num hotel, com ou sem televisão... Já há várias semanas que estavam todos tomados. O Hilton Kennedy está cheio, como o Sauté Hotel, o Polaris, os Apartamentos Luna, ou os Gemini. Nem um só quarto disponível a menos de 100 km. da base!... Depois da decisão oficial da N. A. S. A. de fazer durante o voo do Apolo-11 uma primeira tentativa de alunagem, os telefonemas de todo o Mundo pareceram convergir para Cape Kennedy. Um quarto de hotel? Uma cama em casa de algum habitante da cidade? Encontrámos amigos que tinham recebido chamadas de pessoas que haviam sabido os seus nomes através da lista telefónica... Ao acaso, ou devido à proximidade da área de lançamento?

Quem chegou no seu próprio carro, teria feito melhor em pô-lo o mais depressa possível em qualquer garagem, se não tivesse ar condicionado. A pé era mais depressa, o calor era o mesmo e restava a possibilidade de se pôrem à sombra, para beber uma Coca-Cola ou uma Seven-Up, ou um Bitter Lemon... Convinha evitar os «cocktails» especiais com nomes evocativos! Toleráveis à noite, desarranjavam qualquer um completamente durante o dia se não se estivesse habituado às misturas alcoólicas americanas. E Cape Kennedy é uma região onde a tensão nervosa incita a beber tanto quanto o calor.

Vieram para aqui perto de meio milhão de carros... Desde o mais pequeno dos automóveis «americanos», o Bug (também chamado Volkswagen), até ao maior dos monstros de camiões, encimados por uma espécie de estúdio, e mesmo até aquelas enormes «roulottes» de três e quatro quartos que não podem ser transportadas senão por via férrea, e que se viam às centenas na região. Muitos técnicos da N. A. S. A. e industriais vivem a bordo destas «roulottes» gigantescas, algumas das quais podem acoplar-se para formarem maravilhosos apartamentos. Todas têm, evidentemente, ar condicionado... Ninguém poderia viver doutro modo no calor sufocante de Cape Kennedy. Um dos campos de «roulottes» a escala americana chama-se Celestial Trailer Court, e a sua publicidade explica dispor de um serviço absolutamente excelente.

Meio milhão de carros americanos, de pára-choques encostados, é algo que repre-



Em Cape Kennedy, milhares de famílias que não encontraram instalações nos hotéis, tiveram de acampar.

senta cerca de 2500 km. Ora não existem 2500 km. de estradas em toda a região! Nem sequer 1000! A conclusão é evidente: não existia solução!... E o problema era tão insolúvel para a N. A. S. A. como para os industriais que não sabiam como conseguir fazer chegar à base os seus 50 mil empregados na manhã do lançamento. É claro que se previram distintivos e bracheiras especiais, mas os distintivos e as bracheiras nunca aceleraram a circulação automóvel! Preveniram-se escoltas policiais, mas tiveram os mesmos problemas. Deste modo foi necessário recorrer aos grandes meios, ou seja converter «hangares» em dormitórios. Foi a maneira de conseguir ter os principais técnicos necessários no momento do lançamento, embora depois duma noite passada numa cama de campanha onde, em conjunto com o nervosismo, foi quase impossível dormir.

Os turistas, esses tiveram que dormir nos seus carros ou nas praias (esta última solução não foi nada desagradável, pois não houve tempestade). Aproveitamos para esclarecer que foram tomados 12 lugares no nosso minúsculo apartamento de 2 divisões! Tivemos de pôr também na porta um cartaz: «Está cheio.» Precisemos que como todos os parques de campismo estavam cheios, um certo número de locais normalmente reservados aos amantes da natureza ou aos observadores de aves, foram postos à disposição daqueles que tiveram a boa ideia de trazer a sua tenda. Um destes locais, no território de Titusville, a norte da base, era um dos melhor situados para observar o lançamento. Mas houve mais turistas por metro quadrado que nas praias da Côte d'Azur...

Evidentemente, a presença de um ou dois milhões de visitantes alegrou os comerciantes e a Câmara de Comércio do Condado de Brevard. As lojas encheram-se de lembranças alusivas, desde garrafas em forma da nave Apolo, até às camisolas com as cores dos astronautas, passando

pelos modelos do fuso e da pequena nave lunar, os cartazes dos astronautas, as canecas de cerveja em forma de cápsula ou as toalhas de praia marcadas Cape Kennedy. O museu espacial da N. A. S. A., no Centro de Informação dos visitantes, e o da Força Aérea receberam por dia milhares de visitantes. O recorde absoluto, batido em Maio, foi de novo ultrapassado em Junho, e depois em Julho. Venderam-se milhões de postais e recordações, depois da partida de Armstrong, Aldrin e Collins.

Quanto ao Conselho Económico do Condado de Brevard, pediu a votação dum crédito suplementar de 25 mil francos novos, para publicar 100 mil exemplares dum suplemento de 8 páginas inserido no jornal local, o «Astronaut Trail», e que elogiou as vantagens da região aos visitantes. Com o termo do programa Apolo, o preço da terra diminui em Cape Kennedy, mas a Câmara de Comércio quis aproveitar o acontecimento antes que ele se desvanecesse.

Residiu aí o aspecto positivo da inundação que, durante o lapso de dois ou três dias, multiplicou por cinco a população local. Existiram também aspectos negativos, implicando a aplicação de meios excepcionais, quer se tratasse de lutar contra os incêndios (havia quase tantos cigarrões abandonados como visitantes), de acidentes automobilísticos (o factor enervamento substituiu o factor velocidade), de insolações ou crises cardíacas. Todos os hospitais estavam a postos. Chegaram camisas suplementares. O pessoal seguiu-se. A Cruz Vermelha preparou-se, também. Colocou um centro de primeiros socorros cada 6 a 10 km. Sabia que seria fora dos automóveis, ou com eles em andamento lento, que teria de intervir. Previu mesmo uma flotilha de helicópteros e de barcos.

Foi de barco, no rio Banane, no Sugiennes ou nas zonas livres do Atlântico perto das costas, tanto ao norte como ao sul de Cape Kennedy, que muitos visitantes puderam assistir ao lançamento. Na condição também de terem trazido o seu próprio barco, ou terem vindo a bordo do seu iate! Guarda-costas, barcos da polícia e da Cruz Vermelha tiveram também muito trabalho, e dificuldade em circular.

Se os vendedores de recordações e as estações de serviço receberam todos estes intrusos de braços abertos, vindos somente para poderem dizer daqui a alguns anos: «Eu estive lá!», o mesmo não sucedeu com a pequena comunidade cósmica, a dos habitantes de Cape, aqueles que viram não apenas todas as partidas de Apolo, mas também as da Gemini e mesmo da Mercury. Uma espécie de seita teve tempo de se formar. Tem as suas tradições bem estabelecidas. Apolo-11 não mudou nada nela...

Copyright (c) 1969 Gamma e Agência Dias da Silva

# UMA "BÀTEGA" DE 90 MINUTOS PROTEGEU A TORRE

por John Payton

O lançamento Apolo-Saturno em direcção à Lua, no passado dia 16 de Julho, teve lugar no meio de uma enorme «bàtega» no Centro Espacial Kennedy na Florida. Não se tratou de um acontecimento de carácter meteorológico. É um facto aplicável com igual certeza a todos os lançamentos Apolo-Saturno.

A «bàtega» provém do sistema industrial de água instalado na torre móvel de lançamento. O lançador móvel é uma massa

de aço de 44 andares, que se ergue por detrás do foguetão e o alimenta através de energia combustivel e linhas de comunicação, antes de cada lançamento. O sistema de água, desenhado e operado pela Boeing, protege esta torre, a rampa de lançamento e a lingua de fogo quando as chamas do levantamento envolvem a área, causando temperaturas superiores a 6 mil graus F. — muito mais quente do que uma fornalha de fundição metálica.

O desenho de arrefecedores de água não constitui o género de trabalho normalmente associado com uma companhia que também constrói o maior foguetão do Mundo para a N. A. S. A. Mas em Cape Kennedy, o trabalho no primeiro andar do foguetão, de 7,5 milhões de libras de impulsão, compreende apenas uma fracção das tarefas da Boeing. A equipa de 3 mil homens da companhia também está empenhada nos crinogénicos, no transportador, na torre de lançamento e outro equipamento em ambas as rampas de lançamento. O sistema de derramamento de água constitui um dos trabalhos mais importantes da Boeing.

Numa espécie de «monção» de 90 segundos, provocada pelo homem, iniciada um minuto antes do lançamento, 250 mil galões de água são descarregados para todas as áreas afectadas pela chama que irrompe dos 5 motores do primeiro andar do Saturno-5. É água suficiente para encher 25 piscinas. A água surge de 5 reservatórios, depois sai através de 250 orifícios, num superchuveiro.

As canalizações do sistema de água atingem um diâmetro de 42 polegadas (mais de 1 metro). Uma simples válvula pode pesar vários milhares de quilos. A água está armazenada num reservatório ao nível do chão, suficientemente grande para abastecer uma cidade de 60 mil habitantes.

Durante os preparativos do pré-lançamento, o sistema de água está a postos para proteger o pessoal e o equipamento, no caso de se iniciar algum fogo ou o combustível for cuspidor. Se se tornar necessária uma evacuação da Apolo enquanto os astronautas estão no cimo do foguetão de 363 pés de altura, a água do sistema de derramamento será lançada e protegerá a primeira parte do seu caminho de fuga. Ainda outro sistema de borrifadores foi estabelecido para arrefecer os motores do primeiro andar, em caso de o director do lançamento ordenar uma paragem, enquanto os motores estiverem a trabalhar no máximo, mas antes da descolagem. Todas estas operações são simultaneamente automáticas e controláveis do Complexo de Controlo de Lançamento, a mais de 3 milhas de distância da torre.

Baseado nos preços comerciais da água na área de Cape Kennedy, o banho de 90 segundos no lançamento eleva a conta de água à média de 1 dólar por segundo. Mas é uma soma modesta, comparada com a segurança que proporciona.

Copyright (c) 1969 — Singer Features e Agência Fertiaque

O mapa da Lua mostrando em pormenor os pontos e as posições de engenhos soviéticos e americanos. O módulo lunar fez uma perfeita alunagem no mar da Tranquilidade



# "NÃO HÁ MULHERES MAIS CALMAS..."

Quase todos os homens que se treinam em Cape Kennedy, para a aterragem na Lua, são casados e têm filhos. O seu feito poderá certamente trazer-lhes enorme fama, mas exigirá das famílias uma tremenda tensão, dado que os astronautas podem ficar encalhados na Lua, sem esperança de regresso...

Há poucos dias, três mulheres sentiram-se orgulhosas, mas desamparadas e completamente atarradas, enquanto os maridos se inscreviam para sempre na série histórica da fama.

Existem doze homens em treinamento intensivo no Cape Kennedy, entre os quais foram escolhidos três para o voo lunar. Quase todos são casados e têm filhos... e todas as mulheres foram industriadas quanto aos prováveis perigos que os maridos enfrentarão e as oportunidades reais de regresso.

Em que consiste ser-se a mulher de um astronauta? Será justo para um homem que navega pelas fronteiras do espaço ter de preocupar-se também com a mulher e os filhos? Poderá um casamento suportar tais problemas extraterrestres?

Provou-se, contudo, que os homens com laços emocionais de mulher e filhos estão indubitavelmente mais aptos para as perigosas viagens no espaço. «São esses mesmos laços — explica um informador da N. A. S. A. — que lhes fornecem as qualidades de paciência e estabilidade necessárias à realização do trabalho.»

Antes do programa espacial Apollo ser iniciado, há 2 anos, foi explicado às mulheres dos homens indigitados para irem à Lua exactamente aquilo em que a viagem consistia, sobretudo o mais perigoso momento da viagem, quando o módulo «Moonbug» deixa a superfície da Lua para regressar à Terra.

Se o módulo cair — e nada garante que tal não irá suceder — os homens podem ficar encalhados na Lua sem qualquer esperança de salvação.

Todas as mulheres temem ficar viúvas. Mas, poucas delas tiveram a coragem de pôr o problema em termos assim tão frios... Para os homens do espaço, andar em órbita à volta da Terra quase faz parte da rotina diária. Para as crianças, o facto do pai ser um astronauta fá-las ser alvo da inveja dos colegas de escola.

Apenas as mulheres têm tempo para ponderar os perigos que espreitam no espaço os homens de quem gostam.

Quais serão provavelmente essas mulheres? A curta lista de astronautas inclui Walter Schirra, que encara a ideia de se retirar; Donn Eisele, Walter Cunningham, todos da missão Apollo-7, e Frank Borman, James Lovell e William Anders, da Apollo-8.

Todos são casados. Yo Schirra, Lovell Cunningham e Harriet Eisele já sabem o que significa ter um marido as voltas no espaço. «Não consegui fazer mais nada além de estar sentada em frente do aparelho de televisão durante horas seguidas — declarou «mrs.» Schirra — como se fosse um coelho hipnotizado.»

Falou por todas as esposas dos astronautas, quando fez notar: «Há tão poucas coisas que possam fazer quando eles andam lá por cima, excepto viver a vida normalmente e esperar até que eles voltem para a Terra, de novo.»

Se Schirra se decidir retirar das missões espaciais, existirá pelo menos um homem que saberá exactamente como a sua esposa se sentirá. Quando o coronel John Glenn, o primeiro americano em órbita, se retirou, há 4 anos, a mulher, Ann, declarou:

— Penso que devo ser a mulher mais aliviada de todo o Mundo! As provações que Ann Glenn passou naquela manhã de Fevereiro de 1962, quando o marido se lançou, de foguetão, nos anais da história, têm-se repetido por várias vezes e com várias mulheres, sempre que um foguetão parte de uma rampa de lançamento com uma carga humana que lhes é querida.

— Acendia a lareira. Fazia o pequeno almoço. Lavava a louça. Queria ser eu a fazer tudo. Depois, subitamente, não havia mais nada para fazer, excepto ficar sentada em frente do televisor.

Quarenta e cinco minutos antes da descolagem, a tensão na casa de Glenn foi abalada pela campainha do telefone.

Ann percebeu logo quem era. Encaminhou-se rapidamente para o quarto e fechou a porta.

Mas, com tão pouco tempo, o que havia para dizer?

— John perguntou-me se tinha recebido duas bobinas de fita magnética que mandara — uma para os filhos e outra para mim. Queria saber se tinham chegado bem.

Depois, no último momento, o casal utilizou a mesma maneira de se despedir de há anos, quando John partira para a guerra no Pacífico.

— Vou só lá abaixo à tabacaria da esquina comprar pastilha elástica — disse ele.

A sr.<sup>a</sup> Glenn compreendeu logo. — Não te demores muito — respondeu — e desligou.

Quando saiu do quarto tinha os olhos rasos de lágrimas.



Susan Borman, Valerie Anders e Marilyn Lovell, esposas dos três tripulantes da Apollo-8, sorriem finalmente: os seus maridos regressaram à Terra

Volto para junto do aparelho de televisão e em breve se estava em «T menos um minuto. Cinco, quatro, três, dois, um e zero. Ignição. Partida.»

As lágrimas começaram a tombar-lhe pela cara e o mesmo sucedeu à filha, Lyn. «Está a efectuar uma subida óptima» — disse o comentador. — O piloto John Glenn comunica que todos os sistemas funcionam bem.»

As câmaras focaram então um céu vazio e Ann Glenn, com a cabeça nos joelhos, rompeu em soluços.

Meia hora mais tarde, bebendo sumo de frutas na cozinha, já mais calma, sorriu corajosamente e disse:

— Parece que já não é só meu marido. Agora pertence a toda a gente.

Valentina Gagarin, mulher do russo Yuri, o primeiro homem que subiu no espaço, disse a mesma coisa quando o mundo prestou tributo ao marido, em 1961.

Envergando um chapéu novo, azul, que comprara especialmente para a ocasião, recebeu as aclamações de 500 mil russos, na pávida clareza de Moscovo, e ouviu Khrushchev cumprimentá-la por «apoiar o marido com todo o coração.»

John Glenn, o primeiro americano em órbita e sua esposa, Ann. Quando, há quatro anos, Glenn se retirou da astronáutica, Ann declarou: «Penso que devo ser a mulher mais aliviada de todo o Mundo.»

— Penso, por vezes, que as mulheres que esperam são mais corajosas do que os homens que voam — declarou o dr. Ian Dodds, chefe da N. A. S. A., director das pesquisas sobre as condições da Lua.

— Não há nada que elas possam fazer. Nem sequer podemos deixá-las ir à rampa de lançamento.

A única concessão humanitária feita ao astronauta é a autorização para telefonar à mulher o mais cedo possível após o regresso à Terra, antes das longas horas dos exames e testes médicos.

— Não vale a pena dizer-lhes quão seguras são, estatisticamente, as viagens espaciais — faz notar o dr. Dodds — elas conhecem os dados e querem saber a verdade. As mulheres dos astronautas são as mulheres mais calmas e realistas que conheço.



# AS RESPOSTAS QUE PROCURAMOS NA LUA

um artigo do dr. Wernher von Braun

Mesmo as missões mais rápidas darão início a um excitante programa de exploração para resolver os velhos mistérios da Lua. Este programa multifacetado será mais tarde completamente modificado, quando navios espaciais mais avançados permitirem aos exploradores permanecerem mais tempo na Lua, efectuando viagens mais extensas através da superfície.

Acabaram agora de ser divulgados os últimos pormenores sobre aquilo que a nossa primeira missão Apolo efectuou, quando os dois astronautas deixaram a nave principal na órbita lunar, e colocaram a nave de descida na Lua.

Desde o encontro até à largada, permaneceram na Lua durante 18 horas. Por duas vezes ambos os astronautas emergiram de uma abertura no Módulo Lunar, a nave de alunagem, e aventuraram-se juntos através da superfície lunar, durante 3 horas de cada vez. O resto da sua estada foi utilizada em verificações da nave e dispositivos de segurança, comunicações, e um período de 6 horas para comer e dormir, no intervalo das viagens cá fora.

A principal actividade das 6 horas de exploração foi empregar na recolha de amostras de rochas e solo lunar, para serem trazidas para estudo. Tiraram fotografias do terreno lunar também, e inspecionaram e mediram as pegadas da própria nave no solo lunar. Por fim, espalharam pela superfície lunar, a distância de uns 300 pés do ponto de partida, um verdadeiro arsenal de instrumentos científicos que enviaram informações pela rádio para a Terra durante pelo menos um ano.

Um esboço deste equipamento de experiência científica lunar da Apolo (ALSEP) foi recentemente exposto no centro da N. A. S. A. em Houston. Inclui uma variedade de instrumentos para observar a superfície da Lua, e outros para efectuarem experiências no subsolo—utilizando meios como um lançamento de granada para produzir ondas sísmicas artificiais, e um sismómetro para as detectar. Uma bateria atómica denominada SAAP-27, especialmente desenvolvida para o ALSEP, constituirá uma fonte de poder termoeléctrico de 50 vóltios. Os astronautas inseriram a sua cápsula de combustível de plutónio após a alunagem.

A partir deste modesto começo, desenvolver-se-ia um vasto projecto de exploração lunar destinado a responder a perguntas tão variadas como estas:

Existirão organismos vivos na Lua—quicá completamente diferentes de quaisquer outros da Terra? As experiências microbiológicas em amostras lunares, da superfície e interior, indicarão a resposta. Outra coisa a ser procurada nas amostras é a existência de substâncias orgânicas primárias, como aquelas onde se originou a vida na Terra—e oxigénio e traços de água, os quais possam ser extraídos de materiais lunares para auxiliar a manter futuras bases na Lua. Os geólogos estão ansiosos por identificar os minerais lunares e deduzir a maneira pela qual se formaram.

Existe algum indicio de atmosfera lunar,

e em que medida? Uma vez que deve ser tão tênue que mesmo os motores do foguetão do módulo lunar podem contribuir substancialmente para ela, os cientistas estão ansiosos por iniciar o seu estudo.

Que será que sucede nas crateras lunares, como a Alphonsus, que mostre sinais de actividade? Estas crateras termicamente activas, os mares ou oceanos, e as elevações constituirão os três principais tipos de terreno lunar com interesse para os exploradores.

Como surgiu a Lua? Teria sido separada da Terra pela gravidade solar ou será que ela e a Terra se condensaram a partir da mesma massa rotativa de gás, ou foram ambas tomadas de fragmentos sólidos que andavam desordenadamente em órbita à volta do Sol—a teoria da «acrecção»? A investigação da história da Lua implica uma lista de quinze principais questões que a Academia Nacional das Ciências, em apertada colaboração com a N. A. S. A., preparou. Porque ela mesma nos poderá fornecer mais informações sobre o próprio passado da Terra. Enquanto as marcas iniciais do nosso planeta foram virtualmente adulteradas por forças erosivas como o vento, a chuva, correntes de água e vegetação, as da Lua, que não tem ar, deverão estar preservadas.

## Instrumentos para os exploradores lunares

Os dispositivos à disposição dos astronautas incluirão: ferramentas de cabo longo para reunir pedras soltas, balanças simples para pesá-las, recipientes onde colocá-las, sondas para apanhar amostras do solo e termómetros apropriados para uma profundidade de 30 metros da crosta lunar; equipamento sísmico para obter informações sobre a estrutura interna da Lua; magnetómetros e gravímetros para medir as variações locais dos campos magnético e gravitacional da Lua, recipientes de amostras e equipamento de análise de gases para estudar a atmosfera lunar.

## Quais os próximos passos?

As primeiras alunagens do programa Apolo, limitadas a cerca de 125 kg. de equipamento científico, não poderão arriscar-se, quanto a actividades de superfície, muito para além do local de pouso. Os módulos lunares não poderão permanecer mais de 48 horas na Lua, e uma grande parte deste tempo terá de ser usado na verificação do aparelho para o voo de regresso. Por outro lado a estada terá que ser limitada para evitar fadiga excessiva. No final da sua viagem de duas semanas à Lua e regresso, a tripulação enfrentará sempre uma manobra esgotante que exige a máxima atenção e precisão: a reentrada na atmosfera à velocidade vertiginosa de 10,8 km. por segundo, ou seja mais de 10 000 km. por hora. O principal

fio demonstrar a exequibilidade do próprio voo. Os voos seguintes com navios espaciais ainda mais avançados permitirão alargar extraordinariamente as estadas na Lua. Cargas aumentadas equiparão os exploradores lunares com ferramentas de tamanho respeitável, tais como arados de fundas lâminas e veículos destinados a efectuar viagens até grandes distâncias do local de alunagem. E assim chegaremos ao auge da exploração lunar.

## Equipamento avançado de alunagem

Um dos dois sistemas de alunagem que parecem particularmente prometedores, é o ALM, módulo lunar aumentado. Parte do princípio de que o veículo de lançamento Saturno-E parece capaz de carregar para a Lua um frete bastante maior do que inicialmente se pensava. Isto deverá permitir um aumento substancial na capacidade de combustível do módulo lunar, e portanto um aumento na carga útil transportada por este último. Assim o equipamento vital dos astronautas (oxigénio, água e comida) poderia ser aumentado de modo a chegar para vários dias, e equipamento científico em maior quantidade, poderia ser transportado, tornando úteis esses dias adicionais. O outro conceito prevê alunagens geminadas por meio de um módulo lunar «abrigo» e um módulo lunar «táxi». O processo é o seguinte: dois veículos espaciais, Saturno-V, Apolo, serão lançados de Cape Kennedy, talvez com uma diferença de semanas. O primeiro transporta um módulo de comando e serviço normal e a habitual equipa de três pessoas. A chegada à órbita lunar, os astronautas separam e expõem para a Lua, um módulo abrigo não tripulado, que aluna em local pré-determinado, enquanto os astronautas regressam à Terra.

## Um lar na Lua

Este módulo lunar «abrigo» só-ida, consiste num módulo de descida não modificado, e num módulo de subida ao qual foi retirado o sistema de propulsão. Deste modo poderá fazer alunagem um carga equivalente ao peso total de um módulo de subida tripulado e com combustível—e ainda com o peso que um módulo de ida e volta deixa na Lua. Semanas depois, o segundo veículo espacial Apolo surge em órbita lunar. Dois dos seus três astronautas transferem-se do módulo de comando para o táxi e descem na superfície da Lua. O táxi difere de um módulo normal apenas no facto de poder manter-se no satélite da Terra durante longo tempo sem que perca a sua capacidade de regressar à órbita lunar.

Guiado por um emissor de rádio do «abrigo», o táxi aluna muito perto deste. A partir daí o «abrigo» torna-se a base lunar dos astronautas. Só regressam ao táxi para partirem. Uma das vantagens principais do conceito



# MARTE EM 1990

por Don Riseborough

Embora de momento a exploração espacial seja já excitante, existem ainda coisas mais importantes e melhores para surgirem. A última previsão nos E. U. A. é de que os homens aterrarão e permanecerão em Marte por volta de 1990. O caminho para os planetas, tal como aparece delineado neste artigo, será tão perigoso, longo, e cheio de sobressaltos como o rumo da América em direcção à Lua. Entretanto, outros projectos formidáveis incluem serviços de transportes para a Lua e oficinas orbitais. A grande sombra que se projecta sobre todos os planos é o dinheiro.

Com o magnífico sucesso da recente viagem do homem à Lua e volta ainda bem fresca nos nossos espíritos, as últimas previsões nos E. U. A. são de que os homens aterrarão e permanecerão em Marte por volta de 1990.

A aterragem será levada a cabo por uma tripulação de 4 a 10 astronautas que permanecerão no planeta, durante 550 dias, antes de voltar à Terra. A viagem completa levará entre 2 e 3 anos.

Os planos para a nave indicam que ela pesará cerca de 3 mil libras — ou cerca de metade do peso total da Saturno-5-Apo-

lo-8 na descolagem.

Entre o momento actual e 1990 os E. U. A. esperam enviar missões tripuladas que evoluirão na órbita de Vénus. Ao mesmo tempo, espera-se também que esteja em funcionamento um serviço de transportes entre a Terra e uma base americana permanente na Lua.

Embora estes planos espaciais pareçam fantásticos, eles constituem, na realidade, os propósitos das entidades oficiais da National Aeronautics and Space Administration, correntemente responsáveis pela planificação do futuro programa espacial americano.

Os E. U. A. estão ainda em segundo lugar face à União Soviética no campo da exploração planetária, de acordo com os peritos, apesar da fantástica viagem à Lua, efectuada pelos astronautas Collins, Armstrong e Aldrin.

Há algum tempo, a União Soviética lançou uma nave espacial não tripulada em direcção a Vénus, e a cápsula instrumental deve ter aterrado no planeta em meados do passado mês de Maio.

O último lançamento continua a exploração iniciada pela última nave soviética para Vénus, que fez uma aterragem suave

«abrigo-táxi», é o facto de o primeiro oferecer instalações habitáveis durante algumas semanas. Ao remover-se todo o conjunto de propulsão, passa a haver espaço, por exemplo, para os astronautas dormirem, em camas, em vez de descansarem na estranha posição exigida num módulo normal. Ser-lhes-ia possível despirem os seus fatos espaciais durante os seus períodos de descanso. A exequibilidade de uma tal estada foi demonstrada no princípio deste ano por uma missão lunar simulada de duração comparável. Num habitáculo com o tamanho de cerca de três cabanas telefónicas, construído em Mineápolis, expressamente para a experiência, pela Companhia Honeymell, dois engenheiros do Centro Marshal de Voo Espacial, conseguiram com êxito viver e trabalhar durante dezoito dias, executando de tempos a tempos digressões em fato espacial. Os resultados da experiência são igualmente aplicáveis quer a um «abrigo» ou a um laboratório lunar móvel e hermético.

Outra vantagem do «abrigo» só-lida, com a sua grande capacidade de carga, é que pode transportar um «jeep» lunar. Este veículo aumentaria o raio de acção dos astronautas de 2 ou 3 quilómetros para 30 quilómetros.

Um inconveniente óbvio é que o conceito «abrigo-táxi» necessita de duas alunagens bem sucedidas no mesmo local, enquanto pelo sistema do módulo aumentado, a capacidade científica, embora limitada, fica completa seja qual for o ponto de alunagem. Perspectivas das características da superfície lunar, conseguidas através do Orbiter, deverão fornecer informações que permitam escolher entre os dois sistemas.

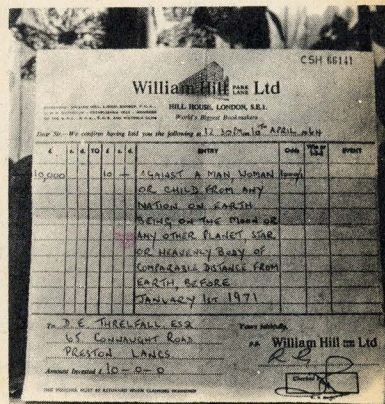
## Os próximos passos

A longo prazo, a exploração da superfície lunar exigirá equipamento mais avançado, não previsto no actual programa Apolo. Por exemplo, em um Saturno-V for empregue apenas para carregar equipamento numa viagem só de ida até a um ponto pré-determinado da Lua, tornam-se desnecessários, quer o módulo lunar, quer o módulo de comando e serviço tripulado. Em seu lugar, o voo não tripulado seguiria o exemplo do sistema Surveyor de alunagem suave, com um processo de travagem para a fase final, recentemente descoberto e altamente eficiente. Um tal sistema de transporte poderá depositar suavemente na superfície da Lua cargas da ordem das 15 toneladas.

Esta capacidade, inteiramente ao alcance de um foguetão de lançamento normal Saturno-V, Apolo poderá realmente traduzir-se numa nova dimensão para as nossas actividades lunares de superfície. Laboratórios móveis capazes de viagens de várias centenas de quilómetros sobre a face da Lua, tornam-se possíveis. E instalações permanentemente habitadas, comparáveis aos nossos campos de investigação do Antártico poderão ser uma realidade, poucos anos após a realização da primeira alunagem.



Este cidadão britânico chama-se David Threlfall, tem 26 anos e foi vencedor de uma aposta singular feita em 1964: que o homem chegaria à Lua antes de Janeiro de 1971. Vai agora receber 10 mil libras (cerca de 800 contos), pois a aposta foi oficialmente legalizada numa agência, como se pode ver no documento presente



na superfície do planeta em Outubro de 1967.

Os E. U. A. enviaram duas naves não tripuladas para Marte, transportando câmaras de televisão — a primeira em 24 de Fevereiro, exactamente quatro dias antes do voo Apolo-9, a segunda por volta do dia 24 de Março.

As duas naves Mariner devem aproximar-se de Marte por volta dos dias 31 de Julho e 5 de Agosto, respectivamente. Espera-se que um ou ambos os Mariners, enviaram para a Terra imagens televisivas da superfície de Marte.

Antes que tanto os astronautas americanos como os cosmonautas russos possam aterrar em Marte — ou possivelmente em Vénus — muito trabalho se tem de realizar numa baixa órbita terrestre.

Entre agora e 1990 ter-se-á de construir grandes estações orbitais que testarão a aptidão do homem para permanecer no espaço durante meses seguidos. Ao mesmo tempo tem de se progredir bastante no que respeita ao foguetão nuclear que fornecerá o enorme poder propulsor para a nave que levará os homens para o espaço exterior.

O plano que as entidades ligadas ao programa espacial estabeleceram para se seguir à primeira aterragem na Lua dos astronautas americanos este ano é o seguinte:

1970-71: mais aterragens pilotadas feitas na Lua. Os astronautas permanecem em baixa órbita terrestre até 135 dias.

1972-73: três astronautas americanos aterram e permanecem na Lua por mais de 14 dias. Quatro astronautas, provavelmente numa estação oficial orbital, voam em baixa órbita terrestre durante um período de 6 a 8 meses.

1973-79: a primeira tentativa americana para realmente explorar Marte será levada a cabo através da combinação de uma nave não tripulada que aterrará, e outra nave não tripulada que se manterá em órbita perto de Marte.

1972-73: poder-se-á efectuar voos até perto de Júpiter, que se manterão numa trajectória tal, de modo a utilizar o impulso gravitacional de Júpiter para permitir que a nave dê uma grande volta ao Sistema Solar, incluindo Júpiter, Úrano, Marte, Vénus e Mercúrio.

1977-82: penetração com êxito nas nuvens que rodeiam Vénus, levada a cabo por uma nave tripulada, que tenta determinar se a superfície de Vénus é apropriada para aterragens pilotadas.

1982-90: missões tripuladas, com a duração de cerca de 350 dias, andarão na órbita do planeta Vénus.

1990-92: uma aterragem tripulada em Marte. Para poupar combustível, os astronautas ficarão no planeta durante 550 dias, — até voltar a haver condições óptimas para o regresso.

A exactidão deste rígido programa é desconhecido. Pode ser acelerado por descobertas de novos combustíveis ou impulsos no desenvolvimento dos foguetões atómicos para as naves espaciais.

Pode também ser atrasado por problemas inesperados, que terão de ser encarados à medida que forem surgindo, ou por um Congresso que corte o orçamento do programa espacial.

Existe muita gente que crê que os 10 mil milhões do programa Apolo, apesar do seu sucesso para a ciência e o encorajamento que representou, não foram bem empregues.

Muito do futuro dos E. U. A. no espaço depende do novo Congresso e do novo governo de Nixon.

## OS BENEFÍCIOS DA CORRIDA ESPACIAL

# CRIANÇAS ALEJADAS TIRAM JÁ PROVEITO DA VIAGEM À LUA

por Huw Griffith

A exploração do espaço está a custar muitos milhões de dólares, que muitas pessoas dizem ser melhor empregues na melhoria de condições dos desamparados da Terra. Contudo, a imensidade de problemas que enfrentam os cientistas espaciais tornou o programa espacial americano numa fornalha de invenções. Fizeram-se progressos no conhecimento humano que poderiam ter levado centenas de anos, se a urgência da corrida para a Lua não tivesse actuado como um estímulo. Ao resolverem os seus problemas, os cientistas também forneceram soluções para problemas que dizem respeito às pesquisas médicas. Huw Griffith conta-nos aqui algumas das numerosas invenções científicas que beneficiaram directamente os doentes, como resultados da experiência lunar.

Desde que o Sputnik-1 foi lançado no espaço, os cientistas produziram muitas ideias aplicáveis à Terra, incluindo uma dose de medicina espacial que a todos nós beneficiará.

A mais fantástica de todas é a cadeira de rodas que sobe escadas.

Isto começou com o «caminhante-lunar», um engenho em forma de cadeira, que conduzirá os astronautas através das crateras lunares. Este incrível veículo, com oito pernas, desce as ruas, sobe-as, e trepa qualquer lanço de escada que o ocupante deseje.

Nesta altura, as crianças alejadas, num centro de reabilitação da Califórnia, ensaiam modelos do formidável aparelho que, eventualmente, poderá vir a habilitar milhões de inválidos a ter uma certa independência de movimentos.

Faça é apenas uma faceta das descobertas médicas produzidas por cerca de 5 mil companhias ligadas ao trabalho espacial.

Na medicina e tratamento de qualquer espécie, um diagnóstico rápido e preciso é essencial. Quanto mais depressa o médico saiba o que se passa, mais depressa poderá curar o doente.

As pesquisas espaciais fornecem aos médicos uma quantidade de novas técnicas e instrumentos de diagnóstico.

Uma nova técnica fotográfica habilita os cientistas a efectuar fotografias muito próximas da Lua, que darão aos médicos os meios de verem mais claramente que nunca o que se passa dentro dos nossos corpos.

Tal como a técnica fotográfica revela fracturas e acidentes nas rochas lunares, os novos raios X podem mostrar ossos, vasos sanguíneos e outros pormenores anatómicos com uma nitidez impressionante.

Há também os electrodos de injeção. Imagine-se um doente que sofre de dores no peito e é examinado por um médico que suspeita de uma doença de coração. O diagnóstico pode ser melhor estabelecido através de um electrocardiograma, enquanto o paciente se exercita.

O médico ajusta os electrodos e o paciente começa os exercícios. Mas existe uma falha. Podem perder-se os discos metálicos, ou fazerem um contacto tão vago com a pele que é difícil uma leitura precisa.

Os pesquisadores espaciais, tendo em vista a dificuldade de testar as condições dos astronautas sob condições espaciais simuladas, pensaram na ideia de introduzir uma mistura condutora sobre os fios e a pele.

Um dissolvente na mistura seca rapidamente, e deixa um traço flexível de material condutor que ajusta os fios firmemente à pele.

Cientistas médicos experimentaram isto em crian-

ças. Funcionou perfeitamente. Puderam andar de bicicleta e de patins sem perder os electrodos.

Para registar o impacto de meteoritos contra as paredes do veículo espacial, os pesquisadores desenvolveram um aparelho tão engenhoso e sensível, que pode medir o ruído de um grão de sal a cair de uma mesa. Para os médicos, este aparelho sensível pode medir o mais ínfimo dos tremores musculares, indetectáveis por qualquer outro instrumento, que assinalam habitualmente o início da doença de Parkinson.

Esta grave enfermidade caracteriza-se por tremores nas mãos, rigidez corporal, e grande dificuldade em caminhar. Recentes descobertas podem ir bem longe, no sentido de orientar os sintomas de ausência de automotónio.

Para avaliar as reacções dos astronautas aos voos espaciais, estão a ser desenvolvidos aparelhos sensíveis. Isto habilita os médicos a medirem, a milhares de quilómetros de distância, as suas pulsações, ondas cerebrais, pressão arterial, respiração, e outras funções vitais.

Adaptados a utilizações hospitalares, estes instrumentos tornam-se «enfermeiras» electrónicas, que observam os doentes através de «controlo» à distância. No momento em que se verifica uma mudança no estado do paciente, a anormalidade é detectada e lança-se o alarme.

Existe um pequeno transmissor que emite importantes sinais relativos à nossa fisiologia, do interior para o exterior. Os médicos atentos podem sintonizá-lo e ouvir o que se passa. A partir disto, esperam desenvolver uma pequena câmara de televisão que também auxiliará nos diagnósticos.

Os cientistas pensam que a referida câmara possa ser introduzida pela garganta até ao estômago, para mostrar, na televisão, as úlceras.

Acabou agora de ser anunciado um aparelho medidor de tensão arterial que pode passar facilmente através da artéria de um bebé recém-nascido até ao coração, sem prejudicar a circulação sanguínea.

Que reserva o futuro da medicina? Uma média de vida de 150 anos? Olhos artificiais que vêem realmente?

Há algumas décadas ninguém apostaria que pudessemos estar tão perto de colocar homens na Lua. Por isso, não é de surpreender que, dos férteis cérebros dos cientistas espaciais brotem tratamentos e técnicas acerca dos quais nem sequer nos atrevemos a sonhar.

# MIREILLE DARÇ:

## "GOSTO DE PERFUMES E DE PELES"

entrevista de Mário Beunat

Bonita, espirituosa, inesquecível, Mireille Darç é a nova personalidade da cinematografia francesa. Nascida em Tolone há 25 anos, Mireille é uma rapariga de estranho carácter. Tão depressa parece doce como áspera, passa da necessidade de companhia à de completa solidão. Em Paris, vive numa casa de três andares com cinco varandas; quando está cansada é para esta casa que vai ou então para a de Roma, de Nova Iorque, de Berlim. O principal facto a este respeito é a sua aversão aos hotéis.

Mireille tem dois irmãos, cerca de vinte anos mais velhos do que ela, cresceu, pois, como uma espécie de filha única numa família de cinco pessoas todas muito mais velhas. Presentemente vive sózinha com uma secretária e um cão chamado «Popconn».

Mireille diz amar Roma acima de todas as cidades. Paris é para ela uma cidade rude e desagradável como Nova Iorque. Londres é a que mais se aproxima de Roma, na sua opinião, e o único inconveniente da capital italiana são, para ela, os homens italianos com os seus modos intrometidos. O seu único divertimento é voar durante as pausas do trabalho. É assim Mireille Darç. Livre e à vontade, divertida, um tanto agreste e espontânea, assemelhando-se por vezes a uma «beatnik» — mas uma «beatnik» «séria», sem colares, enfeites ou extravagâncias.

Esta é a Mireille que vos apresentamos na entrevista S.I. desta semana.

Há no cinema francês um fenómeno. Mireille Darç, como houve um fenómeno Bardot. Sem dúvida porque é extremamente raro que uma actriz se identifique perfeitamente com um personagem num filme na hora exacta e respondendo ao que, confusamente, o público esperava. Assim foi com Bardot em «Et Dieu créa la femme», assim foi com Mireille Darç em «Galia». De ora avante, quer elas queiram ou não, são ambas definidas por estes filmes e devem esperar, quaisquer que sejam os seus talentos e méritos, o que aparece sempre em filigrana, o mito que elas encarnaram ocasionalmente.

Neste momento, Mireille Darç volta num filme negro, sob a direcção de Jean Herman, «Jeff», que segue, à primeira vista, as pegadas de «Adieu l'ami». Trata-se de «Galia chez les truands»? Certamente não, mas nós estamos sempre muito longe de Mireille Darç dos «Barbouzes», personagem encantadora e capaz de fazer rir e de emocionar, por vezes. Mireille tem sempre a nostalgia desta época, em que só desejava mudar de emprego e abordar um papel dramático. Porque é pouco estável, tanto quanto o pode ser uma mulher apaixonada pelo que faz, na medida em que ainda não esgotou todas as suas possibilidades.

Encontrá-la-emos na vida como no «écran», porque já deu tanto dela ao cinema, que o cinema nos permite conhecê-la cada vez mais, a sua personalidade, saindo pouco a pouco dos seus papéis

como um retrato vivo que se desenharia debaixo dos nossos olhos, mas cujos elementos assim juntos seriam tirados ao modelo real. Exterioriza-se muito e sabe explorar a fundo uma situação ocasional. Foi assim que, tendo-lhe a televisão dedicado uma emissão que era consagrada para receber lições de pilotagem de avião, ela acabou por aprender, finalmente, a pilotar. Também adora carros. E agora que se pode dar o prazer de possuir os que lhe agradam, recorda, sem saudades, a época em que se contentava a «olhá-los nos jornais». Experimentou mesmo fotografia, não como modelo mas como operadora, e vários clichés que ela faz com um rapaz na altura das colecções, há quatro anos, apareceram numa grande revista feminina.

### O seu amigo Audiard

Ela própria explica a razão profunda da escolha eclética: «Eu tenho sido sempre muito receptiva para com as pessoas que me rodeiam. Estou disponível na medida em que me interesse por aquilo que eles fazem e que compreendo bem as coisas, apaixonono-me».

— É mimetismo.

M. D. — Sim, exactamente porque, por exemplo, quando vejo muitas vezes Audiard a trabalhar, tenho vontade de escrever, e vejo como progride um assunto. Te-

nho então vontade de fazer o mesmo, de trabalhar num texto dele ou com ele.

M. B. — Audiard tem um lado feroz quando fala das pessoas que não ama. Será que isto acontece também consigo?

M. D. — Oh, não! Mas, sabe, eu conheço-o bem, é muito terno. Contudo, mesmo comigo ele é feroz, por vezes, aparentemente, claro. Nós nascemos no mesmo dia e então recebemos as mesmas influências astrais. Pertencemos ao signo do Touro e nascemos a 15 de Maio com alguns anos de intervalo...

M. B. — É um mês propício ao amor.

M. D. — Sim...

M. B. — Esta disponibilidade que você reconhece deve atrair um certo número de Pigmaliões.

M. D. — Não, porque isto não está escrito na minha cara.



M. B.—Mas é suficiente conhecê-la, tanto mais que é preciso pouco para a conhecer. A prova está em que você acaba de mo dizer e no entanto há bem pouco tempo que estamos a conversar.

M. D.—Sim, mas eu sei muitas coisas sem que mas tivessem dito. Talvez porque sou receptiva.

M. B.—Mas todas as actividades que você evoca, aviação, carros, frequentemente enriquecidos como o de Audiard, são, contudo, muito exteriores. Você quer muitas vezes sair de você mesma. Já alguma vez lhe aconteceu fazer alguma coisa sem que lhe tivessem sugerido?

M. D.—De facto, não tenho muito tempo para mim porque nunca paro. Viajo muito e a única coisa que gosto, sem que seja preciso sugerirem-me, é dos livros. Tenho por eles uma verdadeira paixão. Gosto de ler só bons livros, de papéis, de perfumes e de peles.

M. B.—É amor físico pelos livros.

M. D.—Talvez. Mas não me contento com tocá-los e senti-los, acontece-me mesmo abri-los... Mas ter bons livros em minha casa é um prazer, de qualquer forma, carnal.

M. B.—Você tem um temperamento muito receptivo, disse, e muito maleável. Isso não tende para uma certa passividade em face das pessoas e dos objectos?

M. D.—Não, porque me falta o tempo. Não se passa nem um só dia em que eu não tenha vontade de me mudar, de sair, de ir ver quadros. Tenho uma curiosidade constante; sou espantosamente curiosa. Há pessoas que só se apaixonam por uma coisa, eu não.

M. B.—É afectada pelo que se passa no Mundo? No Biafra ou no Vietname, para só citar estes dois países?

M. D.—Isso é longe para mim e não tenho lá amigos. Só posso imaginar o que lá se passa de uma maneira abstracta. Quando vejo fotografias fico triste nesse momento, mas esta impressão não é dura. Isso não me impede de jantar, falar, viver e rir nessa mesma tarde.

M. B.—Esteja certa que não é você a única.

M. D.—Com certeza; é preciso ser-se honesto connosco. Em desforra, se uma amiga de quem gosto está doente, sinto-me triste 24 horas por dia. Da mesma maneira sinto-me bem durante todo

o dia, se alguém me dá um prazer, seja de que maneira for.

M. B.—Tem sido muitas vezes desiludida nas suas amizades e afeições?

M. D.—Sim, porque me dou excessivamente. Mas não tenho muitos amigos, felizmente, e aqueles que se tornam meus amigos não o conseguem em pouco tempo. Só ao fim de um certo período é que se devem julgar as pessoas. Quanto aos colegas, aos que vivem à minha volta, se lhes dou muito de mim fico contente porque eles oferecem-me uma presença e distrações. A sua alegria de viver é-me suficiente, mas não lhes peço para serem firmes nem fortes.

### Mireille e q erotismo

M. B.—Considera o amor como uma das Belas-Artes?

M. D.—Considero.

M. B.—É o amor no cinema? Tem uma opinião acerca da actual evolução do erotismo?

M. D.—Não me apercebo de nada porque para mim as coisas não mudaram assim tanto.

M. B.—Você quer dizer que não esperou a actual voga para rodar este género de filmes?

M. D.—Bem, eu fiz «Galia». Não tive problemas por me apresentar despida em «Galia», mas não gosto da agressividade gratuita e é preciso distinguir, porque certos filmes são realizados com muita arte e procura, como «Le Silence», de Bergman, que além disso, é desempenhado com uma certa filosofia. No que respeita aos outros filmes do género, penso que é uma forma de cinema e eu vou vê-los sem nenhuma atracção particular. E é tudo. Isto não me choca nem me faz cismar muito.

M. B.—Gosta de representar cenas ousadas?

M. D.—Não completamente. Não gosto nem de as fazer nem de as ver. Mas o nu numa certa atmosfera poética é muito bonito.

M. B.—É preciso, contudo, distinguir entre o naturalismo deambulatório e as cenas de amor propriamente ditas.

M. D.—Repito-lhe, as cenas de amor não me interessam.

### Mireille e as crianças

M. B.—O que é que gostaria de fazer se não tivesse alcançado êxito no cinema?

M. D.—Creio que teria sido mãe de família. Ter-me-ia casado e teria muitos filhos.

M. B.—Isso seria um pouco de renúncia.  
M. D.—Talvez isto fosse narcisismo, desta vez para o lado bom. Teria tido filhos para me ver neles, seria obrigada a viver atrás deles, mas não considero isso uma renúncia. Além disso, não ousaria tentar realizar, por meio deles, a minha ambição artística. Não os teria criado necessariamente para este ofício.

M. B.—E agora?

M. D.—É diferente, é outro problema. Não terei a casa cheia de crianças. Se tiver será só um, e eis tudo. Mas invejo as casas em que há dez crianças. Se eu tivesse decidido não fazer cinema, creio que teria desposado um homem pedindo-lhe para ter muitos garotos. Também é uma escolha.

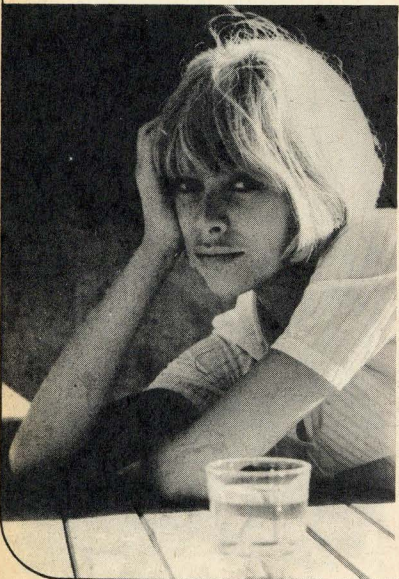
M. B.—Mas o cinema arrebatou-a.

M. D.—Sim, com certeza.

M. B.—Por muito tempo?

M. D.—Logo se verá.

Copyright (c) 1969 — Agência Victor e «S. I.»



# O REI DE REDONDA E O EREMITA CHARLIE BUDGEN

— Pergunto eu, você viu a rainha? Ele usa um casaco castanho amarelado. O problema é que todas as mulheres aqui usam casacos castanhos amarelados. Não consigo encontrá-la. Local: a sala do bar do Alma Pub, em Londres, no westbourne Grove. A três minutos da hora de fechar, o interlocutor era nada menos do que Sua Majestade Imperial, o rei Juan I de Redonda.

— Estou falido, cacareja o rei, mas digo-lhe tudo sobre mim por cinco libras. Na realidade eu abdiquei em Fevereiro de 1967, mas parece que não aceitaram o meu sucessor e ainda me encaram como rei.

O rei Juan, mais conhecido por King John, é o poeta bibliógrafo John Gawsorth nos círculos literários, enquanto o seu verdadeiro nome é Ference Ian Fytton Armstrong.

Durante 20 anos reinou na mais pequena monarquia do Mundo — Redonda, nas ilhas Leward — uma milha quadrada de rochas não povoadas nas Caraíbas, com o guano, sendo a única indústria possível.

— Decidi abdicar porque queria estar livre das viagens reais e continuar com a minha poesia.

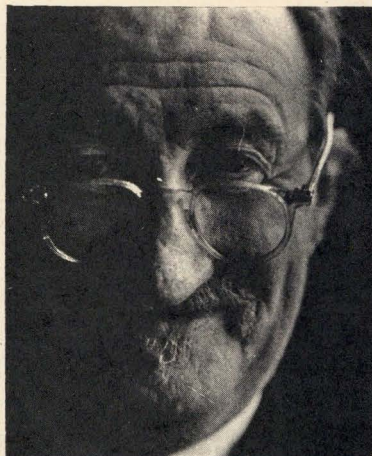
Onde as suas viagens o levaram é puro mistério, porque ele nunca pôs os pés na sua ilha-reino.

Apesar dos velhos fatos que enverga, Gawsorth, de 56 anos, tem uma aparência impressionante e personifica a ideia geral de um rei de fábula. É o terceiro a ter reinado na pequena ilha, e provavelmente como rei é um dos mais extraordinários do Mundo. Os seus 20 anos de reinado viram-no criar um número considerável de pares do reino, sobretudo dentro os círculos teatrais e literários, apesar de o facto de ninguém viver em Redonda.

Entre os seus duques e duquesas incluem-se os novelistas S. B. Priestley, Dame Rebecca West, Lawrence Durrell; os poetas Henry Savage, Dame Edith Sitwell e o falecido Dylan Thomas; e do mundo teatral Vincent Price, Michael Denison, Dulcie Gray, Diana Dors, Robert Beatty, Oliver Reed, Dirk Bogarde e Frances Day. A honra foi também concedida ao antigo superintendente detective Robert Fabian — o quase lendário Fabian da Yard.

— Costumava fazer uma sessão de corte para eles aqui no Alma, todas as manhãs de domingo, disse Gawsorth, e embora tenha oficialmente abdicado, tenciona restaurar a tradição. Desta vez a corte não pode reunir-se no Alma, porque recentemente Gawsorth mudou-se para o sul, para Peel Street, e provavelmente a nova corte estabelecer-se-á no seu local, o Churchill, em Kinsington Church Street.

Como foi que esta figura literária de renome e antigo editor da «Revista Poética» que nasceu comum se tornou monarca?



Rei Juan de Redonda — mas conhecido no West London como King John — é o poeta e bibliógrafo John Gawsorth nos círculos literários, mas o seu verdadeiro nome é Tenence Ian Fytton-Armstrong.



O barbudo Charlie Budgen, eremita dos Sout Downs de Sussex. Durante 12 anos viveu na aldeia de East Hander, mas quis construir um lar seu na própria terra onde trabalha.

— Herdei o reinado do meu velho amigo, M. P. Shiel, o autor. Shiel decidiu tornar-se seu herdeiro, e fizemos uma cerimónia de mistura de sangue, cortando os nossos pulsos e unindo-os.

O reinado data de 1865, quando o comerciante irlandês Matthew Dondy Shiel avistou Redonda, que era então parte das Índias Ocidentais Inglesas. Shiel candidatou-se a rei e como o Gabinete Colonial não levantou qualquer objecção, pôde levar o seu projecto para a frente. Em 1880 Shiel decidiu entregar o reino ao seu filho Matthew Phipps Shiel, e com a idade de 15 anos, o jovem Shiel foi coroado pelo bispo de Antigua.

M. P. Shiel, antigo secretário de Florence Nightingale, que escreveu várias novelas de aventuras no princípio do século, foi o herói da juventude de Gawsorth.

— Suponho que se pode dizer que apanhei por causa dele, diz Gawsorth que recorda um dia em que na Escola Merchant Taylor, um professor lhe bateu com a régua por estar a ler um livro de Shiel de baixo da secretária durante a aula.

«Mas foi a melhor pancada que jamais apanhei.»

Quando tinha 16 anos, Gawsorth procurou Shiel para que este lhe autografasse um dos seus livros. A partir daí tornaram-se amigos íntimos, e Gawsorth ficou a ser o agente literário de Shiel e o seu bibliógrafo.

Uma vez tentou ganhar dinheiro com o seu reino, e anunciou-o para venda por mil guinéus. As ofertas totalizaram 50 mil, incluindo uma do Conde Bertil Bernadotte da Suécia. O conde enviou 50 libras para sinalizar a opção, mas mais tarde mudou de ideias, e Gawsorth decidiu não vender.

Prolífero como poeta, Gawsorth ainda tem várias centenas de obras por publicar. Os seus trabalhos literários estão incluídos no «who's who», mas não é feita qualquer menção ao seu reino. Em edições mais antigas, contudo, faz-se pequenas referências. O seu entretenimento, diz o «who's who», é criar nobreza. Para ocasiões de cerimónias, o traje de Gawsorth é um velho «smoking» de veludo preto, coberto com cera de velas, e nestas ocasiões muitas vezes canta o hino nacional de Redonda, «Ra-ra Redonda», que são também as únicas palavras do mote.

Um pouco, na tradição de Henrique VIII, Gawsorth tem tido uma sucessão de mulheres e está agora a encerrar a hipótese do quarto casamento. A sua última consorte, Mrs. Eleanore Brill, é neta do Marechal Sir George White, e já a encara como sua rainha. Com dois divórcios para trás, Gawsorth não sente qualquer amargura.

— Cuido de todas as minhas ex-mulheres, e encontramos-nos muitas vezes.

A três minutos da hora de fechar no Alma, o rei pede uma caneca de cerveja.

—Não, diz o proprietário, não conseguirá bebê-la a tempo.

Mesmo os reis têm de obedecer às leis de licenciamento inglesas e depois da hora de fechar, a palavra do proprietário é lei. A rainha Eleanor chega, e dirigimo-nos para um café próximo, o rei a coxear pesadamente, apodado numa bengala.

—O médico bateu-lhe no joelho há tempo, desde então tem sempre dores no joelho, declara a rainha.

O rei John senta-se a uma mesa e procura nas algibeiras os seus óculos, lamentando-se do número de buracos que tem no casaco. Tem uma quantidade de trocos — a maioria cobs — e pede três cafés.

—Tire o troco deste monte, diz o escritor.

A rainha abre uma velha mala de mão cheia de tabaco espalhado, e começa a enrolar um cigarro. Olha para o desleixado cabelo do rei, que até há pouco lhe chegava ao colarinho, e diz:

—Uma das suas ex-mulheres cortou-o noutro dia, mas fê-lo muito mal.

## Um poema de John Gausmonth

Pode alguém, libertar-se do amor?

Pode alguém pôr-lhe fim

Não utilizando a razão

Não admitindo a estação

Nem mesmo com bruxaria

O amor termina a seu tempo

Morre, como a abelha, de asas livres

Escolhe o local e o clima

Luna, «ó eternamente»

Mesmo assim enganar-te-á

Mal te tratara

E cairá na sua cova.

## Charlie Budgen

Como muitos aspectos escapam à atenção do condutor que passa, poucas pessoas que sobem a estreita caçada de Upward, no West Sussex, no South Deperns, notam que aparecem como duas estuvas, em conjunto, e estabelecidas num velho quartelão de pedra num dos lados da rua. Mesmo poucas pessoas suspeitarão que a estufa é habitada.

O único detentor desta insólida propriedade é Charlie Budgen, antigo guarda-caça, ávido radioamador, e um eremita

desde 1932. Há dezasseis anos, seleccionou o local para se tornar na sua nova casa — uma velha cabana de pastor, sobre rodas. Durante os anos seguintes, fechou a cabana com uma estrutura de 24 por 24 pés, com três divisórias e revestimento de «polyteno» numa atitude de completo desprezo pelas licenças de construção.

O local é propriedade dos antigos patrões de Budgen, uma companhia agrícola de South Downs, para a qual ele trabalhou como guarda-caça durante vinte anos a seguir ao fim da segunda guerra mundial. Embora agora esteja retirado, e cerca dos 70 ans, insiste em continuar em forma, porque tem uma segurança de atitude que ninguém pode disputar. Entre os seus pertences existe um certificado assinado pelos directores da companhia agrícola, declarando que pode ficar na sua residência durante todo o resto da vida.

—Aqui ninguém me incomoda, por isso não tenho que me preocupar — declara Budgen com um sorriso.

Ocasionalmente tem ouvido rumores de que as pessoas que moram na vizinhança não gostam da ideia de ele viver na cabana, mas não se rala nada com isso.

Desde a infância — passada no local que é agora a parte suburbana sul de Londres — Budgen tem uma paixão pela rádio.

—Nunca passei em nenhuns exames, mas localmente sou reconhecido como um profissional qualificado.

O seu primeiro emprego, como maquinista numa fábrica de munições em Belvedere, Kent, durante os anos iniciais da primeira guerra mundial, ajudou a inspirá-lo.

Na parte final da guerra, foi chamado para a engenharia, mas ficou ferido antes da guerra acabar. Uma segunda chamada apanhou-o no deflagrar da segunda guerra mundial, mas, desta vez, com os seus conhecimentos de rádio melhorados, foi incorporado nas transmissões. Quando o exército soube da sua ferida da primeira guerra mundial, desmobilizou-o após apenas sete meses. Passou o resto dos anos de guerra prestando serviço na Home Guard, chegando eventualmente a atingir o posto de oficial de 2.ª classe.

—Reconheço que foi a minha experiência que me levou até lá.

Durante 12 anos viveu na vizinha localidade de East Marden, mas mais tarde quis construir uma casa para si próprio na terra onde trabalhava.

—Encontrei o local e decidi habilitar-

me a ele. Como os meus patrões não levantaram objecções, mudei-me para lá. Sabe, criei eu próprio este local. Fiz ténção de construir um lar, e consegui-o.

Apenas o seu interior — a cabana de pastor — pode fechar-se à chave, mas ninguém jamais lá entrou ou roubou fosse o que fosse, e Budgen acha que ninguém o fará. O equipamento de rádio e velhos quadros de bicicletas desmanteladas ocupam a maior parte do espaço exterior, porque Budgen é um ciclista apaixonado, e em vista do seu isolamento, uma bicicleta é um artigo de primeira necessidade. Recentemente ofereceu a si próprio um modelo moderno com rodas pequenas.

—Custou-me 32 libras, veja bem!

Com o seu jeito natural para rádio, Budgen não teve dificuldade na instalação de electricidade e calor. Gera toda a electricidade por ele próprio, montando numa velha bicicleta e pedalando. São precisos 12 vóltios e 60 vátios para carregar a bateria, e o seu equipamento até inclui uma luz fluorescente. Budgen recusa ter qualquer ligação com as companhias estaduais.

—Repare nos preços de consumo. São muito mais barato produzir a minha própria electricidade.

Dois fogões de parafina servem para cozinhar. Não há água encanada, mas como existe um fontanário situado apenas a 40 jardas de distância, nos campos, Budgen consegue passar sem ela. O seu rádio transistor, equipado com uma antena de 12 pés, apanha 32 estações e consegue muitas vezes chegar até França em VHF. Durante os anos tem apanhado muitas outras estações continentais.

—Como radiovinte das ondas curtas, tenho aprendido qualquer coisa de todas as línguas europeias. Em breve descobri que percebia um pouco de todas elas, mas não sou fluente em nenhuma. Nunca viajei muito, sabe.

Quando o «Flying Enterprise» se afundou nas costas de Land's End em 1950, Budgen que casualmente estava à escuta, foi rápido em ir em busca de auxílio. Ouviu o navio chamar Land's End, e ninguém parecia responder.

—Telefonei através da rádio para Niton, na Ilha de Wight, e eles contactaram Land's End.

O facto de viver só e isolado não afecta Budgen, que diz gostar dum sítio onde possa meditar. Não gosta muito de ler — apenas de vez em quando algumas revistas velhas — porque a rádio preenche-lhe a maior parte do tempo quando não está entretido a reparar qualquer outra coisa.

—Mas não gosto de televisão. É uma pura perda de tempo. Com o som do rádio pode-se imaginar o resto.

«Escolhi este local porque era abrigado — diz Budgen. — No Verão é verdadeiramente lindo e sempre calmo, excepto quando há vento. Quente e acolhedor no Inverno, também, e o «polyteno» evita a humidade.

Um dos poucos verdadeiros problemas de Budgen são os ratos.

—Há uma quantidade deles por aqui, sabe. Não devia haver, mas cá estão.



O único habitante desta estranha casa é Charlie Budgen, antigo guarda-caça, com perto de 70 anos. Há 16 anos seleccionou o local para aquilo que iria ser a sua nova casa — uma velha cabana de pastor sobre rodas. Durante os anos seguintes rodeou a cabana com uma estrutura de três camadas de tela de polyteno, numa atitude de completo desprezo pelas licenças de construção.

# UMA NOITE DIFERENTE

Chegar a passar uma noite no Cerebrum é quase como conseguir entrada para um encontro numa sociedade secreta. Chegar a uma escura e desolada fachada, em Greenwich Village, tocar, para entrar, numa campainha quase escondida, dá um delicioso, quase apreensivo, sentimento de clandestinidade.

Uma vez transposta a porta de entrada, fica-se num vestíbulo totalmente negro enquanto uma voz vinda do tecto pergunta os nomes daqueles que entraram. Este breve momento de total isolamento do mundo, prepara bem para a plenitude da experiência magnífica que começa quando se abre a porta corrediça interior.

Os próprios modos da rapariga que pega no nosso casaco e delicadamente nos pede para tirar os sapatos, exemplifica a atitude do Cerebrum. Ela é quente, amistosa e está deliciada pela nossa visita.

A reacção da maioria dos visitantes que aí vêm pela primeira vez, é simplesmente parar e ficar espedacado ao entrar na enorme sala onde passarão as próximas três horas. As paredes são brancas, e o chão, coberto com uma tapete macia cor de cinzento-pérola, é pura arte geométrica. Uma larga álea central está flanqueada por catorze plataformas, as quais, embora estejam cada uma ligada com a álea, parecem suspensas no ar.

Seis jovens sorridentes e mulheres que são as guias para a noite, flutuam por aí, usando vestidos brancos ondulantes e translúcidos. Quando nos indicam a nossa plataforma, enfiam-nos gentilmente um idêntico fato branco pela cabeça, e dão-nos uma pequena mala onde podemos pôr toda a roupa que queiramos tirar.

O Cerebrum é, na realidade, relaxante e suavizante em todos os sentidos. No princípio da noite, a música é suave, a luz brilha discretamente e as guias falam delicadamente. Auscultadores individuais são enfiados em passagens no centro da plataforma, e, subitamente, «Strawberry Fields Forever» torna-se mais pessoal. A música vinda dos auscultadores pode ser completamente diferente da que emerge dos altifalantes do clube. Os trajes brancos flutuam, quando os indivíduos tiram os auscultadores para ouvirem os locutores, depois afastam-nos um pouco para ouvir ao mesmo tempo os Beatles e as Supremes.

As duas ou quatro pessoas que se encontram numa plataforma reclinam-se sobre os cotovelos ou deitam-se de barriga para baixo. Os efeitos de luz, vermelha, verde, púrpura, dos holofotes, desfiliam pelas paredes. Projecto-

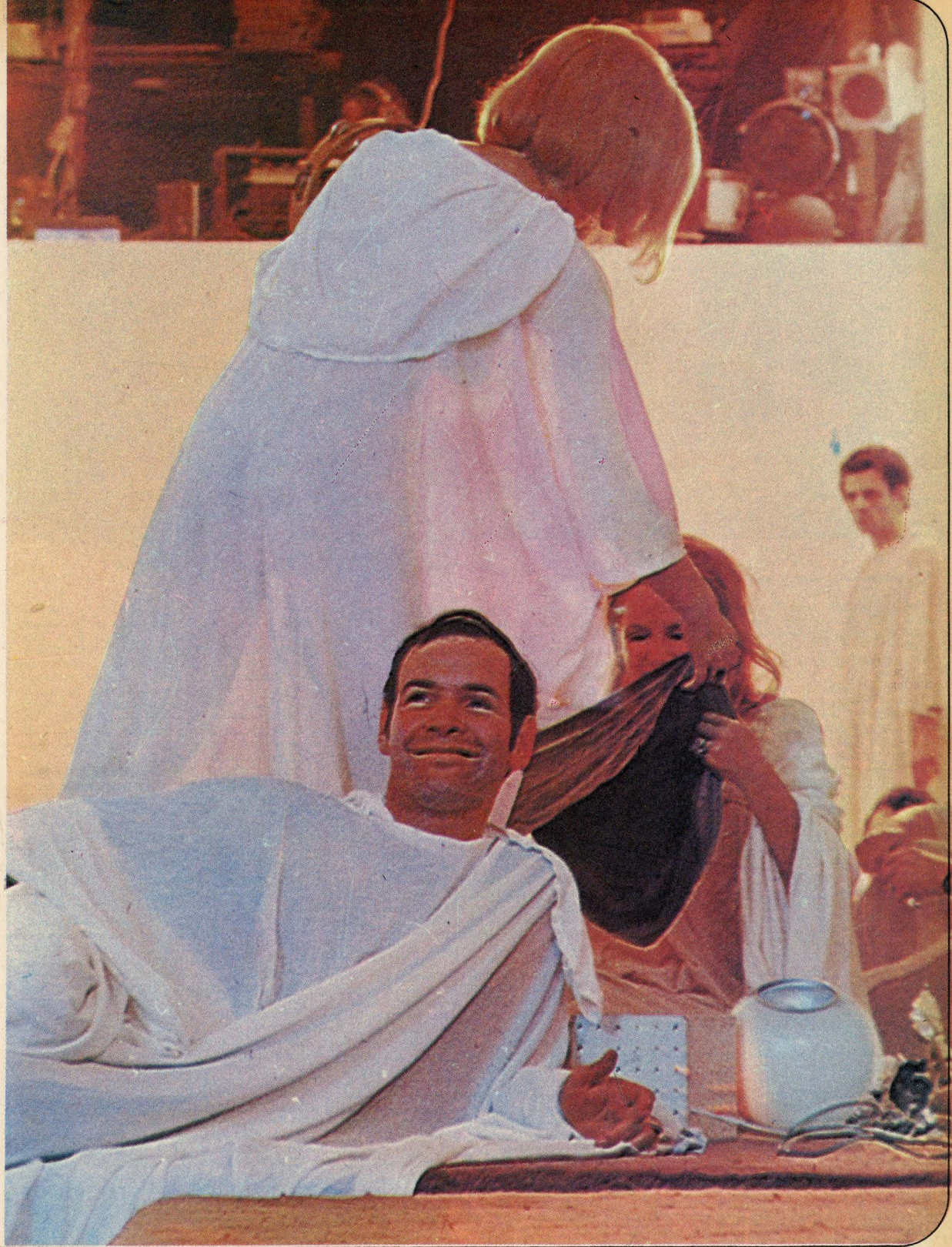


res de «slides» mostram Greta Garbo, pinturas abstractas, e a chegada de John F. Kennedy a Dallas. As guias lançam no ar balões brancos. Uma rapariga loura e o namorado jogam com um balão, empurrando-o para cá e para lá com os estrangeiros da plataforma mais próxima, sorrindo e brincando. Uma guia, usando o seu traje branco, ajoelha como uma gueixa numa plataforma. Tomando uma das mãos de cada pessoa, espalha loção perfumada cor-de-rosa num dedo, e depois noutro, fazendo desenhos. Aperta gentilmente as mãos, depois junta-as todas, massajando colectivamente. Os convidados começam a esfregar os dedos e as palmas das mãos uns dos outros. Massajam a mão da guia. Sorriem.

Por poucos segundos, a música torna-se num forte «rock», é mudada para algumas árias «folk», depois corta para o género semi-clássico. Os projectores coloridos nas paredes, brilham, onduam e jogam ao sabor da música. O retrato de uma boneca, com um lado da cara esfacelado, é mostrado durante vários minutos, enquanto outro projector passa cenas de rua.

As guias distribuem tamborins, bongos, maracas, marimbas, e muitos pares vão dançar, batendo o ritmo com os seus instrumentos. São projectadas imagens através dos trajes revoltantes.

Enquanto um jovem toca um tambor, outros







três, com o cabelo bastante curto, excepto um monge budista, com rabos de cavalo, dançam e cantam o «Hare Krishna» durante vários minutos.

Os hóspedes são presenteados com uma caixa de plástico com a qual podem desenhar, fazendo voltar botões que produzem linhas num «ecran». Uma guia senta-se com um grupo para assistir à construção de uma pirâmide com blocos grandes e chatos de plástico. Várias caixas brancas perfuradas, com brilhantes luzes coloridas lá dentro, são colocadas em plataformas. Após minutos de distração, os hóspedes passam os brinquedos às pessoas da plataforma mais próxima.

Uma guia percorre a álea central, desenrolando uma faixa de chapa de alumínio à medida que passa. A chama rebrilha com luzes azuis, verdes e encarnadas na a reflectidas, antes de se desfazer em pedaços. Segue-se um período de concentração criadora, e um jovem apresenta a sua namorada com uma flor de folha. Uma morena alta veste um cinto largo, com aspecto medieval, e uma rapariga baixa, loura, forma uma pulseira, enquanto o seu companheiro lhe constrói um crapeau de folha.

Uma guia traz para a álea um antigo aspirador. Liga-lhe um objecto verde que é enchido até formar um enorme balão. O balão sobe para o tecto, e é lentamente impulsionado para o ar por dúzias de mãos, que se eevam, tocando-lhe delicadamente. Imagens abstractas vindas dos projectores colorem o balão com braços, faces e vestidos. O balão dirige-se para uma parede, toca num bico e explode. Do grupo ergue-se um grito de desapontamento. A borrracha despedaçada é cerimoniosamente apresentada para ser tocada, apertada e agitada ao som da música.

Outros divertem-se com um círculo de corda extensível, que é utilizada para um puramente não competitivo esforço guerreiro, que envolve pelo menos uma dúzia de pessoas.

Simultaneamente, são projectados nas paredes quatro filmes, incluindo uma produção

Western a preto e branco, e um filme colorido sobre dança moderna. A projecção de «slides» continua, e a modelos de alta costura, seguem-se «cow-boys». Um homem estende-se de costas na macia carpete, com a cabeça almofadada por dois balões.

A música torna-se de novo importante e quase toda a gente dança: só, em pares, três jovens e uma rapariga dançam juntos na sua plataforma. Globos de pequenos quadrados de vidro reflectem, imagens de luz que se movimentam através das paredes, à medida que os globos giram.

Um atraente casal de jovens enrola os trajes à volta um do outro, formando um todo, sob a luz vermelha dum holofote. Um homem envergando símbolos de amor com o seu vestuário, dança sozinho. Um modelo louro corre abandonadamente pela álea, os braços entrelaçados, com o fato a flutuar para trás dela.

Tudo aqui é atmosfera, uma sensação de relaxamento, de desinibição. Não se serve álcool no Cerebrum, e não é permitido fumar, a não ser que alguém queira ir aos lavabos. É claro que ninguém o faz, porque há demasiado que fazer na sala principal. As guias servem alteia e taças de água, durante a noite.

Súbitamente, a música suaviza-se, as luzes empalidecem, e começa a surgir do chão uma tênue neblina. Em breve a sala está repleta com um nevoeiro que produz uma sensação nova. Uma rapariga senta-se, olhando para as mãos, para o vestido, para os seus pés descalços. Consegue ver claramente o seu próprio corpo, mas o companheiro, apenas a dois pés de distância, parece perdido no nevoeiro. Os cançarinos podem ser vistos, mas estão afastados para muito longe. Surge um sentimento de se estar dentro das nuvens, no cimo de uma montanha. Contudo, é sereno, e a sensação de isolamento é contrabalançada pela sensação de se estar seguramente envolvido em maceza e delicadeza. As guias evoluem pela sala, espalhando perfume no ar.

A medida que o nevoeiro se dissipa, as pessoas voltam às suas plataformas. Uma guia

surge e desfalda um pára-quadras, que parece cobrir a sala toda. Quase todas as 56 pessoas que enchem o Cerebrum, correm para fora para apertar os cantos do pára-quadras. Viram-no da esquerda para a direita, ondulando para acompanhar o tom da música, e depois começam a levantá-lo para o tecto, formando uma tenda, enquanto vagarosamente baixam as extremidades para o chão. As pessoas começam a rastejar por debaixo da tenda, e observam fascinadamente à medida que esta se eleva e baixa por sobre elas.

Quando a tenda é levada para fora, as luzes tornam-se mais claras, e a música mais suave. Um guia com uma longa barba loura e longos cabelos dourados, e a sua companheira, de cabelo preto caído sobre as costas, caminham de mão dada pela álea fora, sorrindo «Boas-noites» para toda a gente.

O Cerebrum, que abriu no dia 10 de Novembro de 1968, foi criado por Rulfin (Cooper) e os seus sócios Bob Jack, John Brown e Richard Curry. Rulfin, de 25 anos, pediu emprestado ao pai, que é um texano conservador, o dinheiro necessário. Como explica Rulfin:

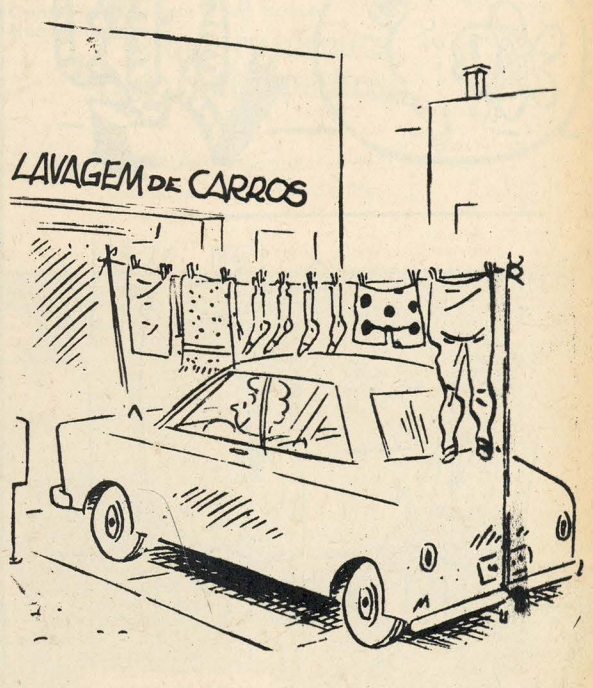
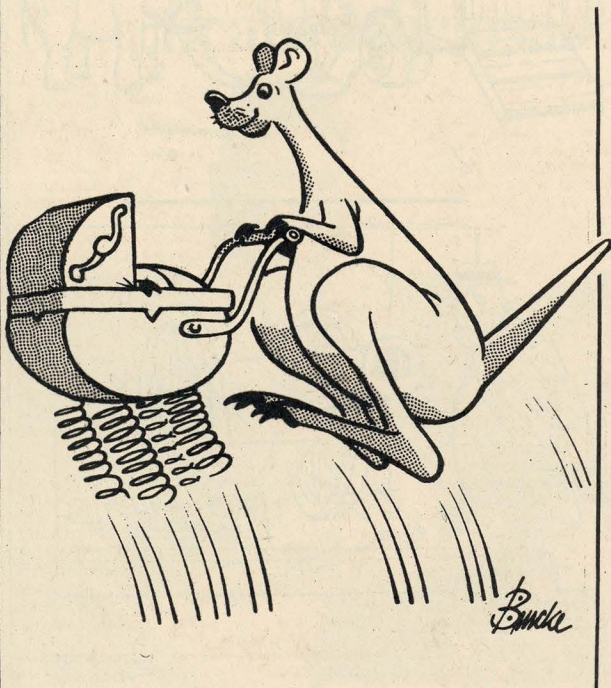
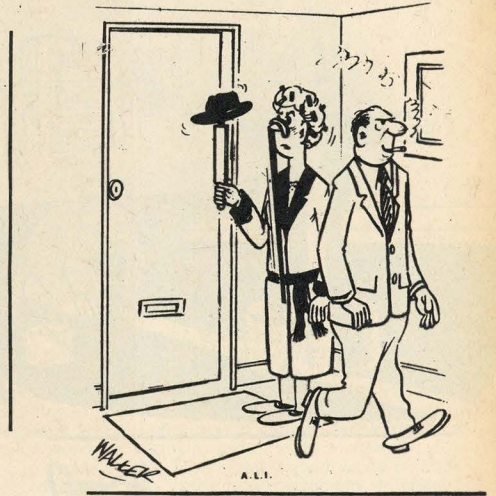
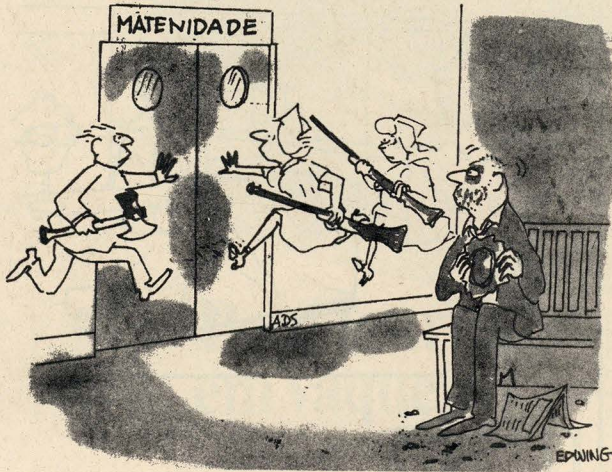
—O negócio é assim, se isto for por água abaixo, corto o cabelo e arranjo um emprego certo.

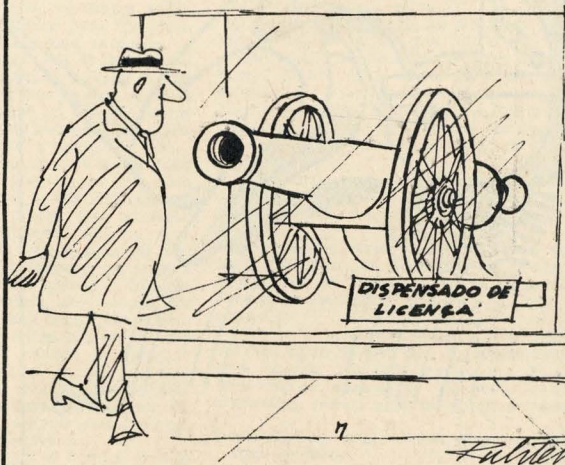
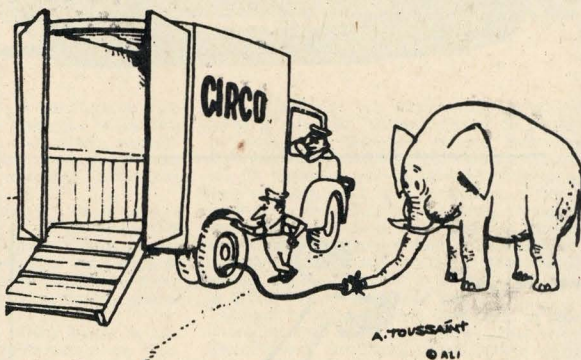
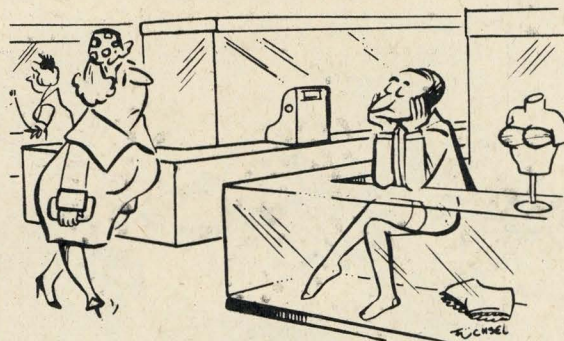
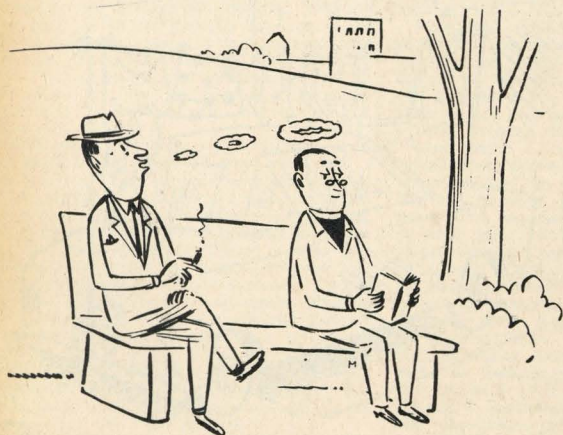
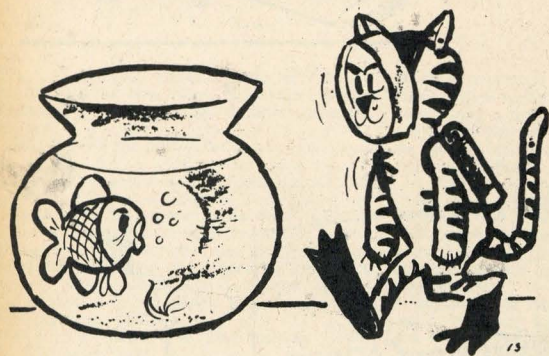
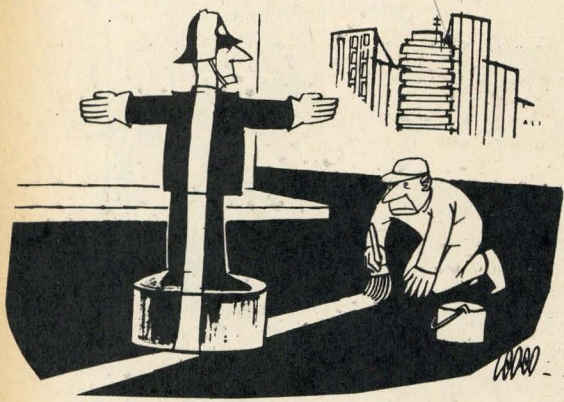
Infelizmente para o pai Cooper, o clube está a prosperar, embora vagarosamente, e os planos futuros incluem a abertura dum Cerebrum em Boston.

John Martin Stroryk, um arquitecto de 21 anos, graduado por Princeton, fez o desenho do interior do Cerebrum. Os círculos arquitecturais americanos elogiaram a sua concepção.

Embora o Cerebrum tenha sido criado por pessoas muito jovens, não é necessariamente para aqueles que estão abaixo dos 30 anos. Um recente cliente, de 50 anos, careca e grisalho, passou uma «estupenda» noite.

Copyright (c) 1969, «Black Star» e Agência Dias da Silva







**Bem lourinhas  
em Vaqueiro, as**

## **POSTAS DE PESCADA COM LIMÃO**

**ficam deliciosas!**

E uma grande alegria cada vez que chega à mesa a travessa das postas de pescada com limão, preparadas com Vaqueiro. O meu marido repete sempre e os garotos até saltam de contentes. São realmente deliciosas, alouradas em Vaqueiro; e é tão simples... Tempero com sal e pimenta 4 postas grandes de pescada. Em lume brando, derreto numa frigideira 3 colheres de sopa de Vaqueiro e ponho as postas de

pescada a fritar. É a Vaqueiro que lhes dá o sabor delicioso que todos tanto apreciam. Polvilho com aipo e salsa picados, rego com sumo de um limão e deixo alourar dos dois lados.

Depois de fritas, coloco-as na travessa e, sobre cada uma, ponho uma rodela de limão. À volta, disponho batatas cozidas à inglesa e polvilho com salsa. Rego as postas, bem regadas, com molho de

fritar e sirvo logo, bem quentinhas!

**Comem todos que é um gosto!**

**Realmente Vaqueiro torna  
tudo mais apetitoso**

*Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Fátima Valle Pinheiro da Veiga  
Guarderas — Moreira da Maia*

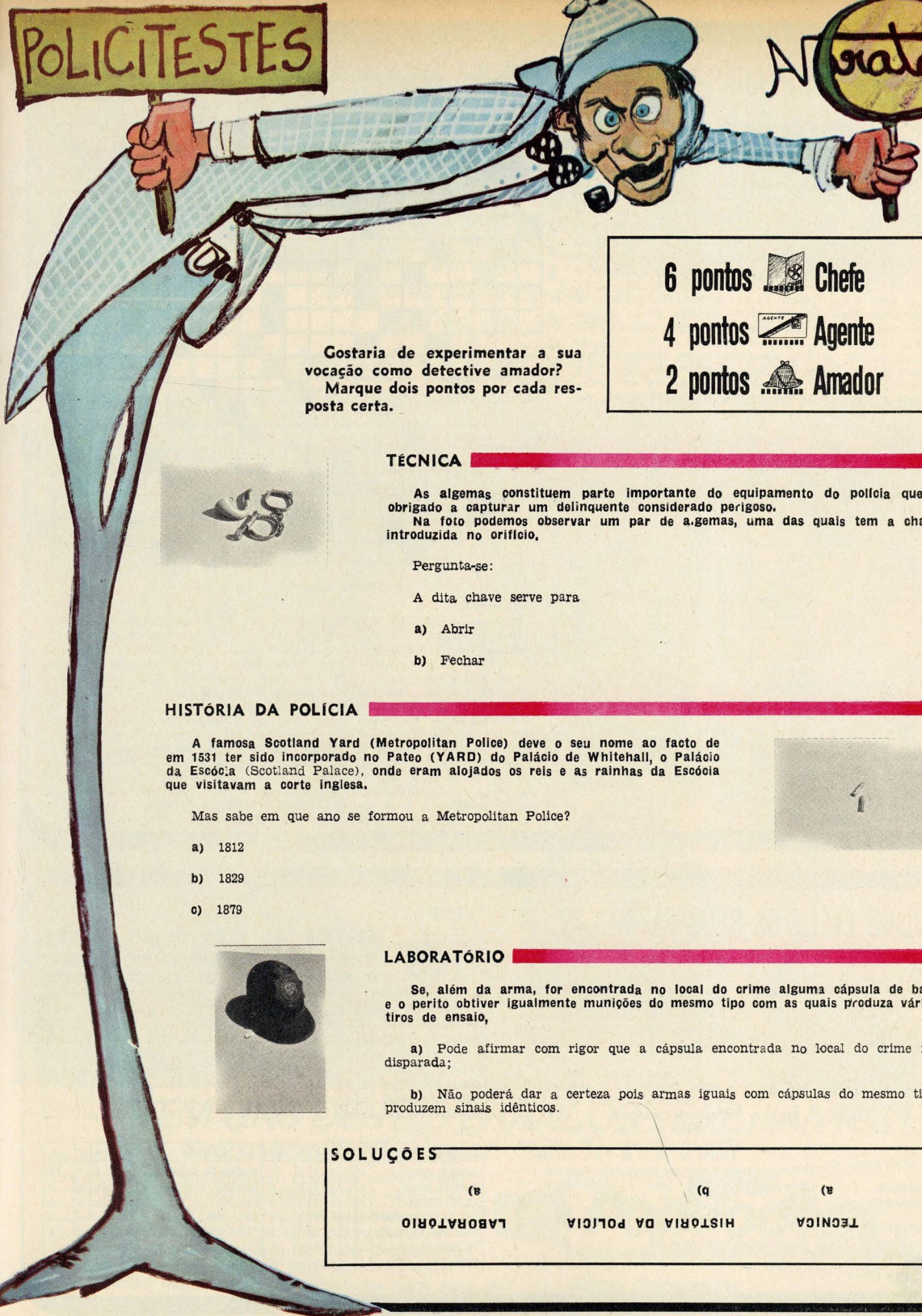




**é tudo... tudo laranja!**

**Schweppes**

Pasteurizada • Sem Corantes • Sem Conservantes



Gostaria de experimentar a sua vocação como detective amador? Marque dois pontos por cada resposta certa.

6 pontos  Chefe

4 pontos  Agente

2 pontos  Amador

## TÉCNICA

As algemas constituem parte importante do equipamento do polícia que é obrigado a capturar um delinquente considerado perigoso. Na foto podemos observar um par de algemas, uma das quais tem a chave introduzida no orifício.

Pergunta-se:

A dita chave serve para

- a) Abrir
- b) Fechar

## HISTÓRIA DA POLÍCIA

A famosa Scotland Yard (Metropolitan Police) deve o seu nome ao facto de em 1531 ter sido incorporado no Pateo (YARD) do Palácio de Whitehall, o Palácio da Escócia (Scotland Palace), onde eram alojados os reis e as rainhas da Escócia que visitavam a corte inglesa.

Mas sabe em que ano se formou a Metropolitan Police?

- a) 1812
- b) 1829
- c) 1879

## LABORATÓRIO

Se, além da arma, for encontrada no local do crime alguma cápsula de bala e o perito obtiver igualmente munições do mesmo tipo com as quais produza vários tiros de ensaio,

- a) Pode afirmar com rigor que a cápsula encontrada no local do crime foi disparada;
- b) Não poderá dar a certeza pois armas iguais com cápsulas do mesmo tipo produzem sinais idênticos.

## SOLUÇÕES

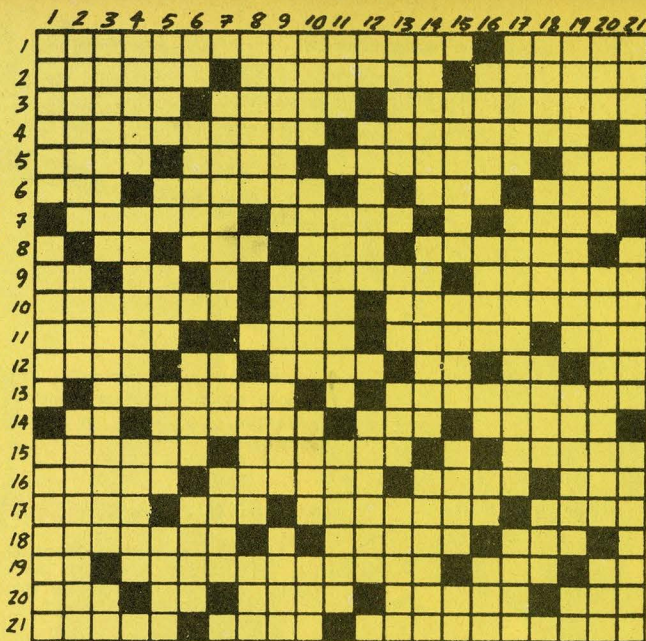
a)	b)	a)
LABORATÓRIO	HISTÓRIA DA POLÍCIA	TÉCNICA

# PALAVRAS CRUZADAS

## PROBLEMA GIGANTE N.º 5

**HORIZONTAIS:** 1 — Relativo ao folclore. Cabo que serve para carregar as testas dos papa-figos. 2 — Vergai com o peso. Passeio. Oprimir. 3 — Pátrio. Desmonte. Dissociação de electrólitos dissolvidos em amónia líquida. 4 — Atrapalhais. Membros de uma seita religiosa (séc. II e III) que praticava os seus ritos religiosos em perfeito nudismo, para regressarem ao estado primitivo de Adão. 5 — Cume. Chefé de tribo, entre os árabes. Comparara. Análogo. 6 — Ave palmípede, também chamada **Corvo-marinho-de-crista**. Velhos. Prendo. Castigo. 7 — Gastrovascular (cavidade). Cada um dos cânticos da Bíblia, atribuídos a David. Ferroad de um pão noutra. 8 — Símbolo do ouro. Gracejas. Mau humor. Agarrar. 9 — Letra grega. Apelido. Filtrar. Destruo. 10 — Cause. Argola. Adaptar a um meio diferente. 11 — Destinos. Somar, Ardósia. Flanco. 12 — Instrumento de caça (Argélia). Campeão. Desgastas. Símbolo do sódio. Moeda chinesa. Planta da China. 13 — Sonolência causada pela acção de um narcótico. Seduzirias. 14 — Medida itinerária chinesa. Mestre de uma embarcação. Julga. Espécie de torniquete p. apertar o focinho das bestas, enquanto são ferradas. 15 — Cárcere. Matizara. Conjunto de filamentos radiantes que circundam o **centrossoma**, nas células. 16 — Chfcharo (planta). Elemento químico, n.º 24, da classificação periódica, metálico, muito duro e pouco fusível. Juntar. Genro de Maomé. 17 — Vaso antigo de guardar bebidas. Jibóia. Espécie de papas para abrir o apetite aos cavalos. Duas peças curvas que formam ângulo e entalham no contracastado do navio. 18 — Exonerados. Outra vez. Defeito. 19 — Pron. pessoal. Protegida. Mealheiro. Aqui. 20 — Umas. Oferece. Cão de fila. Desmoranar-se. Maior. 21 — Grainha seca. Parte do intestino delgado. Mordiscara.

**VERTICAIS:** 1 — Moeda que os antigos metiam na boca dos defuntos para pagar a Caronte, o barqueiro dos Infernos, a passagem do rio Estige. Falta de apetite para líquidos. Catua. 2 — Substância de forte acção purgativa. Doença do cafezeiro. Roubar. 3 — Tartaruga carnívora. Futilidade. Nota de música. 4 — Escavara. Passara (a polícia) uma rusga. Repetir. 5 — Mentira. Nesse lugar. Suspiros. Engano. Habilidade. 6 — Se. Dormir. Frágil. Foz de um rio. 7 — Separação dos gases de uma mistura através de paredes porosas. Senhor. Concerto. 8 — Castrais. Resultará. Doença. 9 — Pássaros (**Pedreiros**). Plátano-bastardo. Casca. 10 — A ponta da verga. Paga. Camada hipotética da terra, de natureza basáltica. Negativa. 11 — Cru (pr. gr.). Respeitante a folguedos. Libertino. 12 — Nome de letra. Crias fama. Colorido. 13 — Velhice. A tal árvore cuja casca aromatiza o vinho. Pedra de altar. Caminhã. 14 — Quarto. Antigo magistrado grego. Pássaro africano com pouca de penas na cabeça. 15 — Olvidar. Ligar. Vaga. Cidade da Caldeia. 16 — Significa **sonho**. Progenitores. Em partes iguais. Art. e prep. Exprime a ideia de **àquem**. 17 — Aponta. Regularizar. Demore. 18 — Bola. A dignidade pontifícia. Borboleta diurna. Fluido aeriforme. 19 — Nobre. Palmeiras do Brasil. Ruim. 20 — Animação. Lavra. Bailarino grotesco. Coragem. 21 — Canteiro para flores. Apelido. Traçara.



## PROBLEMA GIGANTE N.º 4 Soluções

**HORIZONTAIS:** 1 — Creno. Iliterado. Mormo. 2 — Raiola. Arenito. Cariar. 3 — Obstina. Areca. Cornaca. 4 — Nó. Ova. Noa. Mía. El. 5 — Ota. Rufo. Saem. III. 6 — Narciso. Abelard. 7 — Ir. Arado. Lua. Arado. Aa. 8 — Grama. Ainda. Anisa. 9 — Ociosa. Trocara. Ianque. 10 — N. S. Lai. Nem. Au. 11 — Cs. Trilos. Medusa. Im. 12 — Fé. Sal. Loa. As. 13 — Amicto. Solitas. Baleia. 14 — Moera. Saras. Botam. 15 — Al. Amara. Sal. Folar. Mi. 16 — Mariola. Farádio. 17 — Tó. Ulna. Ralé. Ir. 18 — Ré. Ros. Leu. Mui. Al. 19 — Airosia. Bamba. Recorre. 20 — Uregas. Pa. Peira. Latiam. 21 — Loras. Marasma. Massa.

**VERTICAIS:** 1 — Crónimicos. Façam. Raul. 2 — Rabotar. Cem. Loteiro. 3 — Eis. Ar. Gins. Im. Ro. Rer. 4 — Noto. Caros. Ecoal. Roga. 5 — Oliveiras. Temoras. 6 — Ana. Sama. Oral. Sis. 7 — Roda. Lis. Arau. 8 — Lá. Mu. Talas. Ló. Pa. 9 — Ira. Fã. Ariolos. In. Bar. 10 — Terno. Lio. Las. Acapa. 11 — Éneo. Nunca. Liras. Emes. 12 — Ricas. Ada. Tal. Rubim. 13 — Ata. Al. Arnelas. Pã. Ara. 14 — Dó. Ré. Aedos. Lá. Ar. 15 — Mara. Mua. Bofé. 16 — Com. Bani. Bola. Mel. 17 — Maria-é-dia. Ataroucam. 18 — Ornam. Losna. Clara. Iota. 19 — Ria. Lia. Aquí. Em. Di. Ris. 20 — Maceira. Mal. Miraras. 21 — Oralidades. Socio. Lema.

# O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

Terminou o concurso «O Público Elege os Seus Favoritos», uma iniciativa de Rádio Graça, patrocinada pelo «S. I.».

Iniciado no dia 5 de Fevereiro, prolongou-se até 30 de Julho. Foram 6 meses de trabalho dedicado à concretização dos objectivos que nortearam esta iniciativa: uma maior promoção da música e dos artistas portugueses.

Os grandes vencedores deste concurso foram:

## FADISTAS:

Amália Rodrigues . . . . 68 votos  
António Mourão . . . . 72 »

## CANÇONETISTAS:

Simone de Oliveira . . . . 66 »

António Calvário . . . . 49 »

Os restantes votos de um total de 260 — 10 em cada uma das 26 semanas da duração do concurso — estão distribuídos por um grande número de artistas, cujos nomes publicaremos dentro de algum tempo, quando pudermos anunciar a emissão especial dos estúdios de Rádio Graça com todos os artistas vencedores presentes.

«O Público Elege os Seus Favoritos» foi uma rubrica do programa «Entre as 10 e as 11», transmitida todas as quartas-feiras com entrevistas, texto e apresentação de José Manuel Lourenço e António Sala.

(FADISTAS)



# ENTRE AS DEZ E AS ONZE

PROGRAMA TRANSMITIDO EM RÁDIO GRAÇA ÀS 4.ª FEIRAS

## O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
ANTÓNIO MOURÃO	3	1	3	4	4	15	AMÁLIA RODRIGUES	2	3	2	1	2	10
FERNANDO FARINHA	5	2	5	-	1	13	ADA DE CASTRO	-	-	-	1	1	2
CARLOS DO CARMO	-	2	-	1	1	4	FERNANDA MARTA	-	-	-	1	-	1
FERNANDO MAURÍCIO	-	1	-	-	-	1	M.ª TERESA NORONHA	-	-	-	1	-	1
CARLOS RAMOS	-	1	-	-	-	1							
VICENTE DA CAMARA	-	-	-	1	-	1							
MANUEL FERNANDES	-	-	-	-	1	1							

(CANÇONETISTAS)

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
ANTÓNIO CALVÁRIO	2	1	3	2	3	11	SIMONE DE OLIVEIRA	4	4	2	3	-	13
TONY DE MATOS	-	1	1	1	5	8	MADALENA IGLESIAS	1	2	3	1	1	8
ARTUR GARCIA	1	-	-	1	-	2	TÓNICHA	1	-	-	-	1	2
HUI DE MASCARENHAS	1	-	-	-	-	1	MARIA EVA	-	1	-	-	-	1
HUBERTO DE CASTRO	-	-	1	-	-	1	ELISA LISBOA	-	1	-	-	-	1
DR. JOSÉ APOINHO	-	-	-	1	-	1							
FRANCISCO JOSÉ	-	-	-	1	-	1							



*Mulheres elegantes, bem cuidadas,  
mas ela...ela tem*

## **UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL**



**TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!**  
*o adorável sorriso Pepsodent!*

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diariamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



**Super Pepsodent**  
**com PL3-brancura natural dos dentes**





**Vida sentimental** — Período favorável para o amor. Pode contar com a pessoa amada para um bom fim-de-semana. Bons momentos de alegria.

**Vida material** — Confie em si. Boas oportunidades de concretizar as suas ambições e para o equilíbrio da sua vida económica. As distrações caras são absolutamente de evitar.

**Vida física** — Boa saúde. Vigie, entretanto, a sua alimentação; evite o álcool e o fumo.



**Vida sentimental** — Todas as atitudes que possam desagradar aos que o rodeiam podem prejudicá-lo bastante nesta semana. Evite toda a emotividade excessiva e as questões.

**Vida material** — Concentre os seus esforços num só sentido, pois a dispersão é bastante desfavorável. Pensamentos irrefletidos podem levá-lo a situações críticas em relação à sua economia doméstica.

**Vida física** — Evite a fadiga física e as tensões nervosas.



**Vida sentimental** — Cautela com as inimizades e relações sentimentais. Pensamentos negativos podem contribuir para um mau clima.

**Vida material** — Tem de lutar contra as ideias quiméricas e todas as imprudências ou negligências que afetem a sua economia. Evite todas as palavras desnecessárias. Actue com prontidão.

**Vida física** — Repouse num ambiente que lhe permita analisar-se psicologicamente. Vigie os seus nervos.



**Vida sentimental** — Bom momento para frequentar as suas amigas e para a vida afectiva, desde que evite questões desnecessárias.

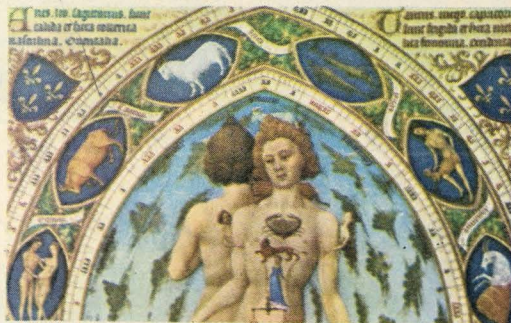
**Vida sentimental** — Saiba cuidar dos seus interesses profissionais e de tudo quanto possa melhorar a sua reputação. Negócios ou transacções financeiras proveitosas. Pode resolver favoravelmente os seus problemas.

**Vida física** — Estará bem disposto, mas não se exceda em nada. Coma com calma.



**Vida sentimental** — Procure ser estável nas suas ambições sentimentais.

Se nasceu entre 3 e 9 de Agosto, tem opiniões sólidas e nenhuma tarefa lhe parece árdua ou por demais complicada, a ponto de desmerecer seu esforço para realizá-la. Precisa tentar dominar as suas manifestações interiores de impaciência sempre que as coisas não correm de acordo com os seus desejos. Qualquer que seja o sector de trabalho, terá tendência a elevar-se e adquirir responsabilidades de comando. Qualquer que seja a carreira — religiosa, política, teatral, jornalística — será capaz de projectar-se com relevo. Tem maravilhosas oportunidades para ser feliz se evitar viver dissipadamente e sob tensão.



# HORÓSCOPOS



## SEMANA DE 2 A 9 DE AGOSTO

Pode resolver favoravelmente alguns problemas do lar, mas cuide das suas relações com familiares do sexo oposto. Seja calmo e compreensivo.

**Vida material** — Bom clima para os seus ideais e actividades em que intervenha o intelecto. Afaste as suas preocupações. Pode resolver com vantagem certos problemas económicos.

**Vida física** — Nada a recear, todavia, seja prudente se dirigir um carro.



**Vida sentimental** — Vida afectiva perturbada. Tenha em atenção que nem sempre as suas formas de raciocinar o levam ao melhor caminho. Seja benevolente.

**Vida material** — Saiba limitar o tempo que perde com problemas sem importância. Evite a falta de objectividade e as confidências imprudentes. Seja simpático... e atraia, também, para si a benevolência dos que possam ser-lhe úteis.

**Vida física** — Estará fisicamente bem, tanto que vigie a circulação.



**Vida sentimental** — Boas influências no campo dos sentimentos e na vida do lar. Esplêndido para as relações de amizade e prazeres. Portanto, não complique...

**Vida material** — Pode aproveitar para resolver as suas preocupações sociais ou profissionais e concretizar os seus desejos. Lute pela obtenção dos seus desejos e melhoria do seu bem-estar geral.

**Vida física** — Cuide do seu problema alimentar e evite fadigas. Faça um repouso suplementar.



**Vida sentimental** — Evite as relações pouco recomendáveis e os caprichos que podem motivar questões desagradáveis na sua vida afectiva.

**Vida material** — A semana não se apresenta muito boa para assuntos materiais. Evite o espírito de contradição e não tome compromissos irrefletidos. Mostre-se amável com uns e outros e domine os seus impulsos.

**Vida física** — Distúrbios sanguíneos e hepáticos a recear.



**Vida sentimental** — Pode aproveitar este período para o desenvolvimento da sua vida sentimental. Pode confiar nas amizades do sexo oposto sem receio.

**Vida material** — Embora seja atraído para a vida de prazeres, tente resistir e seja realista. Bom clima para concluir importantes contratos e ajustamentos. A ordem e o método favorecerão o seu bem-estar.

**Vida física** — Estará satisfatória, mas não se esgote, poupe as forças e os nervos.



**Vida sentimental** — Os astros são relativamente desfavoráveis e convém que preste muita atenção aos problemas da vida afectiva. Entretanto, pode agir conforme a sua consciência.

**Vida material** — Há que evitar toda a negligência das suas responsabilidades. Será atraído para a vida de prazeres mas é de toda a conveniência que não abuse e domine as suas reacções.

**Vida física** — Para evitar distúrbios do fígado e do estômago, coma com moderação. Nada de excessos.



**Vida sentimental** — Bom período para a convivência com os seus familiares. Terá óptimas oportunidades de frequentar os seus íntimos. Propício aos problemas do lar ou uniões de carácter sentimental.

**Vida material** — Não seja tímido e procure pôr ordem nas suas coisas. Cuide dos seus negócios particulares e iniciativas. Saiba orientar, convenientemente, o seu trabalho profissional.

**Vida física** — Será satisfatória no conjunto, mas faça regime severo; não ceda à gulodice.



**Vida sentimental** — Aproveite a semana para esclarecer certas questões sentimentais e procure melhorar a vida dentro do lar. Procure ser amável para com os seus familiares.

**Vida material** — Momento favorável para levar a efeito as suas iniciativas tendentes a melhorar a sua economia. Nada de negligências em relação aos seus interesses materiais. Não seja tímido.

**Vida física** — Estará bem fisicamente, mas poupe os nervos; não se exceda em nada.

## GRANDE NOTÍCIA A CURA DA CALVÍCIE

7 anos de conhecimento público que atesta por si este grande feito sem um caso de negação. A grande notícia é do **CABELEIREIRO GOUVEIA, O PIONEIRO** da cura da calvície.

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 27, 1.ª-DT.º — TELEF. 55 64 34

### NÃO ESCRIVAM

N. B. — TODOS OS TRATAMENTOS SÓ SÃO FEITOS NA CASA. POR ISSO É INÚTIL ESCRIVEREM A PEDIR CONSELHOS. OBRIGADO!



**A BELEZA NASCE, A FORMOSURA FAZ-SE EM QUALQUER IDADE!**

### EMBRYODINE FLUID,

do Dr. Rosenthal, transforma um rosto cansado num rosto juvenil e um rosto macilento num rosto formoso. As mães inteligentes sabem que Embryodine é indispensável a suas filhas adolescentes.

**EMBRYODINE** existe em

três fórmulas:

«A» (normal), esc. 33840;

«B» (forte), esc. 86870; Triplex

(fortíssimo), esc. 75800. Não encontrando no seu fornecedor, enviamos a reembolso. J. SANTOS — Rua St.º Idefonso, 29 — PORTO

LEIA  
"VIDA MUNDIAL"

## ACABA DE SAIR

### MAPA DAS ESTRADAS DE PORTUGAL

**4.ª EDIÇÃO** — Atualizada, a 5 cores, na medida de 50x90 cm., modelo portátil e encadernado com dobragem especial para fácil consulta. Contém a sinalização das estradas principais, secundárias e municipais, com as respectivas distâncias quilométricas, parques de campismo, caminhos-de-ferro, postos de fronteira, pousadas e estalagens, rios, barragens, etc. Útil para excursões, automobilistas, ciclistas, motociclistas e campistas.

**10\$00**

ENVIE O SEU PEDIDO EM CARTA COM LETRA BEM LEGÍVEL, INCLUINDO O VALOR EM SELOS DE CORREIO A

**E. FIGUEIREDO**

RUA DE S. MARÇAL, 3, 1.º

— LISBOA - 2 —

(Não se fazem envios à cobrança nem se aceitam selos do Ultramar)

Comece o dia  
com  
**VITACOLA**  
e viva 100 anos

ESTE SEMANÁRIO  
É TRANSPORTADO  
PARA TODO O PAÍS  
NOS COMBOIOS DA



## IBAC CABELEIREIROS

Os mais modernos postigos e cabeleiras, pintados por cativados artistas. Gerência de Cordero do Vale e esposa, 4 manicuras e ajudantas. Não espera — Massagista, Praça do Chile, 7 ● Telefones: 5 21 04 - 55 33 27

## TÉCNICO ELETRICISTA

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA

**DINHEIRO • PRESTÍGIO • INDEPENDÊNCIA**

ESTUDE EM SUA CASA NAS HORAS VAGAS E GANHE DINHEIRO AO MESMO TEMPO!

OPORTUNIDADE DE OURO: O Instituto DIMEP oferece agora a Você esta oportunidade de ouro: pagando pequenas mensalidades, Você, em pouco tempo, estará apto a ingressar numa profissão altamente rendosa e de grande futuro.

**O CURSO MAIS SIMPLES, RÁPIDO E PRÁTICO!**

Você já pensou que cada vez há maior necessidade de Técnicos Eletricistas em todo o mundo?

Você aprenderá, num instante, a fazer instalações, consertos de aparelhos eletrodomesticos e uma infinidade de trabalhos muito lucrativos. Num instante: durante o Curso Você já estará ganhando dinheiro!

**GRÁTIS:**

Valiosíssima  
Lâmpada-Teste  
Carteira de Estudante  
Belíssimo DIPLOMA,  
Serviço Permanente  
de Consultas.

**DIPLOMA**

Seu diploma será um orgulho e poderá ser obtido em apenas 6 meses.

**INSTITUTO DIMEP**

RUA EMÍDIO NAVARRO - LUSO (PORTUGAL)

Solicito enviar-me, grátis, livreto ilustrado.

NOME .....

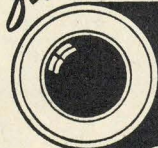
RUA .....

CIDADE .....

PROV. ....

LEIA  
O  
JORNAL  
O SECULO

*espre e  
fica pronto!*



**FOTOCOPIA  
EXACTA**

RAPIDEZ • PERFEIÇÃO

DISCRICÃO

SUCURSAL DE «O SECULO»  
ROSSIO, 23

## LIBRAS OURO

COMEÇARAM A SAIR AS LIBRAS NA

**PASTA COUTO VULGAR**

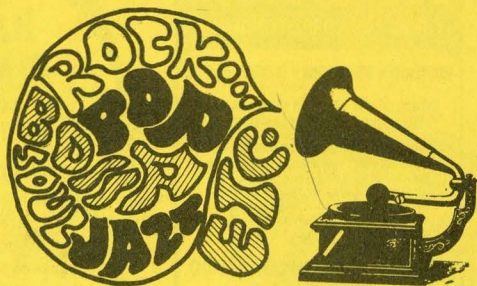
1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª 8.ª 9.ª 10.ª 11.ª 12.ª

JÁ ANUNCIADAS

13.ª — RUI MÁRIO VILAR — GAIA

14.ª — BERNARDA MARIA RAMOS — PORTO

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto dá-lhe a SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES



# FERRE BRASSENS BREL

## O dinheiro

**Cristiani** — Que fizeram com o vosso primeiro «cachet»?

**Ferré** — Creio que o devorei!

**Cristiani** — Inicialmente, talvez. Mas depois, com o êxito e o dinheiro que ganhou graças a ele, não teve a impressão que as suas relações com as pessoas se modificavam?

**Ferré** — O dinheiro? Dá independência. E isso é importante, custa caro. Agora, muito dinheiro, julgo que os três nos estamos nas tintas. Não sei o que é um banco ou uma pérgua com ouro!

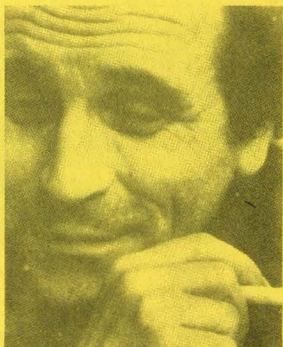
**Brassens** — É muito chata essa história do dinheiro. Porque há muitos sujeitos que se lançam na canção só por causa disso. Nós estamos muito felizes por ganharmos a vida com as nossas canções, mas fazemo-las porque nos agrada e não para ganhar dinheiro. Se não nos rendesse nada, continuaríamos a fazê-las! Não venderíamos sardinhas fritas — aliás, não sei se isso dá lucro — se fosse mais lucrativo do que fazer canções. Se fôssemos pagos como um funcionário para fazermos o que fazemos, continuaríamos a fazê-lo apesar de tudo. Porque gostamos. Mas de há anos a esta parte não se ouve falar senão de «cachets» mirabolantes. E há uma quantidade de indivíduos que se lançam nesta aventura e saem bastante feridos.

**Brel** — Porque se metem numa aventura financeira.

## A morte? Um tema como qualquer outro

**Cristiani** — Têm receio de se tornarem velhos cantores, de envelhecer com as vossas canções?

**Brassens** — No que me diz respeito, a mim e a Ferré — Brel é bastante mais novo do que nós — aproximamo-nos tranquilamente dos 50. Para um rapaz ou para você, somos velhos, é verdade, é preciso chamar as coisas pelos no-



mes... Mas não se preocupe, não se percebe com tanta facilidade! Todos os fins são penosos. Tudo o que acaba é triste. Evidentemente que é triste já não fazer o que se gosta de fazer ou o que se sabe fazer. Mas faz-se. Seja como for, aceitando viver, aceitei morrer.

**Ferré** — Os que, como nós, escrevem, são levados naturalmente à morte. Pensa-se nela todos os dias.

**Brassens** — É um dos nossos temas favoritos. E, apesar de tudo, você sabe-o, não há milhares de temas.

**Ferré** — Mas não é forçosamente triste. A canção de Georges sobre o seu funeral não é triste.

**Brassens** — Nesse aspecto, Léo, chamo a tua atenção para o facto de que me estou rigorosamente nas tintas para ser ou não enterrado na praia do Sète! Fiz isso para me divertir. Para ir tomar banho à praia!

## Adultos ou rapazes crescidos?

**Cristiani** — Têm o sentimento de se terem tornado adultos?

**Brassens** — Ai, ai, ai!

**Brel** — Eu não.

**Ferré** — Eu também não.

**Brassens** — Estamos todos um



bocado atrasados! Ouça, para uma pessoa se tornar adulta é preciso ir à tropa, casar-se, ter filhos. É preciso escolher uma carreira, segui-la, subir na vida. É assim que um fulano se transforma em adulto. Nós temos uma vida um bocadito à margem, fora do real. Não nos podemos tornar adultos.

**Cristiani** — Porque não querem adoptar o sistema tradicional?

**Brel** — Ou porque não pudemos!

**Brassens** — Porque é uma das nossas características não nos adaptarmos a ele, eis tudo. Não foi uma atitude deliberada. Não há motivo para vaidades em se ser solitário. É-se assim.

**Ferré** — Isso vai ao encontro da criança-poeta. Quando Brel canta, sem rir, e acredita no que diz, quando diz essa coisa maravilhosa «Acenderei minha guitarra, julgome espanhol», só uma criança podia dizer uma coisa assim!

**Brel** — Exactamente. É uma questão de temperamento, ao fim e ao cabo. O problema é saber o que fazer em frente de uma parede: passa-se de lado, salta-se por cima, arromba-se?

**Brassens** — Eu entrego-me à reflexão!

**Brel** — Eu arrombo! Tenho ganhas de agarrar numa picareta e de passar.

**Ferré** — Eu contorno!

**Brel** — Está bem, mas o ponto



comum é que todos temos vontade de passar para o outro lado. É a única coisa importante e o que prova que não somos adultos. Um tipo normal, que faria? Construiria outra parede em frente, punha-lhe um telhado e instalava-se. É o que se chama construir!

## Os Beatles: um «charleston» sobre as harmo- nias de Gabriel Fauré

**Cristiani** — Pensam que existe uma diferença entre a canção tal como a escrevem, tal como a cantam, e a canção «moderna», brilhante, cintilante, de um Gainsbourg, por exemplo?

**Brassens** — Há diferenças entre toda a gente. Mas Gainsbourg é muito bom. Procura qualquer coisa.

**Ferré** — Havia, ao princípio, um «parti pris» no seu trabalho. Mas encontrou qualquer coisa. Não é nada mal feito, ritmicamente é bastante aliciente. E, depois, é um «erotómano». Gosto bastante dos erotómanos, certamente por o não ser. Ele orgulha-se disso, aliás, não é um segredo.

**Cristiani** — É a «pop-music», os

Beatles? Que sentimentos vos inspiram essa música, essa gente?

**Brassens**—No que me diz respeito, gosto muito sob o ponto de vista musical. No que se refere às palavras, não percebo inglês...

**Ferré**—Como Georges, gosto bastante no plano musical e não me preocupo muito em compreender as letras, salvo as de uma canção que se chama «Hey Jude» e que termina com uma coisa que não acaba. Gostaria imenso de saber o que é e o que quer dizer. São grandes músicos.

**Brel**—Quanto a mim, fico muito contente que se tornem públicas as harmonias de Gabriel Fauré. Acrescentaram um prato «charleston» às harmonias de Gabriel Faure.





Tudo isso, acho-o muito influenciado por Fauré e acho muito bem que o tenham conseguido tornar popular. Quanto ao resto, tenho os mesmos problemas que Georges, no que se refere ao inglês. Nunca sei muito bem do que é que falam, mas não acho que isso tenha muita importância.

**Brassens** — O fundamental é saber de que forma é que as pessoas gostam deles. Se gostam realmente ou se gostam por ser uma moda.

**Ferré** — Além disso, julgo que, politicamente, são indivíduos O. K.

**Cristiani** — Em certa medida, os Beatles inserem-se mais ou menos no movimento «hippy». Que pensais do movimento «hippy», ou dos «beatniks»?

**Brel** — É uma forma de recusa. Seja como for, é qualquer coisa de novo.

**Brassens** — Também há sempre um certo snobismo, as pessoas que aparentam achar bem...

**Ferré** — Sim, mas no conjunto tem um aspecto que não é antipático. Aí tem a resposta, gostamos os três bastante.

## Brel, Brassens e Ferré no mesmo cartaz

**Cristiani** — Como reagem à publicidade? É-vos útil, interessa-vos?

**Ferré** — É preciso que as pessoas saibam onde cantamos.

**Brassens** — Quando se assina um contrato, não se recusa que as pessoas falem de nós, é claro. Mas — insisto — há publicidade e publicidade, é sempre a mesma coisa.

**Brel** — Há publicidade e condicionamento.

**Brassens** — Quando se torna público, quando se anuncia, eis tudo. Não se vai até andar a anunciar na rua? O que é simpático, aliás. Isso já não se faz. Fez-nos a anunciarmo-nos na rua?

**Brel** — De Inverno, não. No Verão, sim!

**Ferré** — Ah, era extraordinário! Tive uma ideia. Enfim, não sei, mas

digovos já, aos dois. Era espantoso! Queria que um dia destes, nós os três — escolheríamos as 10 maiores salas da França — arranjávamos cada um 12 canções, que anunciássemos na rua se preciso fosse, depois entrar em cena, Brassens uma canção, depois saía, Brel uma canção, depois eu, depois Brel, depois Brassens, depois eu... durante 2 horas. Aqui está! Era isto, uma ideia louca...

(Silêncio).

**Brel** — Sim, é bastante louca!...

(silêncio) mas gosto bastante dela!

**Brassens** — Sim, não é má ideia. Mas eras capaz de aborrecer as pessoas que gostaríamos de ver outros. Porque nós os três, estás a perceber?

**Ferré** — Eh, porque nós os três... enfim... Um sindicatozinho, assim...

**Brel** — Ah! cá estamos!

**Ferré** — É qualquer coisa de fraternal aquilo a que me refiro. Não tenho nenhuma ideia de dinheiro ou qualquer outra, na cabeça.

**Brassens** — Sim, podia fazer - se. Numa ocasião apropriada. Mas fazê-lo todos os dias, não sei se seria viável.

**Ferré** — Não, umas duas ou três vezes. Acho que não seria mal, pois não, Jacques?

**Brel** — Claro! Eu, em tudo o que é louco, mergulho!

**Brel** — Para voltar às nossas vidas, creio que se se escreve é porque afinal não se vive verdadeiramente!

**Ferré** — Vive-se como toda a gente. Brassens gosta de pintura e não sei de que mais, de café com leite, de gatos... Brel... De que gostas tu?

**Brel** — Eu? Do trabalho! Não importa o quê! Gosto de trabalhar, é o meu velho vício!

**Brassens** — Você agarra na vida de um artista e na de outra pessoa qualquer e é a mesma coisa. Cada um tem os seus tiques, as suas manias, os seus hábitos.

**Cristiani** — Que lugar ocupa a mulher na vossa vida?

**Brassens** — Isso é outra conversa! (Gargalhada de Brel).

**Ferré** — Estamos todos sob a mesma bandeira...

**Brel** (continuando a rir) — Julgo que todos responderam!

**Brassens** — Ah, a mulher é um ser encantador quando o quer e penoso mesmo quando o não quer!

**Brel** (rindo de novo) — Mas julgo que a mulher é, em quaisquer circunstâncias e sempre, um ser que se quer!

**Cristiani** — Que é que aprecias numa mulher?

**Brassens** — Isso depende do que se pretende ou do que se espera. Julgo que é muito simples. Um indivíduo encontra uma mulher, apaixonar-se, isto dura 2 meses, 2 anos, 20 anos e é tudo. É como para toda a gente. Também aí é igual.

**Cristiani** — Pensais que ela seja capaz de dar ao homem alguma coisa de importante? Equilíbrio, por exemplo?

**Ferré** — Não!

**Brassens** — Julgo que sob o ponto de vista de equilíbrio, somos sujeitos que podemos passar sem mulher. Noutros aspectos, não. E, depois, o equilíbrio é assim uma coisa tão necessária? Não, uma mulher pode ser aborrecida, pode ser encantadora, tudo depende. Depende da sua natureza, do seu carácter ou dos átomos que se têm em comum com esta ou aquela mulher.

## Apesar de tudo, satisfeitos

**Cristiani** — Têm o sentimento de, como é costume dizer, terem triunfado na vida?

**Brel** — Ela ainda não acabou!  
**Brassens** — Quando chegar ao fim, nós dizemos... Talvez isto acabe mal! Até lá, quase que temos feito o que queremos.

**Ferré** — Somos livres. Apesar de tudo, fazemos o que queremos.

**Brassens** — Escute, fazer canções, cantá-las em público, ter o prazer de ver que as pessoas as aceitam e as recebem bem, apesar de tudo não está muito mal. Na verdade, há motivo para estarmos satisfeitos.

# FIM

### PARALELO SEM COORDENADAS

**Roby Amorim**



...E ERAM MENOS DOIS

No mesmo dia, quase à mesma hora, dois homens da informação, um em Moçambique, outro aqui, mesmo nos arredores de Lisboa, foram vítimas da própria profissão. A saúde de João Terramoto ou de José Nunes Correia não chegou ainda. Para já, apenas a brutalidade da notícia, essa notícia que tivemos que fazer sobre os homens que costumavam fazer notícias. Para já, apenas, a enormidade de acontecimentos estúpidos, sem sentido, que destruíram duas vidas talentosas, dois homens, dois camaradas de andanças nesta pressa de informar e de esclarecer, neste combate diário contra as horas, contra a usura do tempo de que o público não se apercebe e que constitui o nosso esgotante quotidiano.

Sem que se apercebam é, talvez, o que mais custa. As portas que se nos cerram na cara, os telefones que ninguém quer atender, as barreiras contínuas que se erguem à nossa frente. E o jornalista insiste, luta, corre e regressa feliz e esgotado, com meia dúzia de sarrabiscos num quarto de papel, com uma imagem impressa no negativo do rolo da sua máquina fotográfica.

Quando chega, quando consegue chegar. Porque João Terramoto e José Nunes Correia não regressaram. Mas chegaram as imagens que colheram. A televisão transmitiu, um dia destes, as sequências que Terramoto filmou na corrida que o vitimou. Um dia destes veremos as fotos impressas de Nunes Correia. Conseguiram fazer o seu trabalho, ainda que com a perda da vida.

Eram dois homens da informação. Tinham um dever para com o público. Cumpriram-no.

### LIVROS

**Guedes de Amorim**



NARRATIVA BEM CONSEGUIDA

Sem gritarias nem apetite de adjetivos se apresentou Maria Ondina, nas largas e difíceis sendas da literatura, conquistando sem demora saliente lugar. Publicou, primeiro, livros de versos, «O Meu Sentir», «Alma» e «Rimas», a seguir «A China fica ao lado», precedido de «Eu vim para ver a Terra» e seguido de «Estátua de Sal», prosas que testemunham almas, na observação da autora, que parece ter a adoração poética da vida. Com apreço justificado nos referimos aqui, oportunamente, ao seu livro «Eu vim para ver a Terra», classificando a escritora como excelente descritora, através de primorosas crónicas, que, pela sua cor e poder sugestivo, até parece nos deixaram a impressão de serem pintadas. Agora, perante «Estátua de Sal», a nada vulgar impressão de que a escritora mantém poética adoração da vida, radica-se ainda mais e até se abre em mais largos horizontes. Tendo tido a felicidade de viver muito (a despeito da sua não longa idade e de nem sempre ter saboreado dias felizes), Maria Ondina tem a felicidade, igualmente, de recriar muito daquilo que vai conhecendo de perto ou em si mesma também. Assim, este volume, este inolvidável volume, por muitos motivos, no seu sabor memorialístico, o que não lhe diminui em pouco ou muito o mérito de ficção, impõe-se-nos através de aliantes quadros existenciais na vizinhança do sonho e da delicadeza. A alma da mulher aparece da primeira página à última, naquele contar, naquele descrever, naquela feição de narrar, que confirma uma personalidade e levanta o nome da autora entre as mulheres de letras portuguesas. «Estátua de Sal» (Ed. da Sociedade de Expansão Cultural), narrativa, longa e perfeita, ficará como documento definitivo de uma mulher que se procurou e explicou com realismo e poesia, através de vários caminhos do Mundo.

### DESPORTO

**Luís Alves**



O DESPORTO NÃO É PARA TODOS

O panorama do desporto nacional está a ser dominado pela febre da construção de pavilhões gimnodesportivos. Cidades, vilas e até aldeias querem ter o seu pavilhão, que consideram ponto de partida indispensável para a recuperação de toda a espécie de atrasos. E o caso é que anda muita gente a procurar fazer-lhe a vontade. É a Direcção-Geral dos Desportos (Fundo do Fomento), a F. N. A. T., as Câmaras Municipais e até entidades particulares. De certo modo está a repetir-se o que sucedeu com os estádios. Lisboa, por exemplo, não tinha um estádio em condições, mas veio o Estádio Nacional e, logo a seguir, transformou-se na cidade com mais estádios em todo o Mundo. E esta fartura não deixou de abrir o apetite às capitais de distrito. Agora, com excepção do Algarve e das Beiras, pode dizer-se que o País está bem servido de estádios. O que não pode é dizer-se, com verdade, que o número de praticantes da modalidade tenha aumentado na razão directa do número e da qualidade das bancadas.

Receamos bem que venha a suceder o mesmo com os pavilhões polivalentes, tanto mais que a natação nos oferece um panorama muito parecido. Há agora mais piscinas, mas o nível da modalidade nunca foi tão baixo.

Bom, mas quando o País estiver devidamente inundado de pavilhões, vai surgir um outro problema, que lhe está ligado, dos mais difíceis de resolver, e que é o dos professores e dos monitores.

Cremos que também este problema da educação física e dos desportos virá a ser resolvido, já não diremos na perfeição, mas pelo menos ao nível em que os portugueses costumam encontrar as soluções dos problemas nacionais. Preferível seria que já tivéssemos professores e monitores de educação física em quantidade suficiente antes de construir os pavilhões, pois é melhor ter agentes de ensino em actividade ao ar livre, seja onde for, do que ter pavilhões transformados em ornamentos decorativos.

## QUEM GANHA UM ANDAR GANHA-O POR GOSTO...

Um dia a mais na vida de um casal modesto! Um dia a mais, passado entre o emprego do sr. MANUEL PEDRO MOREIRA em Poço do Bispo, e a sua casa no Seixal. Ao fim da tarde seria o regresso a casa, no velho barco que leva e traz de volta os mesmos sonhos sobre o Tejo.

Vinte anos atrás o sr. MANUEL PEDRO MOREIRA e a mulher tinham posto de pé um mundo de projectos. O emprego, uma situação estável, uma casinha... sonhos que nem sempre a vida permite realizar, e com os anos se esfumam.

— «Com a sorte nunca se sabe...» — dizia o sr. Pereira aos amigos, quando falava no Concurso da Personna. Com efeito as lâminas Personna tinham oferecido um andar mobilado para sortear, entre os milhares de consumidores das suas lâminas, e na avalanche de postais recebidos, lá estava também o postal do sr. MANUEL PEDRO MOREIRA a marcar vez... — «Com a sorte nunca se sabe, amigo Pereira!» — diriam talvez os amigos ao outro dia. E com razão... Ao fim da tarde, à hora a que o sr. Pereira voltava a casa, realizava-se na Agência de Publicidade perante o representante da autoridade, algum público e o sr. Angelo Felgueiras da Firma F. LIMA & C.ª SUCR., Lda., o sonho da vida de um casal.

A casa por que esperava toda a vida, já se encontrava em MASSAMA-QUELUZ, à sua espera. E dos sonhos que o Tejo continuaria a transportar por entre as margens, o sr. Pereira tirou um. O dele. O da sua realidade.



«ATÉ ME CUSTA A ACREDITAR...» — EXPLICA O SR. MANUEL PEDRO PEREIRA AO SR. ANGELO FELGUEIRAS DA FIRMA F. LIMA & C.ª SUCR., LDA.



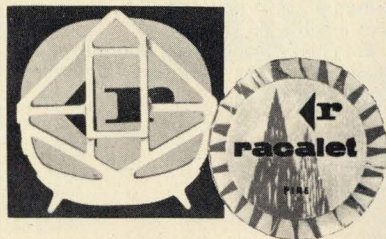
— Está lá? É a Teresa? Ó filha desculpa maçar-te a esta hora, mas tenho de desabafar com alguém. Imagina tu que o meu casaco verde, sabes, aquele que tinha a raposa que o Zé me trouxe... Quiz pô-lo ao ar, como costume fazer durante a estação quente, e que vejo eu? Já não tem raposa. Tem gato. E pelado. A traça roeu a minha rica pele até ao pelo...

— Coitada! Mas olha que a culpa é tua. Pois não te lembras do que a Dona Helena nos disse em casa da Becas: «Pois eu, cá, minhas ricas, nem bolinhas nem bolotas. Apesar de ser velha não gosto de cheirar a naftalina! Ponho RACALET em todos os roupeiros. E, com RACALET, nem traça da traça!»

— Tens razão. Agora me lembro que até acrescentou que RACALET perfumava o quarto...

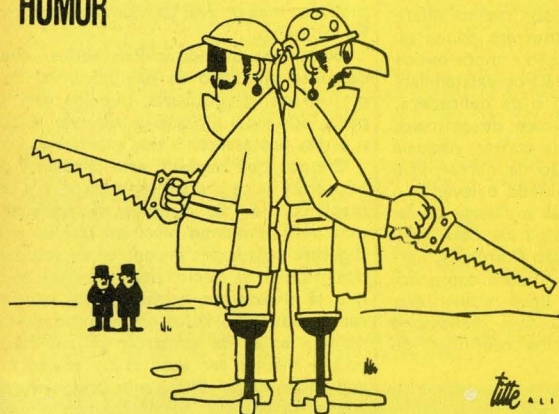
— Vês tu?

## “QUEM TINHA RAZÃO ERA A DONA HELENA” racalet combate a traça.



Representante exclusivo **F. LIMA & C.ª SUCR., LDA.**  
A VENDA NAS MELHORES PERFUMARIAS E DROGARIAS

HUMOR



## CINEMA

**Lauro António**



### HELGA: O SEGREDO DA MATERNIDADE

Estreou-se finalmente entre nós Helga, película chamada didáctica e ainda científica, de origem alemã, assinada por E. F. Bender. Tal como a vemos (e ela é para nós aquilo que dela vimos e ouvimos do cinema Vox), Helga é uma obra profundamente deseducativa, inútil e extremamente irritante. Expliquemos porquê:

— Cinematograficamente o seu valor é nulo. Qualquer espectador medianamente sensível achará pavoroso e colorido, primária a construção geral da película (meramente ilustrativa das palavras) e de um extremo mau gosto.

— Cientificamente, porém, Helga diz-se inovador, necessário, indispensável para a educação dos jovens. Como consequência de tudo isto, classifica-se, «lógicamente», a película para «maiores de 21 anos» e deixa-se pairar no ar o sabor do fruto proibido. Cientificamente, portanto, o seu papel, no nosso País, será (ou melhor: poderia ser) o de excitante oportunista ou de campanha de educação de adultos. Como excitante, concordemos que tudo o que nos é mostrado é de tal forma repelente (não!, não falamos da «cruzeira» do parto, mas das cores com que o mesmo nos é mostrado, da colocação da câmara, da própria conjugação dos planos) que só poderá inibir e traumatizar quem quer que seja que o vá ver desopinadamente. Como obra de «campanha de educação de adultos», enfim, sejamos realistas e deixemo-nos de falsas modéstias: mesmo entre nós, neste cantinho à beira-mar plantado, a maioria dos adultos sabe mais qualquer coisa do que aquilo que lhe é dado ver. Cientificamente, por conseguinte, Helga é ou inútil e desnecessário ou irá servir apenas inconfessáveis propensões voeuristas.

— Moralmente, todavia, Helga deturpa profundamente a realidade que pretende documentar. Reduzir a mulher a um mecanismo biológico reprodutor é erro que se nos afigura em 1969 lamentável.

## HUMOR

**Carlos Pinhão**



### DESFOLHADA AO TELEFONE

— Tenho um problema e queria ver se me ajudavas. Quero telefonar para casa e não sei como hei-de fazer...

— Esqueceste-te do número?

— Não é isso. É que não sei o que hei-de dizer, não sei como hei-de começar. Se é a minha mulher que atende, não há problema, evidentemente, ela conhece-me a voz, mas, se atende a criada, como é que eu digo quem sou?... Ela não me conhece a voz, tenho que me anunciar. Nunca tive uma criada que tivesse tempo para me conhecer a voz, porque todas, param pouco tempo na minha casa. Não sei se é a minha mulher que tem azar com elas, se são elas que têm azar com a minha mulher. Se falo lá do escritório e digo à criada que «daqui fala o patrão», é um gozo de todo o tamanho e o próprio patrão já me disse, uma vez, que «o patrão, dali, era ele»... Se digo que «daqui fala o senhor Soares», é outro gozo, começam logo a chuchar, «o Soares é um senhor, não sabiam?»... A verdade é que, de outra vez, eu disse «daqui fala o Soares» e logo os «amigos da onça» passaram a insinuar que eu tinha com a criada umas certas intimidades... Já quando falo para casa dos meus pais, é o mesmo problema. Aparece a criada velha que me criou, tenho de dizer «daqui fala o menino» e fico a ser o «menino Soares» por aqueles tempos mais próximos... É este, em resumo, o meu problema e, como tu arranjas soluções para tudo, diz lá o que é que devo fazer?

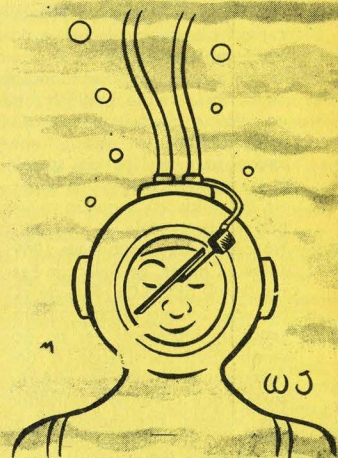
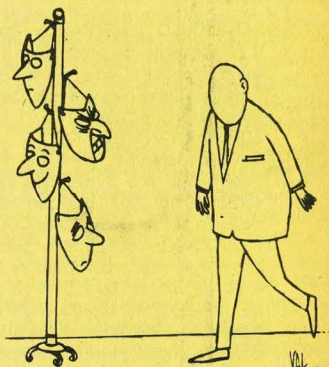
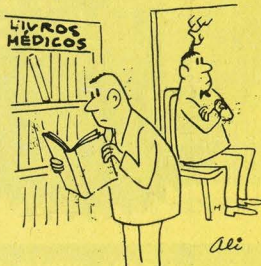
— Assobia.

— Assobio?

— Sim, homem, avisa a tua criada nova e a tua criada velha de que assobias «A Desfolhada», quando uma ou outra aparecer ao telefone. Elas já sabem, dizem de lá «é o senhor?», ou «é o menino?», e tu só tens que dizer «sim, sou eu», e segues a conversa, e pronto...

— Mas, francamente, «A Desfolhada»...

— Isso é contigo. Se preferes a «Mariquinhas»...





# GRANDE CONCURSO

## 3 DATSUN PARA VOCÊ!

ATÉ O IMPOSSÍVEL  
PODE ACONTECER...

Dirigiram-se-nos ultimamente alguns leitores inquirindo se apenas um único cupão poderá habilitar aos três automóveis DATSUN do nosso concurso. A quem tenha surgido esta dúvida esclarecemos hoje que, no sorteio final, serão retirados, de entre a totalidade, três cupões, os quais, uma vez extraídos, não tornarão a ser postos em sorteio, pelo que a cada um corresponderá um prémio. Portanto, um único cupão habilitará, obviamente, a UM dos três automóveis.

Todavia, tendo os leitores direito a participar no concurso com quantos cupões desejarem, poderia dar-se o caso espantoso de a um só concorrente caber os três prémios! Embora bem extraordinária, tal hipótese não seria impossível. E até o impossível, às vezes, acontece...

A CADA CUPÃO ENVIADO CORRESPONDERÁ UM NÚMERO QUE O HABILITARÁ AO SORTEIO

## REGULAMENTO

- 1.º — «O SÉCULO ILUSTRADO», com a colaboração da prestigiosa firma Entrepôsto Comercial de Automóveis, organiza entre os seus leitores o Concurso «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ».
- 2.º — Os concorrentes, para ficarem habilitados aos 3 prémios que serão atribuídos por sorteio, deverão recortar de «O SÉCULO ILUSTRADO» os cupões publicados nos números dos dias 21 e 28 de Junho; 5, 12, 19 e 26 de Julho; 2, 9, 16, 23 e 30 de Agosto, e 6 de Setembro, colando cada cupão num bilhete-postal, que deverá ser enviado **pelo correio** (sem ser metido em sobrescrito), dirigido a CONCURSO DATSUN — «O SÉCULO ILUSTRADO» — APARTADO 2116 — LISBOA. É indispensável indicar com letra bem legível o nome completo e a morada.
- 3.º — Todos os cupões recebidos até às 18 horas do dia 6 de Outubro de 1969 e obedecendo às condições anteriores serão numerados para efeitos de sorteio (com numeração seguida a partir da unidade) segundo a sua ordem de entrada.
- 4.º — No dia 11 de Outubro de 1969, pelas 12 horas, no Salão de Festas de «O SÉCULO», Rua de «O Sécuro», 51, em Lisboa, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa e dos concorrentes, proceder-se-á ao sorteio dos 3 prémios, extraindo das esferas que conterão as bolas numeradas, aquelas que determinarão os cupões premiados.
- 5.º — Os prémios a sortear serão:  
Um automóvel DATSUN — 2300 SUPER SIX no valor de 170 000\$00.  
Um automóvel DATSUN — 1300 no valor de 76 500\$00.  
Um automóvel DATSUN — 1000 (4 portas) no valor de 64 000\$00, no valor total de 310 500\$00.
- 6.º — O Sorteio é um acto público, podendo assistir os concorrentes bem como qualquer pessoa.
- 7.º — Cada concorrente poderá enviar em seu nome quantos cupões desejar, correspondendo a cada cupão um número que habilitará ao sorteio.
- 8.º — A entrega dos prémios será efectuada desde o dia 13 de Outubro de 1969 até ao dia 12 de Abril de 1970, mediante identificação do premiado, o qual assinará recibo com reconhecimento notarial, comprovativo de ter entrado na posse do prémio que lhe coube.
- 9.º — Os prémios não reclamados dentro do prazo estabelecido, reverterão para o estabelecimento de assistência que a autoridade competente determinar.

CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ! N.º

ORGANIZADO POR  
O SÉCULO ILUSTRADO

(PREENCHER COM LETRA BEM LEGÍVEL)

NOME COMPLETO \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

LOCALIDADE \_\_\_\_\_

**IMPORTANTE:** Recorte este cupão pelo tracejado, preencha-o, cole-o num postal e remeta **pelo correio** para CONCURSO «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ!» — «O SÉCULO ILUSTRADO» — Apartado 2116 — LISBOA.

### MÚSICA

**Maria Helena de Freitas**



ROSSINI, NO TEATRO DA TRINDADE

O último cartaz da presente temporada lírica do Trindade reuniu três óperas rossinianas, praticamente desconhecidas em Portugal: La Scala di Seta, La Cambiale di Matrimonio e Adina, esta, por sinal, escrita pelo autor propositadamente para o Teatro de S. Carlos. Deve dizer-se que o genial Rossini não nos reservou uma grande prenda. Quanto a La Cambiale Matrimonio revelou-se, sem sombra de dúvida, a melhor das três citadas óperas.

Diga-se desde já que foi também esta ópera a que beneficiou de uma realização mais conseguida. Artur Ramos soube, aqui, manter um ritmo teatral cheio de vivacidade e Artur Casais deu-nos a sua mais feliz maqueta para este espectáculo. O cenário de Adina, concebido à base de lindos tapetes, não deixou de sofrer, no conjunto, de falta de estrutura. E aquele que serviu de enquadramento à Escada de Seda é de um mau gosto aflitivo. Encenações «arejadas», sim, mas não queiram convencer-nos de que ser «avançado» é desenhar maquetas como esta da Escada de Seda... Quanto ao trabalho do encenador reflectiu, por vezes, a falta de um contacto mais profundo com as obras. Em suma: salvou-se La Cambiale e já não é mau de todo. De contrário, a monotonia teria reinado sempre.

Daquela espécie de «concurso» de sopranos «coloratura» triunfou, em larga medida, Zuleica Saque, que cantou como uma «diva». A seguir classificaríamos Helena Pina Manique, pela boa técnica, e depois Teresa Nina, uma voz pequena mas bonita. Álvaro Malta, sobretudo na Cambiale, encheu o palco como cantor e actor. Hugo Casais teve uma criação soberba no papel de «Slook». Armando Guerreiro cativou-nos nas três óperas pelo bonito timbre e domínio do estilo do «bel-canto». João Veloso evidenciou óptima voz e representou com graça. Manuel Leitão continua a progredir. O mesmo não podemos dizer da orquestra, que esteve bastante infeliz, o que não pretende significar que o maestro Pellegrini não conheça a fundo as partituras.

### TEATRO

**Manuela Martins**



SUBSÍDIOS... À PORTUGUESA!

Na maioria dos países, a função dos subsídios concedidos às companhias teatrais não é, de modo nenhum, compensar materialmente a ausência de público, muito pelo contrário, os subsídios são concedidos para que o teatro possa servir melhor um público cada vez mais numeroso.

(Certos grupos de teatro de vanguarda que procuram novas formas e caminhos também são subsidiados, mas este género de teatro está tão fora do nosso alcance como a conquista da Lua.)

Segue-se uma lista de conselhos às companhias que desejem obter subsídios rápida e eficientemente: escolher uma sala de espectáculos pouco popular, sem corrente de público; conceder várias entrevistas anunciando um repertório difícil, destinado a minorias; expor claramente que embora aceitem o subsídio não abdicam de posições anteriormente tomadas; não esquecer de dar a entender quanto se têm sacrificado pelo Teatro; e, claro, atacar o teatro comercial, género inferior, ópio do povo; etc.

Lembrem-se que nunca uma companhia é compensada por ter apresentado um espectáculo de grande êxito ou um actor premiado por ter obtido grande sucesso junto do público. Quanto mais lugares vazios puderem exibir, maiores serão as possibilidades de obter um subsídio compensador, e os subsídios substituem os espectadores com toda a vantagem, dão mais lucro, menos trabalho! gem, dão mais lucro, menos trabalho e exigem muito menos talento!

### POLÍTICA

**Carlos Ferrão**



O DRAMA DOS KENNEDY

O último dos Kennedy tornou-se o protagonista de um drama mal esclarecido nas suas causas, trâmites e epílogo o qual, muito provavelmente, arruinou a sua carreira política. O senador Edward partira em flecha para a competição presidencial de 1972 e, quatro anos antes, era já o favorito dessa eleição cujo resultado deve influir no sistema bipartidário americano e no futuro da democracia nos Estados Unidos. Estas consequências estão implícitas na cadeia de surpresas que terminaram uma noite misteriosa em cuja escuridão se destaca uma vítima cuja morte continua, e provavelmente continuará, por esclarecer por largo tempo se é que alguma vez vier a ser esclarecida de maneira cabal. O senador apelou que o veredicto dos seus eleitores do Estado de Massachusetts, feudo eleitoral da família onde esta dispõe de grande influência.

A sentença, como se esperava, foi-lhe favorável, mas essa absolvição, conseguida através de uma comovente exibição na TV, não basta para lhe garantir a vitória na eleição presidencial de 1972, da qual foi afastado. Fala-se agora em que Edward Kennedy, que tem 37 anos, será bastante novo para se candidatar em 1980 mas ninguém pode prever o que então se passará nem qual será a situação nos Estados Unidos e no resto do seu mundo. Uma década nos conturbados tempos que atravessamos é período demasiado longo na vida política de qualquer americano e, mesmo nos países europeus, ninguém se atreveria a apostar no êxito de uma personalidade que se prepusse correr uma tal aventura. Edward Kennedy continuará a ser senador dos Estados Unidos, eleito pelos seus fiéis, amigos e dependentes de Massachusetts, mas a mesa presidencial parece estar definitivamente arredada das suas ambições, pois é duvidoso que os americanos confiem o seu destino a um político que, durante dez horas, não julgou conveniente avisar as autoridades de que uma mulher, que com ele viajava de automóvel, morrera afogada em condições misteriosas.

# NOTÁVEL INICIATIVA EM DEFESA DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

O mecenato artístico, muito corrente no estrangeiro, foi, pela primeira vez, no nosso País, posto em prática por uma empresa industrial. A louvável iniciativa foi levada a efeito pela Fábrica OLIVA, de São João da Madeira, que está a praticar e subsidiar o restauro da capela de Nossa Senhora da Oliva, no Tojal, concelho de Sátão.

A reintegração desta maravilhosa capela do século XVII foi objecto de cuidadoso estudo, sob todos os aspectos, ao qual procederam os Senhores D. Domingos de Pinho Brandão, Eng. Santos Simões, Dr. Flórido de Vasconcelos, Professor Pintor Amândio Silva e Arq. Eduardo Coimbra Brito, autor do projecto de restauro. Após anos de trabalho e removidas que foram todas as dificuldades, as obras tiveram início oficial em 14 do corrente. O acto, que a população do Tojal viveu jubilosamente, revestiu-se de carácter festivo e solene.

Distinguímos, de entre muitas outras individualidades que estiveram presentes na capela de Nossa Senhora da OLIVA, os Senhores Governador Civil de Viseu, Eng. Manuel Augusto Engrácia Carrilho; Bispo de Viseu, D. José Pedro da Silva; Bispo de Filaca e Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão; Presidente da Câmara Municipal de Sátão, Dr. António de Figueiredo da Costa Faro; Director das Estradas de Viseu, Eng. Luis de Pinho Correia de Sá; Pároco de São João da Madeira, Padre Moura de Aguiar; e representantes da Família do Fundador da Capela, D. Feliciano de Oliva e Sousa. Todas estas entidades foram recebidas pelo Pároco de Sátão, Padre Albano Martins de Sousa; Administrador-Delegado da Fábrica OLIVA, Eng. Gil da Silva; Director da mesma Empresa, Fernando de Novais; Dr. Renato

**Aspecto da sessão realizada na capela de Nossa Senhora da Oliva**



**Fachada principal da capela de Nossa Senhora da Oliva**

Figueiredo, Chefe da Divisão de Publicidade e Relações Públicas; Arq. Fernando Vieira Campos, também da Fábrica OLIVA; Gerente de Máquinas OLIVA Comercial, Lda., Joaquim Garcia Concalves; e Chefe da Zona de Viseu, Alberto da Gama Xavier Pereira. Presentes, também, as individualidades anteriormente referidas e

que deram a sua eficiente colaboração ao estudo do restauro.

Na sessão solene que se realizou, falaram o Sr. Eng. Manuel de Sousa Correia, pela população do Tojal, o Presidente da Câmara de Sátão e o Pároco da mesma vila, que se referiram elogiosamente à iniciativa da OLIVA e exprimiram a geral satisfação sentida com o início das obras. Seguiu-se missa rezada pelo Senhor D. Domingos de Pinho Brandão, que proferiu magnífica homilia, traçando judiciosas considerações sobre o grande significado daquela cerimónia e dando relevo ao singular exemplo que a OLIVA dera, ao evitar a ruína da deslumbrante Capela, valioso ornamento do nosso património artístico.

Realizou-se depois almoço em Viseu, oferecido a todas as entidades referidas, tendo usado da palavra, pela Fábrica OLIVA, o Sr. Eng. Gil da Silva, o Sr. Dr. José de Brito Guterres, pela família Oliva, e o Sr. Eng. Santos Simões, em nome da equipa que procedeu ao estudo do restauro. Finalmente, o Sr. Bispo de Viseu, em eloquente improvisado que impressionou profundamente todos os presentes, deu acentuado relevo ao gesto da OLIVA, que fica como paradigma no País.

Em todas as cerimónias estiveram presentes representantes da Imprensa: directores dos jornais de Viseu e Sátão e correspondentes dos jornais diários. De salientar, também, o interesse despertado pelo acontecimento, que fez que ao Tojal se deslocasse o Rev.º Sr. Dr. Viderra Pires, que, fazendo-se acompanhar por equipa da Rádio Televisão Portuguesa, ali colheu imagens do evento.



# CLÍNICA DE S. BENTO



ÓPTIMA LOCALIZAÇÃO

R. Miguel Lúpi, 32

LISBOA

Telefones : 67 39 17 — 67 48 63/4 — 67 99 66  
— 67 93 73 — 67 49 22

Cirurgia — Maternidade — Clínica Médica  
 Raios X — Posto de Socorros — Serviço de  
 Enfermagem Domiciliário — Capacidade para 50  
 Doentes — Quartos e Enfermarias

TODOS OS SERVIÇOS FUNCIONAM PERMANENTEMENTE



## GLOREX CONFEÇÕES DE LUXO

— A NOVA DIMENSÃO NA ARTE DO PRONTO A VESTIR —



Abriu, há dias, ao público lisboeta, mais um elegante estabelecimento de confecções para homem e senhora em tecidos nacionais e estrangeiros. Com as secções do Pronto a Vestir, malhas, camisa e gravataria, fica situado na Rua dos Fanqueiros, 97 a 101, e foi, sem dúvida, enriquecer aquela movimentada artéria da baixa.

A nova dimensão na arte do pronto a vestir foi concebida pelo sócio-gerente sr. António Marques Martins que com a sua competência e dinamismo, soberbamente conhecidos no ramo, dotou, ainda, aquele modelar estabelecimento, com uma decoração do mais fino bom gosto, que o coloca a par com os melhores da capital, sendo de realçar, também, a prestímosa colaboração dos seus dedicados sócios, srs. Alexandre Freire Gomes e Amadeu Freira Gomes.



Uma cena de «O Caso Strange», presentemente em exibição no cinema Império

## O CINEMA QUE NÓS VIMOS

CLASSIFICAÇÃO: 5 — EXCEPCIONAL. 4 — MUITO BOM. 3 — BOM. 2 — COM INTERESSE. 1 — FRACO. 0 — MAU.

REALIZADORES

ACTORES

COMENTARIO

NOSSA OPINIÃO

2001: ODISSEIA NO ESPAÇO (2001: An Spac Odyssey). E. U. A. 1968 Reposição	CONDES	STANLEY KUBRICK	KEIL DULLEA e GARY LOCKWOOD	Uma obra-prima do «cinema do futuro» (agora já feito passado). Uma experiência sem paralelo na história do cinema.	5
SPARTACUS (Spartacus) E. U. A., 1960 Reposição	MONUMENTAL	STANLEY KUBRICK	KIRK DOUGLAS LAURENCE OLIVIER CHARLES LAUGHTON e PETER USTINOV	Algumas ingenuidades e um certo esquematismo tiram a SPARTACUS o vigor épico e a denúncia furiosa que, a manterem-se, fariam dele um marco indiscutível.	4
O CASAMENTO (Le Mariage ou Mazel Tov) FRANÇA, 1969	ESTÚDIO 444	CLAUDE BERRY	CLAUDE BERRI ELISABETH WIENER REGINE e LUISA GOLPEYN	Claude Berri, que já nos surpreendera em O VELHO E A CRIANÇA, surge-nos agora numa comédia amarga e desiludida sobre o casamento.	3
O CASO STRANGE (The Strange Affair) INGLATERRA, 1968	IMPÉRIO	DAVID GREEN	MICHAEL YORK JEREMY KEMP SUSAN GEORGE e GARRY FANTONI	A corrupção na polícia inglesa e na sociedade britânica, vista com certa cruza por David Green.	3
HELGA (O Segredo da Maternidade) (Helga) — Alemanha Ocidental, 1968 Versão portuguesa	VOX	ERICH F. BENDER	RUTH GASSMAN ASGARD HUMMEL e EDERHARD MONDRY	Cinematograficamente mau, cientificamente ineficaz, didacticamente pobre, HELGA é um filme feio e mórbido no seu oportunismo.	0

## O TEATRO QUE HÁ PARA VER

CLASSIFICAÇÃO: ★★★ — BOA. ★★ — MÉDIA. ★ — FRACA.

As classificações baseiam-se na opinião dos críticos dos jornais «O Seculo», «Diário de Notícias», «Novidades», «A Voz», «Diário da Manhã», «República», «Diário de Lisboa», «Diário Popular» e «A Capital».

AUTORES

ACTORES

COMENTARIO

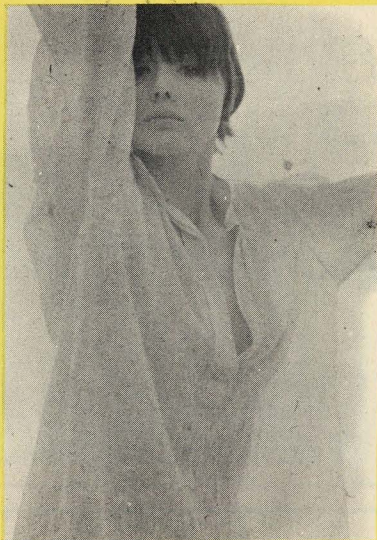
NOSSA OPINIÃO

RI-TE, RI-TE	MONUMENTAL	PARODIANTES DE LISBOA	FLORBELA, CAMILO E DELFINA CRUZ	Desta vez, os Parodiantes não acertaram no texto, mas o espectáculo salva-se pelos excelentes figurinos, cenografia e coreografia.	★
ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR	VASCO SANTANA	LUZIA MARIA MARTINS	VASCO DE LIMA COUTO, JOAQUIM ROSA E HELENA FELIX	A actualidade do drama «Romeu e Julieta», numa peça baseada em textos de Shakespeare.	★★
OS DIREITOS DA MULHER	VARIEDADES	ALFONSO PASO	HENRIQUE SANTANA, LIA GAMA E IRENE ISIDRO	Moral da peça: os homens devem trabalhar e as mulheres devem ficar em casa a coser as meias.	★
A MAÇA	GIL VICENTE Cascais	JACK GELBER	MARIA DO CÉU GUERRA, SANTOS MANUEL, ANTÓNIO MARQUES, etc.	Criada pelo «Living Theatre» em 1962. Jack Gelber tenta provar que o teatro e a vida podem confundir-se.	★★
ANTÍGONA	PRIMEIRO ACTO Algés	JEAN ANOUIHL	ARMANDO CALDAS, MADALENA PESTANA	A versão de Anouilh da tragédia de Sófocles.	★★

# si

## DE SÁBADO A SÁBADO

## ACTUALIDADE INTERNACIONAL OS ACONTECIMENTOS



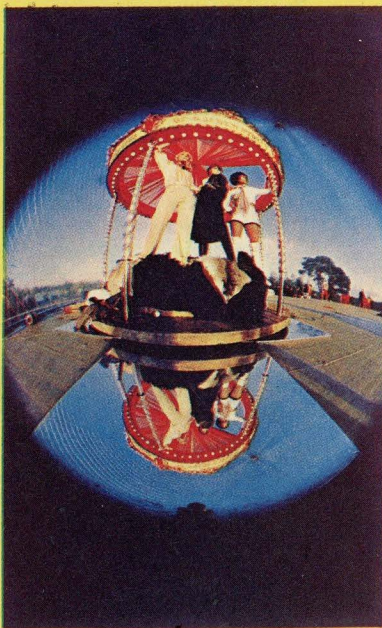
### HOLLYWOOD EM MODIFICAÇÃO

O que está hoje a suceder em Hollywood, a cidade que é a guardiã dos nossos sonhos? Será que a antigamente fabulosa Hollywood está pronta para sofrer uma operação ao coração, ou se tornou um corpo saudável e em recuperação. Quando a televisão apareceu em cena pela primeira vez, fizeram-se previsões sobre o facto de Hollywood ir soçobrar e morrer, e durante algum tempo pareceu que o famoso cenário de Hollywood iria ceder ao assalto da televisão, mas a extraordinária vitalidade de Hollywood nunca foi tão evidente como precisamente agora. Pelo contrário. Em certo sentido é Hollywood que está a ter vantagem sobre a televisão. A televisão americana está ainda a tentar recuperar-se do choque que sofreram quando foi exibido a «Ponte do Rio Kwai», e ninguém ligou para outros canais. Mais ainda, Hollywood começou a produzir filmes como «Música no Coração», «Bonnie e Clyde», «Chappagna», «O Graduado», «A Raposa», etc. Todos eles lidando com assuntos com os quais Hollywood nunca antes contactara, ou no típico velho estilo de grandiosidade popular como a de «Música no Coração». Por causa disto, Hollywood está a construir o seu próprio futuro, e não espera por ninguém para a salvar ou destruir.

Um dos filmes que a nova Hollywood está a produzir é um filme chamado «The Tonchables» («Os Tocáveis») da 20th Century Fox. Como se depreende do título, é diabòlicamente satírico, iconoclástico e verdadeiramente incongruente. Mas também toca as raias duma fantasia tão rica que o nosso fotógrafo Charles Moore fotografou os seus componentes, formando um elenco de puro deleite pictórico.

Estes retratos mostram que o novo aspecto de Hollywood não exclui a arte, mas sim entra o compasso com ela.

Copyright (c) 1969, Black Star e Agência Dias da Silva



### COMANDOS EGÍPCIOS MORTOS

Estes cinco cadáveres são vítimas da guerra do Médio Oriente. Ou cruzados de uma guerra santa extemporânea, ou



conscientes defensores de posições estratégicas, ou simplesmente vítimas de uma guerra com que pouco tinham a ver, estes homens pertenceram aos comandos egípcios.

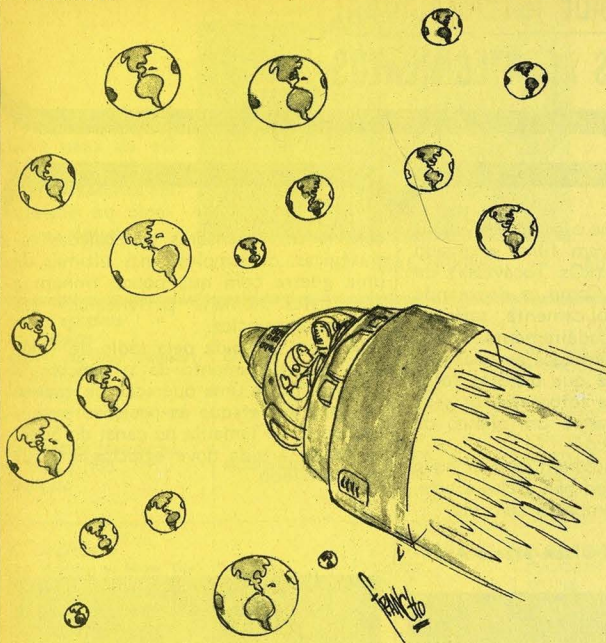
A foto, recebida pela rádio de Telavive, é o documento da sua morte, o documento de uma operação de guerra. Durante um ataque às posições israelitas, perto de Ismailia no canal do Suez, perderam a vida nove egípcios e a sua missão falhou.



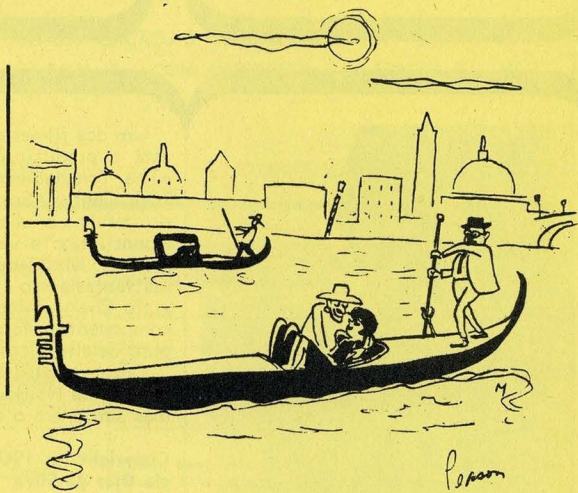
### O REI... DE MULETAS

«Alfredo, o Grande» dignou deslocar-se ao Leicester Square... aquando da sua própria estreia...

Tudo isto parece um contra-senso, mas é a pura verdade. Trata-se de David Hemmings, o fotógrafo incorformado de «Blow-up», que, tendo desempenhado o principal papel na película «Alfredo, o Grande», compareceu à noite de estreia. Simplesmente, como complemento da sua elegância — e da elegância de Gayle Hunnicut, sua mulher — «Alfredo, o Grande» não escolheu nenhuma espada, cravejada, nem nenhum punhal estilizado. «Alfredo, o Grande» foi... de muletas, resultado de um acidente durante as filmagens.

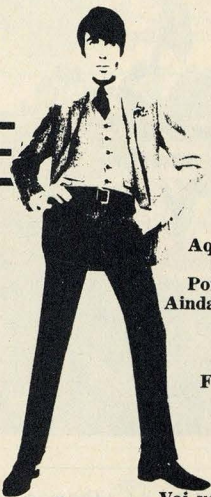


— Alguém está a gozar connosco!



calvície

**PORQUE  
TENHO  
TANTO  
CABELO  
E VOCÊ  
NÃO TEM?...**



Entre nós, meu caro amigo... é

**PERSONAL**

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz.

Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrês...». Quer saber o segredo? Vê este frasco?

É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada.

Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurna na sua toilette matinal.

Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrês...»

Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



**PERSONAL**

À venda na sua farmácia habitual

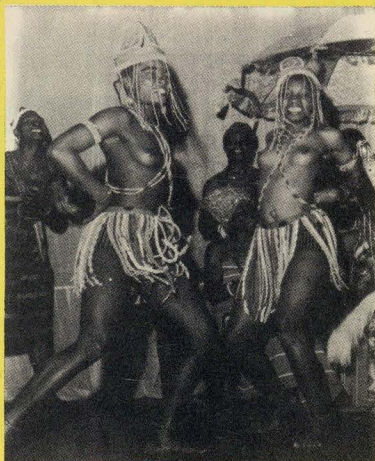
Representantes:  Avmami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r. c., Esq. Lisboa-5

# si

## DE SÁBADO A SÁBADO

## AS FIGURAS



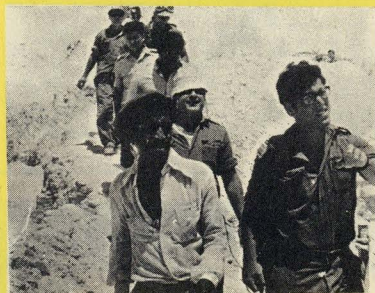
DOCUMENTAL

Aqui Planeta Terra, ano de 1969. Continuamos hoje a nossa série de cultura popular dirigida (C. P. D.) com fim à difusão cultural renovada no nosso Planeta.

Hoje é a vez de apresentarmos um documento sobre os costumes ancestrais do Homem Terreano.

Esta foto (que é usada muitas vezes com propósitos filatélicos) mostra-nos a dança ritual das esporas de um chefe de tribo africano.

**Nota:** segundo notícia de última hora recebida por **telex** electrónico estes costumes ainda subsistem.



AS ESTRELAS TOMAM PARTIDO

Este é Sammy Davis Jr. que toda a gente conhece. É muito célebre porque é um bom comediante, porque canta muito bem, porque é um mestre no

«show-business», porque casou com uma loura sueca, porque se separou da loura sueca, porque veio cá ao «nosso jardim da beira-mar e deu c'os pés na gente»... Enfim, é muito célebre.

Desta vez Sammy foi notícia em Israel. Numa visita de dois dias, visitou Jerusalém e os aquartelamentos do exército israelita no vale do Jordão. Foi convidado das forças de defesa de Israel e aqui o vemos com os seus hospedeiros a visitar terra judaica.

### O HERÓI VERMELHO

A que propósito é que uma companhia cinematográfica como a Twentieth Century Fox resolve investir milhões do bom capital americano para levar ao cinema a história de «**Che**» Guevara e da revolução de Cuba?!...

Oh, inocente pergunta!

Pergunta, aliás, que já muitos fizeram, incluindo os próprios núcleos americanos que fazem ainda perguntas. Por exemplo Omar Shariff — o actor que encarnará o «**Che**» (depois de ter encarnado o **Jivago**) — foi e é objecto da contestação, inclusive por parte da conhecida revista editada nos States — «**Playboy**».

Aqui vemos os **guerrilheiros** (do filme, claro) representando a preparação da conquista da Cuba de Baptista. O cenário é constituído pelas montanhas tropicais a 30 milhas da Ponce, velha cidade espanhola de Porto Rico.

Deus te guarde «**Che-Shariff**»!



### NOTÍCIA MUNDANA

Aqui, Planeta Terra, ano de 1969 (para todos os efeitos...).

Festejou-se o aniversário de Picasso, um Homem muito conhecido na esfera social, com residência fixa no nosso Planeta.



Picasso — 1.º nome: Pablo — tem 87 anos, uma carreira de óleos, paletas e pincéis, em que é planetariamente famoso, sobretudo quando os assuntos tratados são sociais e humanistas. Da história da sua vida foi particularmente falado o seu período cubista, cujos quadros mais representativos os nossos antepassados encaravam com ignorância, gozo e cepticismo.

Plabo Picasso, que aqui vemos com sua mulher Jacqueline, (uma terreana) nunca fez qualquer viagem espacial.



O GRANDE CHARLTON!

Este é Bobby Charlton — o **cérebro** do Manchester United —, um dos **top** do futebol mundial.

Pelos serviços prestados (95 jogos pela Inglaterra), pelas vitórias acumuladas Charlton foi agraciado com a insígnia da Ordem do Império Britânico, imposta por Isabel II, de Inglaterra.

A cerimónia decorreu em Buckingham Palace e a assistir estiveram três das suas «fãs». Precisamente sua mulher e as filhas Suzanne e Andrea que aqui vemos a posar para a posteridade.



HUMOR SEM PALAVRAS



# Haig

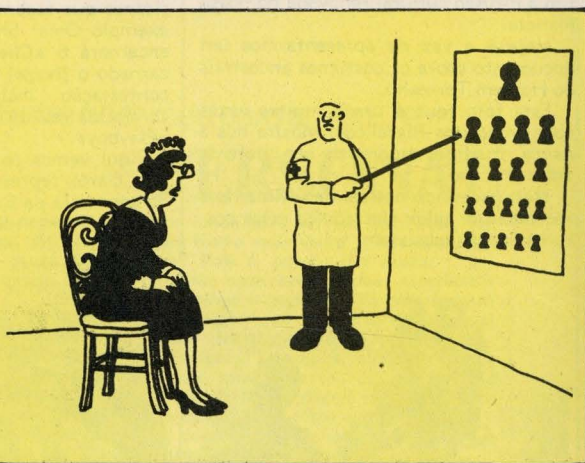
O WHISKY ESCOCÊS  
DE MAIOR VENDA  
EM INGLATERRA

apreciado  
em todo  
o mundo



SEMPRE QUE DESEJAR  
BEBER WHISKY...  
PEÇA E EXIJA  
HAIG

CONHECIDO DESDE 1628



Leia  
a  
«VIDA MUNDIAL»

# CETAVLEX

PARA AS QUEIMADURAS DO SOL

# si

## DE SÁBADO A SÁBADO

## AS INICIATIVAS

### VITIMA DA TALIDOMIDA

O juiz Hinchcliff está a tentar uma acção no Supremo Tribunal de Londres contra a Destillers Company (Bio-Chemicals) Ltd., responsável pela droga talidomida que tantos danos causou nas crianças nascidas de mães que a ingeriram durante a gravidez.

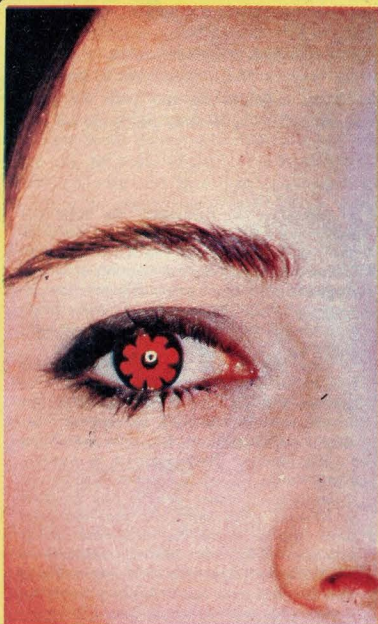
Para melhor julgar sobre as condições das crianças atingidas, o sr. Hinchcliff deslocou-se a Chailey Heritage Craft School and Hospital, no Sussex.

Durante a visita, o juiz conheceu o pequeno Graham, de 8 anos, nascido sem pernas e com braços defeituosos. Graham conduz Ema, um carro especial movido a electricidade, que custou 450 libras e foi exclusivamente adaptado ao seu físico.



### ESCOLHA A COR DOS SEUS OLHOS

Acabou a época de se ter inveja dos brilhantes olhos verdes das outras raparigas. A natureza foi vagarosamente afastada do mercado pela ciência. É possível agora esconder olhos castanhos-escuros naturais, e substituí-los por outros espumantes verdes, amarelos, encarnados ou rosas — ou que dizem a uma cercadura psiradélica à volta da íris. Tudo isto é possível graças aos avanços feitos no campo das lentes de



contacto. As raparigas podem agora combinar as cores dos olhos com as cores dos vestidos.

As lentes especiais de contacto foram modeladas pelo dr. Robert Morrison, um optometrista que chefia o segundo mais importante laboratório de lentes de contacto nos Estados Unidos. A ideia surgiu-lhe quando experimentava feitos vários para esconder irregularidades e defeitos na superfície dos olhos. As cores e feitos não afectam a visão do olho, desde que a área da pupila seja suficientemente grande. A accidental contribuição do dr. Morrison para a alta moda atrai muitos convertidos, especialmente no sector do espectáculo.

De vários modos isto foi um desenvolvimento inteiramente lógico, uma vez que as lentes de contacto — ou seja as vulgares — estão a substituir muito rapidamente os óculos vulgares. Já se desenvolveram as lentes de contacto bifocais, assim como as lentes de tamanho extra para desportos e actividades esforçadas. Deste modo, tal como no mundo da televisão, a cor está destinada a ir para a frente.

Copyright (c) 1969, Camera Press e Agência Dias da Silva

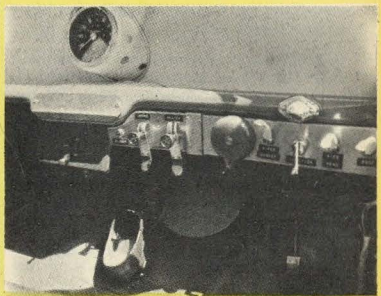
### CARRO SEM VOLANTE... ...PARA CONDUCTOR SEM BRAÇOS

É realmente muito esquisito este carro. Mas é só à primeira vista. Peter Spencer, de 44 anos, piloto da R. A. F., perdeu ambos os braços na guerra. O carro, esse, pertence ao Ministério da Saúde e foi adaptado por Geoffrey Harding, administrador de uma companhia de transportes em Wallasey. O sr. Harding é também um inventor e neste Mini substituiu muito simplesmente o eixo de direcção por um disco metálico a que foi ligado um sapato. Convertidos outros pormenores — luzes, sinais, ignição — tudo pode ser accionado com os pés.



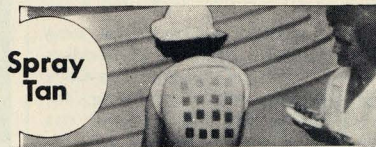
O condutor, o sr. Spencer, tirou a carta neste veículo e percorreu as zonas de tráfico mais intenso da cidade, durante cerca de 25 minutos. Chegou a casa e exclamou para a mulher e para os filhos:

— «Mr.» Harding deu-me novas perspectivas de vida! Poderei levar o Robin à pesca e, claro, poderei fazer compras.



# A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

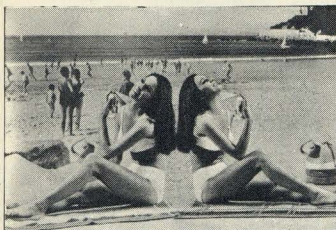
Uma **franca declaração** acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzeadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.



## Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzamento artificial (sem sol). O bronzamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

## Para intensificar o seu bronzamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzem) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de gradações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzeadores e índice de protecção contra as queimaduras.

O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

## Para acelerar o bronzamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquira um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhor, sim, as condições de receptividade aos raios bronzeadores do sol e obtenha pig-

mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

## Pele normal com tendência para secar?

Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

## Pele com tendência para engordurar?

Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

## Pele seca ou delicada?

Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

## Pele extra-sensível ao sol?

Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

## Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

A venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

**F. LIMA & C.ª SUCR., LIMITADA**

Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

# si

## DE SÁBADO A SÁBADO

## ACTUALIDADE NACIONAL



### A NOVA MULHER IDEAL PORTUGUESA

Chama-se Georgina Ventura Ferreira, tem 26 anos, 1,72 m. de altura e olhos negros, a nova Mulher Ideal Portuguesa que tem a particularidade de ser solteira e hospedeira dos T. A. P. Foi no decorrer de uma festa realizada no Casino do Estoril sob a égide da revista «Donas de Casa» — organizadora do concurso — que o resultado se tornou conhecido: Georgina Ferreira impusera-se nas diversas provas, desde o arranjo de casa, até perguntas sobre cultura geral, passando pela culinária e preparação de «cocktails». Agora, em Montecatini, na Itália, a nossa gentil representante disputará a final da Mulher Ideal, juntamente com senhoras de mais de 14 países. Na foto: a gentil hospedeira, tendo à sua esquerda a vencedora do concurso europeu do ano passado, a dinamarquesa Sissel Halvorsen, e as restantes concorrentes nacionais.

### EM DEBATE A ECONOMIA SOCIAL CATÓLICA

As coordenadas de uma política de desenvolvimento foram objecto de profunda análise do Secretariado Internacional dos Engenheiros Agrónomos e Economistas Católicos que se reuniu na Universidade Católica, no seu VII Congresso. Assim, congressistas de 18 países discutiram os diversos temas respeitantes da agenda encerrando-se o Congresso amanhã, em Fátima. A sessão inaugural presidiu S. E. o Cardeal-Patriarca, ladeado pelo eng. Vaz Pinto, ministro de Estado, pela sr.<sup>a</sup> Latemouse Bury, representante da Comunidade Europeia, pelo eng. Mário d'Erme, presidente internacional do Secretariado, prof. Bacelar de Oliveira, vice-reitor da Universidade Católica, padre Jarque, assistente do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos, e eng. Leite Garcia, presidente da Associação dos Engenheiros e Economistas Católicos

Portugueses. Para se fazer uma ideia do que, nestes últimos dias, tem sido analisado, citemos alguns pontos do discurso do prof. Patrick Melady, da Universidade de New Jersey, que afirmou:

«Existe uma consciência aguda dos problemas do desenvolvimento e «os pobres do Mundo estão conscientes pela primeira vez de que são pobres»; os quadros de crescimento económico mostram grande disparidade entre as nações e, no seio destas, variam de região para região; o produto interior bruto por habitante, em 63 países em vias de desenvolvimento, denota «a polarização do crescimento em favor dos países ricos nos países em fase de desenvolvimento»; o desenvolvimento de uma nação depende dos seus homens, da sua qualificação, da capacidade para se organizarem, da sua atitude em relação ao trabalho e da dedicação do governo em relação ao progresso económico; embora os capitais estrangeiros possam desempenhar um papel importante no desenvolvimento interno, o factor decisivo é, contudo, a soma dos esforços empregados pelo próprio povo, para vencer o atraso; os empréstimos estrangeiros podem degenerar em paternalismo ou mesmo em domínio franco; a finalidade do desenvolvimento económico é o bem-estar do homem e a salvaguarda da sua dignidade humana; apelar para o auxílio estrangeiro em nome da caridade cristã pode trazer consequências desastrosas; a maior parte dos povos ricos são brancos e cristãos, enquanto a maior parte dos povos pobres nem são brancos, nem cristãos; é necessário atender aos «ghettos» existentes dentro dos países, como no caso dos Estados Unidos; é necessário destruir o mito de que os países pobres são impotentes para se desenvolverem (citou, a propósito, os casos da Tanzânia e da Zâmbia, com planos arrojados de desenvolvimento, que já estão a concretizar); que os países desenvolvidos devem empregar novos métodos, quanto aos países em via de desenvolvimento: é urgente ultrapassar a fase dos discursos, para descer ao terreno das realizações.»



### TERRENOS PARA O SPORTING

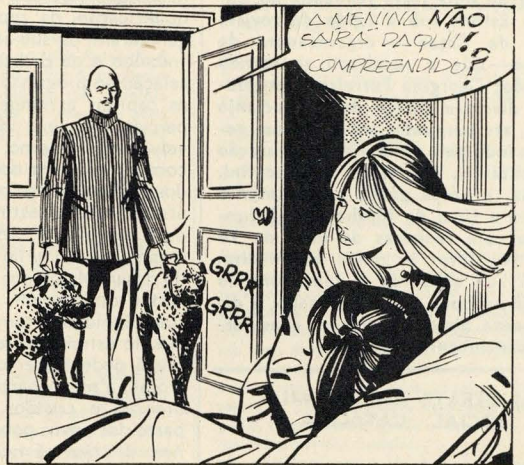
A Câmara Municipal de Lisboa cedeu ao Sporting Clube de Portugal terrenos situados junto do Estádio de Alvalade, tendo aquele clube a obrigação de entregar ao Município, no prazo de um ano, a sua sede na Rua do Passadico. Na foto: o sr. dr. Brás Medeiros, presidente do Sporting, a assinar a escritura, na presença do general França Borges e do dr. Armando de Aguiar.



### O PROBLEMA DA HABITAÇÃO NA ORDEM DO DIA

Problema dos mais graves do panorama económico nacional, a habitação carece de soluções urgentes, só possíveis depois de se efectuarem estudos em que sejam ouvidos não só os engenheiros — como é usual — mas também economistas, sociólogos, urbanistas e arquitectos. Isso, aliás, ficou claramente demonstrado no Colóquio da Habitação que se realizou no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Assim o Ministério das Obras Públicas criou o Fundo de Fomento da Habitação, ao qual incumbirá a coordenação e execução da política habitacional definida pelo Governo que será dirigido pelo eng. Jorge Mesquita, director do Gabinete Técnico da Habitação da Câmara de Lisboa. Na foto: um aspecto da tomada de posse do eng. Mesquita, na presença do ministro das Obras Públicas e do secretário-geral daquele ministério.

# STRIPPY em O HOMEM DA MASCARA DE COURO



*NOVO!  
agora em 3 perfumes  
diferentes*



CHARME  
SPORT  
TABAC

desodorizantes

**8x4**

A certeza duma presença desejada

Charme... Sport... Tabac... três aromas suaves, frescos, persistentes. Escolha a sua própria frescura, a sua própria simpatia. 8x4 combate e elimina de forma eficaz e duradoira o odor do corpo. Confie na sua presença durante todo o dia.

*8x4 stick pequeno, stick grande,  
spray, sabonete, talco.*



O NOVO **SAGRES** EXTRA LONGO

É TÃO LONGO  
QUE NÃO CABE  
NA LARGURA DESTA PÁGINA



O CIGARRO QUE AGRADA SEMPRE\*

TAMBÉM  
NO TAMANHO  
EXTRA LONGO

\*SEMPRE E AGORA... AINDA MAIS

desculpe...  
rode a página  
para a direita...